



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



SAMARAH ROHDT SOARES

**ENSINO DE LÍNGUA TERENA NA ESCOLA DA ALDEIA ALDEINHAMS:
UMA PROPOSTA DIDÁTICO PEDAGÓGICA**

**BARRA DOS BUGRES
MARÇO/2024**

SAMARAH ROHDT SOARES

**ENSINO DE LÍNGUA TERENA NA ESCOLA DA ALDEIA ALDEINHA-
MS: UMA PROPOSTA DIDÁTICO PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Helena Rodrigues Paes

BARRA DOS BUGRES-MT
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação
na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

Soares, Samarah Rohdt.

82) Ensino de Língua Terena na escola da Aldeia Aldeinha- MS:
uma proposta didático pedagógica / Samarah Rohdt Soares. - Barra
do Bugres, 2024.

114 f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Intercultural Indígena/BBG - Barra do Bugres -
Licenciatura - Indígena, Campus Universitário De Barra Do Bugres
"Deputado Renê Barbour".

Orientadora: Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Povo Terena. 2. Educação e Cultura. 3. Língua Materna. I.
Paes, Maria Helena Rodrigues, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 81'242 (=1

SAMARAH ROHDT SOARES

**ENSINO DE LÍNGUA MATERNA TERENA NA ESCOLA DA ALDEIA ALDEINHA-MS: UMA
PROPOSTA DIDÁTICO PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação
Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural
– PPGECH - da Universidade do Estado de Mato Grosso
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus*
Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT,
como requisito obrigatório para a obtenção do título de
Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 28 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

MARIA HELENA RODRIGUES PAES

Data: 28/05/2024 21:01:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Maria Helena Rodrigues Paes (PPGECH-UNEMAT) Orientadora



Documento assinado digitalmente

LISANIL DA CONCEICAO PATROCINIO PEREIRA

Data: 29/05/2024 10:26:41-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira (PPGECH-UNEMAT) Examinadora Interna



Documento assinado digitalmente

WELLINGTON PEDROSA QUINTINO

Data: 29/05/2024 14:57:29-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino (PPGL-UNEMAT) Examinador Interno



Documento assinado digitalmente

LETICIA FONSECA RICHTHOFEN DE FREITAS

Data: 29/05/2024 16:54:41-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas (PPGECH-UNEMAT)

Examinadora Externa

Dedico estes estudos à comunidade indígena
Aldeia Aldeinha,
Aos meus pais e toda a minha família, Aos
jovens terena do presente e do futuro.

AGRADECIMENTOS

A todos que tornaram possível esta jornada acadêmica e pessoal, expresso minha mais profunda gratidão.

Aos meus pais, Samuel e Haradia, cujo apoio inabalável e incentivo constante foram a base sobre a qual construí cada passo deste caminho. Aos meus irmãos e namorada, por sua presença reconfortante e por compartilharem comigo as alegrias e desafios desta jornada.

Aos meus tios e tias, em especial ao meu tio Reinaldo e a minha tia Sandra, cujo apoio vai além das palavras. Reinaldo, meu companheiro de Mestrado, meu guia nos estudos e nas longas viagens; sua presença em momentos cruciais é um presente inestimável. Sandra, sua ajuda nas viagens e nos estudos e seu apoio constante, foram verdadeiros alicerces durante este percurso.

À minha família em geral, por sua presença constante e amor incondicional.

À minha comunidade, Aldeia Aldeinha, por ser minha fonte de inspiração e pertencimento.

À Evélin Hekeré, por seu apoio incansável e constante encorajamento nos momentos de estudo.

À Ginayde Farias, por não medir esforços, mesmo estando em período de estudo de missões, muito contribuiu e ajudou nas traduções para a língua terena.

Aos meus colegas de diversas etnias, cuja diversidade de conhecimentos e tradições enriqueceu profundamente minha experiência acadêmica.

Aos professores e professoras do curso de Mestrado, por compartilharem generosamente seus conhecimentos e experiências. À professora Waldinéia e a professora Amanda, pelo acolhimento caloroso e apoio constante.

E, em especial, à minha orientadora Maria Helena, cuja sabedoria, orientação e paciência foram fundamentais para o sucesso deste trabalho. Sua dedicação e compromisso foram uma luz orientadora em cada etapa desta jornada.

A todos vocês, minha mais profunda gratidão por fazerem parte desta conquista, que de alguma forma, contribuiu para tornar este sonho realidade.

Obrigada do fundo do meu coração!

*Enquanto existir uma erva, uma árvore ou um rio no planeta, nós
povos indígenas existiremos.*

Edilene Batista Kiriri.

KALIHÚ KOETI YUHÔTI

Enepone Têrenoe motova éxeokono kuteati haxâ xanexapa koahati Guana kixo'ekoti "enoti xâne". Koane hane éxeokonomaka itúkeovo Anahí koeti úkeaku, Hara ípuxovo xoko Américado Sul, xapa chacos xe'oku Paraguay kaha'ine kixoti Brasil. Eneponehiko Guana Hara éxeokonomaka itúkeovohiko éxoti ko'ítukeyea xapa kavâne. Yane mekúke ako topi tokopone, itea kóxunakovohiko oposiko po'i ípuxovokuti, inixopono iháxoneti Mato Grosso do Sul. Ikéneke né okopokokoti koahati tríplice da aliança, êno hundaru ákoti Ita pihopea óvoku yane hane ponopovohiko xapa ípuxovoku têrenoe, akoti teyákanahiko. Koane enepona Têrenoe aruaki ituko iha né emó'u, ako topi inu'ixoku ípuxovoku kuveu Mato Grosso do Sul, haneko ípuxovokuti yakuku kixone fazenda, koanemaka apê ípuxovoku né têrenoe ya pitivokonake São Paulo. Koane Mato Grosso. Hanekomaka terenoe xoko pitivokonake Anastácio, ihaxonealdeinha purutuyehiko énone né iháxoneti aldeia urbana, 600 kê ko'óvokuti, emó'u purútuye itukonehiko, akone axu'ina koovokuti éxoti koyuhoyea émo'uke. Kôeku ko'iyeaneye, enepona ihíxaxovokuti Guilhermina, koxunakovo huvo'oxea né ihíxaxovotihiko ákoyea inatapa iháyukea né emó'u, yabe haneko ihíkavoti koahati "língua materna", yane énone itúkovo rá koyuhopeti, motovâti éxokea "ditado pedagógico" kixone purútuye. Yane motovâti ko'evesekeokono rá koyuhopeti, êno "pesquisa bibliográfica", hiyeu koyuhopeti usotine, kyuhoti kôeku emó'u têrenoe. Iyukomaka "pesquisa de campo" motovâti usó'iyea, hiyeu ko'óvokuti, koane xapa xâne exoati yumopea rá oposiuti, motovâtimaka huvooxea usó'iyea ne "material pedagógico" ituketimo kuveu ihíxaxovokuti, hiyeukemaka rá koyuhopeti, itukomaka "atividades em língua materna" kixonehiko purútuye, motovâti huvooxea koxepikea né aham itoponeahiko tá ihíxaxoti, koane oposikomahiko éxokea exetina têrenoe, koane exetina rá ípuxovokuti Aldeia Aldeinha. Hara itúkovoye po'i koyuhopeti yúhoeti motovâti ko'evesekeokono rá koyuhopeti, koyuhopetihiko koyuhoti exetina têrenoe, Bitencourt e Ladeira (2000), Oliveira (1976), Pereira e Nascimento (2013), Reginaldo (1016), Sebastião (2016). Enepora koyuhopeti, yupihovo itukeovo ihíkavoti nokone exea ihíxaxovotihiko, kuveu ihikauvo, vooku koekuikopo akoyea okoyuhohiko emó'u têrenoe, yane akoeneye ihanemo uruka isoneukehiko koyuheá kôekuti ovokuhiko. Palavras-chave: Terenoe; Ihíkavoti Yoko kixoku itukeovo; Emo'úti yuho xâne ukeátinekalivónoxoiko; Valorização Cultural.

RESUMO

O Povo Terena pode ser considerado como último remanescente do Grupo Guaná, cuja palavra significa “muita gente”. Os Guaná se caracterizam como um povo formado por vários grupos étnicos, habitantes da região sul da América do Sul, mais especificamente, nos Chacos entre Paraguai e Brasil. Caracterizando-se por serem exímios agricultores, acabaram sendo subservientes aos grupos mais guerreiros e decidiram se deslocar para outras terras, chegando ao território que hoje se denomina Mato Grosso do Sul. Após a Guerra da Tríplice Aliança, muitos combatentes brasileiros não retornaram para seus locais de origem, permanecendo e invadindo terras dos Terena, sem que nenhuma autoridade defendesse o direito destes indígenas que tanto contribuíram para o Brasil nesta guerra que disputou e defendeu fronteiras. Pertencentes a família Aruak, a maioria dos Terena vive em territórios descontínuos, cercados por grandes fazendas, espalhados por sete municípios sul mato-grossenses, entretanto, encontra-se pessoas Terena no Estado de São Paulo e na região norte de Mato Grosso. Na cidade de Anastácio-MS, a Aldeia Aldeinha se caracteriza como aldeia urbana, onde vivem cerca de 600 moradores, que tem na língua portuguesa sua forma principal de comunicação, sendo que poucos falam e compreendem a língua materna. Tendo em vista os projetos que visam a valorização da cultura tradicional a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva oferta uma disciplina denominada de “Língua Materna”, deste modo, este trabalho tem o objetivo de apresentar uma proposta didático pedagógica para o trabalho com a Língua Materna com alunos do Ensino Fundamental. Buscando valorizar a cultura tradicional, para a construção da referida proposta, foi necessário a pesquisa bibliográfica para buscar textos publicados em língua materna dos Terena, bem como para construir o histórico do meu povo, bem como o da Aldeia Aldeinha. Trata-se de um trabalho de pesquisa de campo, tendo na entrevista uma forma de buscar dados em língua materna para construir pequenos diálogos e exercícios para compor o material didático pedagógico, o qual poderá ser utilizado em sala de aula nas diferentes áreas de conhecimento, considerando que o mesmo, além de atividades em língua materna, traz o histórico do Povo Terena e da Aldeia Aldeinha. Como aporte teórico, buscou-se autores referência que publicaram sobre os Terena em diversos aspectos, como Bittencourt e Ladeira (2000), Oliveira (1976), Pereira e Nascimento (2013), Reginaldo (2016), Sebastião (2016), entre outros. É um trabalho de suma importância, já que o formato do material didático pedagógico propõe que os alunos desenvolvam pequenos diálogos, de situações cotidianas, buscando, com o tempo, que a língua Terena seja tomada como prática da rotina da Aldeia Aldeinha.

Palavras-chave: Povo Terena; Educação e Cultura; Língua Materna; Valorização Cultural

ABSTRACT

The Terena People can be considered the last remnant of the Guaná Group, whose word means “many people”. The Guaná are characterized as a people made up of several ethnic groups, inhabitants of the southern region of South America, more specifically, in the Chacos between Paraguay and Brazil. Characterized by being excellent farmers, they ended up being subservient to the more warlike groups and decided to move to other lands, reaching the territory that is today called Mato Grosso do Sul. After the War of the Triple Alliance, many Brazilian combatants did not return to their places of origin, remaining and invading Terena lands, without any authority defending the rights of these indigenous people who contributed so much to Brazil in this war that disputed and defended borders. Belonging to the Aruak family, the majority of the Terena live in discontinuous territories, surrounded by large farms, spread across seven municipalities in the south of Mato Grosso, however, Terena people are found in the State of São Paulo and in the northern region of Mato Grosso. In the city of Anastácio-MS, Aldeia Aldeinha is characterized as an urban village, where around 600 residents live, whose main form of communication is Portuguese, with few speaking and understanding their mother tongue. In view of the projects aimed at valuing traditional culture, the Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva offers a subject called “Native Tongue”, therefore, this work aims to present a didactic and pedagogical proposal for working with the Native Tongue, with elementary school students. Seeking to value traditional culture, to build this proposal, bibliographical research was necessary to search for texts published in the mother tongue of the Terena, as well as to build the history of my people, as well as that of Aldeia Aldeinha. This is a field research work, with the interview being a way of searching for data in the native tongue to build small dialogues and exercises to compose the pedagogical teaching material, which can be used in the classroom in different areas of knowledge, considering that, in addition to activities in the native tongue, it brings the history of the Terena People and the Aldeia Aldeinha. As a theoretical contribution, we sought reference authors who published about the Terena in different aspects, such as Bittencourt and Ladeira (2000), Oliveira (1976), Pereira and Nascimento (2013), Reginaldo (2016), Sebastião (2016), among others. It is a work of utmost importance, since the format of the pedagogical teaching material proposes that students develop small dialogues, from everyday situations, seeking, over time, for the Terena language to be adopted as a routine practice in Aldeia Aldeinha.

Keywords: Terena People; Education and Culture; Native tongue; Cultural Appreciation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Dona Umbelina Jorge	p. 18
Figura 2	Ocupação Indígena em Mato Grosso do Sul	p.28
Figura 3	Comida tradicional como mandioca frita, Hihi, bolo de jenipapo e bolo de fubá	p. 32
Figura 4	Dança tradicional com dança das mulheres Terena, com vestimentas confeccionadas com juta	p. 34
Figura 5	Dança tradicional com dança das mulheres Terena, com vestimentas confeccionadas com algodão	p. 35
Figura 6	Dança dos homens Terena	p. 36
Figura 7	Cerâmica produzida pela artesã Dilaine Sebastião	p. 37
Figura 8	Área do município de Anastácio/MS	p. 39
Figura 9	Em destaque a Área da Aldeia Aldeinha	p. 40
Figura 10	Horta familiar do Sr. Milton Campos divulgando a produção	p. 42
Figura 11	Fachada da Frente da Escola Guilhermina da Silva	p. 50
Figura 12	Estudantes fazendo uso da Quadra Esportiva da Escola	p. 51
Figura 13	Anciã terena narrando histórias da cultura tradicional para estudantes	p. 52
Figura 14	Card de divulgação das atividades do Projeto “Abril indígena” de 2023	p. 53
Figura 15	Miss Terenoe e professoras expondo vestimentas tradicionais do povo Terena	p. 54
Figura 16	Estudantes apresentando e explicando sobre alimentos tradicionais terena	p. 54
Figura 17	Estudantes na horta comunitária	p. 55
Figura 18	Estudantes na horta comunitária	p. 55
Figura 19	Contação do Mito de Origem para as crianças	p. 71
Figura 20	Representações em forma de desenhos sobre o Mito de Origem	p. 72
Figura 21	Crianças elaborando os desenhos inspirados no Mito de Origem	p. 72
Figura 22	Produção de desenhos dos alunos	p. 73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF	Constituição Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LDBEN	Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PPP	Projeto Político Pedagógico
RANI	REGISTRO INDÍGENA
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas
SED-MS	Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul
SESAI/DSEI	Secretaria de Saúde Indígena/Distrito/Distrito Sanitário Especial Indígena
TI	Terra Indígena

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	p. 15
CAP. 1	O POVO TERENA	P. 23
1.1	1.1 Sobre o Mito de Origem do Povo Terena	P. 23
1.2	Povo Terena: dos Chaco ao Brasil; dos Chaco à defesa do Brasil	p. 25
1.3	A pressão de colonizadores por terra: empurrando Terenas para fora de seu território	p. 28
1.4	Características da cultura Terena	p. 30
CAP. 2	ALDEIA ALDEINHA: UM CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL	p. 37
CAP. 3	CARACTERÍSTICAS LINGÜÍSTICAS DA ALDEIA ALDEINHA.....	p. 44
3.1	A Escola da Aldeia	p. 47
CAP. 4	DESAFIOS E PERSPECTIVAS LEGAIS PARA FORTALECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA	p. 56
CAP. 5	LÍNGUA MATERNA? LÍNGUA TRADICIONAL?A DISCUSSÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA TERENA NA ALDEIA ALDEINHA	p. 58
5.1	Língua ancestral: enfraquecimento da cultura tradicional	p. 62
5.2	A questão da “perda do uso da língua materna” entre os Terena	p. 63
CAP. 6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	p. 66
6.1	Caminhando com/na pesquisa	p. 68
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 73
	CONSULTORES NATIVOS	p. 76
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 77
	ANEXOS	
	PROPOSTA DIDÁTICO PEDAGÓGICA	

INTRODUÇÃO

A língua materna é fator preponderante para construção dos significados de existência de um povo, de modo especial, em seus aspectos culturais tradicionais e nas relações com o mundo. Os indígenas brasileiros tiveram suas trajetórias violentamente alteradas a partir da chegada dos colonizadores europeus, como narram diversos estudos históricos amplamente divulgados. Vários grupos desapareceram e os que sobreviveram ao projeto colonial, acabaram por ter sua cultura impactada pela imposição dos costumes não indígenas: alguns grupos atenderam ao chamado assimilacionista e integracionista, adotando os modos de vida da cultura majoritária; outros, mantêm, em alguma medida seus costumes da cultura tradicional, mesmo que convivendo “pacificamente” com a sociedade envolvente; alguns grupos resistem, se negando a deixar em segundo plano suas tradições culturais; outros, ainda, vivem em conflito na defesa de suas terras ancestrais, mantendo seus rituais sagrados marcando a diferenciação de sua cultura. Enfim, entre essas e outras, são diferentes as configurações dos grupos indígenas que caracterizam os povos originários no Brasil.

Os Terena se constituem como últimos remanescentes do Grupo Guaná, cuja palavra significa “muita gente”. O povo Guaná se caracteriza como um povo formado por vários sub- grupos étnicos, habitantes da região sul da América do Sul, mais especificamente, nos Chacos entre Paraguai e Brasil. Era constituído por mais de um povo, como os Mbaya Guaicuru e os Guarani. Com o final da Guerra da Tríplice Aliança, os Terena se estabeleceram definitivamente em terras, já suas, em Mato Grosso do Sul, disputando seu território tradicional com os não indígenas remanescentes dos conflitos da Guerra, os quais ali resolveram se estabelecer e não mais voltar para suas terras de origem. (SEBASTIÃO, 2016)

Falantes da língua materna do tronco Aruak, vivem atualmente em territórios descontínuos, cercados por fazendas e espalhados por municípios sul mato-grossenses: Anastácio, Aquidauana, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Nioaque, Rochedo e Sidrôlandia. Também há famílias Terena, ainda em Mato Grosso do Sul, vivendo em Porto Murtinho (T.I. Kadiwéu), Dourados (T.I. Guarani) sendo que no Estado de São Paulo também ocupam a T.I. Araribá. Há que se registrar sobre famílias Terena que migraram para o Estado de Mato Grosso, mais especificamente na região norte, no município de Peixoto de Azevedo, onde se estabeleceram e tiveram suas terras e territórios oficialmente reconhecidos, como informa Sara Reginaldo (2016).

Segundo Bittencourt e Ladeira (2000, p. 92), tendo em vista a chegada de não indígenas colonizadores, os indígenas não aceitavam os serviços nas fazendas, e com isso se rebelavam contra os fazendeiros, pois estes estavam em terras que eram tradicionalmente do seu povo. E diante disso, os Terena aproveitando que Marechal Rondon era chefe do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), trabalharam juntos para solicitar legalmente a posse de suas terras, que estava sob o comando do governo de Mato Grosso, nas décadas de 1920 e 1930. Somente as Terras Indígenas Cachoeirinha e Bananal/Ipegue foram oficializadas em 1905, pelo SPI, como terras demarcadas.

Os Terena tiveram vários momentos históricos e definidores em sua identidade cultural que merecem ser mencionados dentro sua trajetória de existência. O primeiro foi a saída da região denominada de Chaco, mais pontualmente, próximo ao Rio Paraguai, quando foram ocupando a região sul do estado de Mato Grosso. Naquela época, ainda no século XVIII, os Terena ocuparam um vasto território dedicando-se à agricultura, uma de suas principais características de sobrevivência, conforme Silva e Souza (2019). Um segundo fato, digno de ser registrado, se refere à Guerra do Paraguai (1864-1870), da qual, não só civis e militares ocidentais de Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai participariam como combatentes na guerra, mas, também, escravos africanos e povos indígenas tiveram sua parcela de envolvimento direto nas frentes de batalha. Os Guaicuru, por exemplo, lutaram diretamente no conflito ao lado do exército brasileiro, já os Terena, tiveram participação fornecendo alimentos aos soldados combatentes. Com a Guerra do Paraguai, os Terena perderam a maior parte do seu território, sendo disputado por não indígenas.

Este conflito colocou os índios Guaicuru e os Terena entre os dois fogos inimigos, ocorrendo inclusive à formação de batalhões composto exclusivamente por indígenas terena, os quais lutaram ao lado das tropas do império brasileiro em seus contingentes populacionais, pois foram diversas vezes atingidas pelos combates ou pelas enfermidades trazidas pelos exércitos adversários. No final da guerra do Paraguai, o território étnico foi substancialmente loteado entre os combatentes remanescentes da guerra, que permaneceram na região. (SILVA e SOUZA, 2019, p. 52)

Azanha (2005), após discutir fatos da participação de Terenas na Guerra do Paraguai, conclui que, a partir de tal evento, se cindiram em duas formas de sobrevivência: uma ancorada nos modos tradicionais da cultura e outra na qual seus membros “[...] se viram obrigados a constituir uma outra sociedade, diferente da anterior, e construída a partir de fragmentos dela.” (AZANHA, 2005, p. 80), ou seja, assumindo costumes não indígenas como seu jeito de

existência. Tal modo de compreensão considera a dispersão dos diferentes grupos Terena em função do conflito que se estabeleceu na região.

E, o último momento do que estou tratando, se concentra no processo legal de delimitação das Reservas Indígenas, em 1907, com a chegada da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas, mais conhecida como “Comissão Rondon”. Essa Comissão era chefiada por Marechal Cândido da Silva Rondon, e tinha como finalidade assegurar a comunicação dos territórios do interior brasileiro, como Mato Grosso e Amazonas, com a capital brasileira da época, Rio de Janeiro. Com isso, os Terena tiveram mais proximidade com a população não- indígena. Vale reforçar que, após a Guerra do Paraguai, fazendas foram sendo desenvolvidas com plantações e criação de gado. Com o tempo, os Terena, que antes estabeleciam relações de boa vizinhança, com trocas comerciais com os *purutuyé*, agora, enfrentavam problemas com denúncias de “invasão” de propriedades particulares. Os Terena, de acordo com Azanha (2005), entendiam que tinham livre arbítrio para caça e pesca em áreas que consideravam suas de tradição, assim, acabavam não reconhecendo limites de terra que os não indígenas habitavam, fato que gerava graves conflitos. Assim, o poder público se viu confrontado a realizar demarcação de áreas para os Terena, abarcando área total das 07 reservas Terena já criadas nos anos 1910-1920, totalizando cerca de 19.500 hectares, conforme continua explicando o autor.

Neste ponto, considero importante trazer Basques (2018) quando estabelece interessante discussão acerca do que significa a palavra/sentido de “aldeia” (*ipuxovoku*) para os Terena, ressaltando a ideia de relações sociais com histórico comum e espaço territorial ocupado por famílias de um ou mais tronco (*xuve*), ou seja, grupos familiares com uma dada liderança, o qual era considerado “o tronco”, ou seja, a liderança. “As aldeias terena se organizam em tornodesses ‘troncos familiares’ (*xuvé ko ’óvokuti*) [...]” (BASQUES, 2018, p. 916). Neste espaço de escrita, mais à frente, trarei informações mais detalhadas acerca do espaço geográfico constituído no início do século passado, que, mais tarde, ficou conhecido como Aldeia Aldeinha, foco do trabalho que aqui se apresenta.

A Aldeia Aldeinha está localizada no município de Anastácio-MS, a 127 KM de Campo Grande-MS que, segundo dados da FUNASA (2010) contava com 80 residências e um total de 321 moradores, porém, em conversa com uma das moradoras e também liderança da Aldeia, Evelin Tatiane, esta relatou que esses dados aumentaram para 140 famílias, totalizando assim 400 indígenas habitando a área. Sua história remonta os anos de 1932, com a chegada da família de dona Umbelina Jorge ao lugar.

A Aldeinha nasceu de uma família fraternal, formada pelos irmãos Gregório (Neco), Sebastião e José, filhos da falecida Umbelina Jorge que viu, ainda menina, eclodir a Guerra do Paraguai. Depois do conflito com o Paraguai, a parentela de Umbelina reagrupou-se na Fazenda Conceição; por volta de 1920, foi atraída pelo SPI para a Reserva de Buriti, onde os três irmãos residiram até 1933, ano em que foram para Aquidauana, fugindo de uma epidemia que grassava na aldeia. Foi nesse ano que estes irmãos fundaram Aldeinha, em 40 hectares de terra comprados ao “Coronel Chá” – um fazendeiro mestiço da região, por “um conto e oitocentos mil-réis”, conseguidos com a venda de reses e cavalos que haviam trazido de Buriti. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1968, p. 135-136).

Pereira e Nascimento (2013), mais detalhadamente, narram que a caravana da família de Dona Umbelina, tinha como destino chegar até a aldeia Cachoeirinha, no município de Miranda, também no Mato Grosso do Sul, entretanto, ao chegar à Fazenda Santa Maria, onde encontrou seu filho Zé Correio, que lá morava há tempos (foi criado como filho do dono da fazenda), este convenceu dona Umbelina a ficar por ali mesmo, pois já estava negociando para comprar um pedaço de terras. Assim foi feito e compraram 32 hectares de terras do senhor Manequinho, o pai de criação de Zé Correio, em troca de animais e serviços de retirada de madeira.

Figura 1 – Dona Umbelina Jorge



Fonte: Pereira, Medeiros e Silva, 2016

O nome “Aldeinha” acabou sendo naturalizado pois, no início do aldeamento os evangélicos de uma aldeia maior e próxima, iam visitar a “aldeia pequena” aos domingos e,

¹ Dona Umbelina Jorge. Matriarca das primeiras famílias que chegaram na Aldeia Aldeinha.

acabavam referindo-se ao lugar como “aldeinha”. Lá iam com fins de evangelização e ficavam comovidos com a condição de vida difícil das pessoas do lugar, ainda começando a aldeia, sem documentação e sem condições de reivindicar oficialmente recursos melhores. (PEREIRA e NASCIMENTO, 2013)

Tendo em vista a grande dissipação dos grupos Terena, e o intenso contato com a sociedade dos *purutuyé*, os costumes tradicionais terenas iam sendo esquecidos e alguns membros Terena se preocupavam com tal situação, resolvendo sobre a necessidade de se criar um Conselho Tribal, o que aconteceu no ano de 1982, sob a liderança de Isaias Delgado, mesma época que começaram a retomar algumas práticas da cultura tradicional.

Na década de 90, conforme ainda com Pereira e Nascimento (2013), houve a chegada de grande número de famílias de colonizadores, especialmente do Nordeste para ocupação de áreas para plantio; chegaram invadindo com fins de ocupar as terras o máximo que podiam. Foi um período difícil, pois sem armas específicas, tinham que defender seu território diante de armas de fogo usadas pelos invasores. Foi assim que se formou uma área urbana ao redor da Aldeia Aldeinha, pois os invasores foram chegando e construindo casas muito próximas da aldeia onde estavam os Terena, naquela terra tradicionalmente ocupada pela família de Dona Umbelina Jorge.

Conforme anunciam Pereira, Medeiros e Silva (2016, p. 03), “Nas últimas décadas a quantidade de famílias vivendo na Aldeinha quase que triplicou, sendo que atualmente vivem ali 91 famílias Terena com uma população de 350 habitantes”. Continuam esclarecendo a respeito da constituição da população, afirmando que se trata de pessoas que chamam de “híbridas”, pela miscigenação com pessoas de outros lugares que ali fizeram morada e acabaram se casando com os Terena que originaram o povoado, mas, sem perder de vista a identidade terena e sua noção de territorialidade indígena.

Segundo Souza (2009), por se tratar de uma Aldeia Urbana, devido ao reconhecimento oficial de apenas quatro hectares, as pessoas que ali habitam trabalham no comércio, na escola ou no frigorífico instalado na cidade de Anastácio-MS. Há que se lembrar que os Terena, tradicionalmente, são exímios agricultores e ceramistas, mas, em razão da aldeia estar em perímetro urbano e não ter terra o suficiente para sobrevivência na agricultura ou até mesmo do trabalho com as cerâmicas, é preciso se inteirar dos postos de trabalho da rotina ocidental. Ressalta Rohdt (2016) que a aparência da Aldeinha se parece mais com um bairro do que com uma aldeia tradicional devido à urbanização da cidade.

Neste ponto, quero lembrar a história de início da Aldeia Aldeinha e, conforme relata Edmundo Pires (2015), dos 32 hectares que a família de Zé Correio possuía, restou apenas quatro hectares, com casas de alvenarias com banheiros, rede de energia elétrica, água encanada e saneamento básico, ou seja, como um bairro mesmo da cidade, em perímetro muito abaixo do que a terra originalmente possuía a família fundadora do lugar.

Com o tempo, o espaço onde os Terena vivem, a Aldeia Aldeinha, foi conquistando os serviços públicos necessários para atendimento à população, assim, a aldeia conta com a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, que oferece a educação básica completa e a Unidade de Saúde Vila Umbelina, atendendo as questões de saúde dos moradores.

Em se tratando de educação escolar, conforme o Projeto Político Pedagógico-PPP (2022), a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, possui 200 alunos matriculados em seu total, tendo para atendimento dos processos escolares a equipe administrativa e pedagógica: diretoria, secretaria, funcionários administrativos, equipe de professores, equipe de limpeza e merenda escolar. O Quadro de funcionários conta com pessoas da sociedade ocidental e também pessoas Terena, porém é a primeira vez que o quadro dos professores é composto apenas por indígenas Terena. A escola atende ao modelo comum do Sistema Nacional da Educação bem como ao modelo de Educação Estadual, seguindo as normativas da SED-MS (Secretaria de Educação de Mato Grosso do Sul). Embora com tal condição, a escola tem o privilégio de trabalhar de forma específica e diferenciada, assim, a grade curricular oferece disciplinas específicas para a cultura Terena, como a disciplina de Língua Materna Terena e a disciplina denominada Questões Indígenas.

O PPP ainda ressalta que a escola faz parte do cotidiano do aluno de forma que os pais e comunidade devem estar envolvidos em todo o processo de aprendizagem, como as colaborações e atuações de especialistas em conhecimento tradicionais: tocadores de instrumentos musicais, cantadores, contadores de narrativas míticas, apresentadores das danças, especialistas em confecção de artesanatos e outras funções próprias e necessárias ao bem viver dos povos indígenas.

A escola oferece o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, Ensino Médio 1º ao 3º e a EJA (Educação de Jovens e Adultos). É composta por alunos indígenas e não-indígenas, ofertando na sua matriz curricular a disciplina de Língua Materna, mas, por se tratar de uma aldeia urbanizada e por conter alunos não-indígenas, a condição linguística da língua terena vem sendo prejudicada, no meu entendimento, pois, no cotidiano, a língua portuguesa é majoritária. Conforme Pereira e Nascimento (2013), com o avanço do crescimento da cidade os Terena vêm

enfrentando um confronto cultural, e alguns jovens tem vergonha da língua terena e da cultura terena, deixando, assim, somente aos anciãos a responsabilidade de falarem a Língua Terena.

E com isso gera uma preocupação muito grande, pois se uma geração anterior e a minha geração já não sabe falar a Língua Terena, fico imaginando como estarão as gerações futuras em termos de uso da língua tradicional. E, é a partir desta preocupação que surge a questão sobre a necessidade de se propor um material didático pedagógico, contendo trechos de mitos e histórias tradicionais do Povo Terena, bem como trabalhar pequenos diálogos do cotidiano na Língua Terena, bem como exercícios que visam a aprendizagem de parte da Língua Terena. Tal material se reveste de importância tendo em vista seu uso na rotina escolar. Espera-se que, com tal material, os alunos da Escola da Aldeia Aldeinha vão se acostumando a usar a Língua Terena em sua rotina, inspirados nos trabalhos em sala de aula. Neste sentido, estudar esta temática é importante para tornar hábito o uso da Língua Terena. Espera-se que, com isso, a Língua Terena volte a ser valorizada pelos jovens e, assim, não se perca por inteiro, pois, considero que a língua é um forte fator na definição e valorização da identidade de um povo e deve ser mantida, assim como sua cultura. Acredito que o material produzido, a partir desta pesquisa, poderá contribuir com as futuras gerações, no sentido de valorização da cultura tradicional a partir do conhecimento e uso da língua tradicional do nosso povo.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta didático pedagógica para trabalhar na disciplina de Ensino de Língua Terena para a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva da Aldeia Aldeinha-MS. Para este intento, busca-se o levantamento de histórias, mitos e pequenos diálogos rotineiros na língua terena. Sendo eu, pesquisadora pertencente à etnia Terena, atualmente atuando como professora da citada Escola, desejo propor este material didático pedagógico para uso em sala de aula buscando fortalecer o uso da língua tradicional dos Terena da Aldeia Aldeinha.

Para atingir tal objetivo, este trabalho acadêmico necessitou de rigor metodológico, tendo a pesquisa bibliográfica como essencial e fundante para a construção do pensamento e organização dos caminhos percorridos. Assim, se fez necessário estudos teóricos sobre as questões conceituais de Cultura, Identidade, Língua Materna, bem como o levantamento do histórico dos Terena e da Aldeia Aldeinha. A pesquisa bibliográfica também se configurou em fonte básica para buscas de textos publicados em Língua Terena.

O trabalho se configura numa pesquisa qualitativa, tendo nas entrevistas sua principal fonte de coleta de dados. Deste modo, se buscou junto a anciãos, falantes da língua materna, histórias tradicionais e mitos dos quais lembram, relatando na sua língua originária. A entrevista

com o professor da disciplina de Língua Terena, na Escola da Aldeia Aldeinha também se configurou como fonte inquestionável de busca de dados, tentando compreender, segundo sua experiência, as melhores configurações de exercícios para a sala de aula. Além da coleta das narrativas dos anciãos, estes foram convidados para narrarem suas histórias e os mitos, em língua materna, para os alunos da escola, os quais, posteriormente fizeram desenhos que serviram para ilustrar o material didático pedagógico. Após o registro da entrevista, feito pelo aplicativo de gravação do aparelho celular, as histórias foram transcritas para o computador, em programa Word, cujos registros foram revisados pelo professor da disciplina de Língua Terena.

Tendo o acima explicitado, este trabalho está organizado em 7 Capítulos, sendo o Capítulo I dedicado a esclarecer sobre o Povo Terena, desde informações sobre seu Mito de Origem, bem como um breve histórico da existência do meu povo, trazendo ainda informações sobre modo de vida, práticas tradicionais, etc. No capítulo II, informarei sobre o contexto histórico e cultural da aldeia Aldeinha, local de realização da pesquisa e execução do material didático pedagógico. No capítulo III ressalta-se as características linguísticas e a história da escola na aldeia Aldeinha. No capítulo IV esclareço quais os desafios e perspectivas para a manutenção da língua materna, o conceito de língua materna e a questão da perda do uso da língua materna. E, no capítulo V, trata-se sobre importante questão sobre o modo de se nominar a língua Terena: Língua Materna ou Língua Tradicional? Ou seja, trago discussão sobre o uso da Língua Terena na Aldeia Aldeinha, a Língua ancestral, tendo em vista o enfraquecimento da cultura tradicional e a questão da perda do uso da língua materna na rotina entre os Terena. O capítulo VI relata sobre os procedimentos metodológicos adotados para criar o produto pedagógico aqui apresentado e que se expressa como ponto crucial deste trabalho. E no último capítulo, o capítulo VII, são as considerações finais acerca de todo estudo e processo de produção do que foi realizado.

CAPÍTULO 1 - O POVO TERENA

1.2 Sobre o Mito de Origem do Povo Terena

Hara kôe né véxetina, apenóvo pohúti hóyeno kóehati Yurikuyuvakae, ákoti ênoo Yoko há'a, yonôti yara kuvéu mêum. Yané kuveuke hanaiti hoikuti enómaka hó'openohíko, koane apemaka hanaiti xuvé tikóti ovohexoku ne vítuka ixomoyea enéo.

- Nonjopi, nonjopi, nonjopi!! Kamoané Yurikuyuvakae ahi'okovane ne xuve tikóti, iná noexo vítuka, ixomoyea êneo koanemaka komomoyea xoko uhóro, yané puhí koene pohúti tûti xâne uhorokuke. Pi'apeke kaxé eneoponimáka né vítuka, xokoyoye ne hanaiti xuve tikoti. Yané pihopinoanemaka ne Yurikuyuvakae komomoponea, noxoné piâti tutiye puhí kôti. Yané mopo'apeke kaxé aukopinovamaka ne Yurikuyuvakae kamoane ne hó'openohiko eneokexea.

- Nonjopi, nonjopi, nonjopi!! Iná ahíokinova. Iná Noxo enô tutí xânehíko, yane kixoane ipihikanoe, yané ivákaákoane ako'óyea exa emôutihiko. Ihaxikone kali hovovô, yané taliki, taliki koéne ne hovovô nonekukehíko ne xanehíko, turixonovéhiko uhé'eyea koane koyuhókexea.

Ina kixoahíko, Yurikuyuvakae:

- Undi ihae mêrum, kene itínoe ihae poké'e, inzaxopitinoe Tereno'e. Uké'exoa yuhoixea itaikoaniko éxea ra mêum.

Acima, trago o Mito de Origem do Povo Terena registrado na língua terena, em um livro publicado no ano de 2018, como resultado de atividades desenvolvidas no Projeto “Ação Saberes Indígenas na Escola” realizado na cidade de Dourados-MS. Mas, é preciso dizer que, no que se refere ao Mito de Origem do Povo Terena, temos dificuldade de localizar fontes queregistram tal narrativa, em especial, o registro escrito em língua terena. É de se compreenderque, em trajetória de tamanha dispersão e envolvimento com a sociedade ocidental, como ocorre com os Terena, as histórias tradicionais acabem sendo perdidas com o tempo, em especial, registros em língua terena.

É possível afirmar que há várias versões sobre a origem dos Terena, como podemos acompanhar em Oliveira (1968) ao explicar a “Divisão Dual” do nosso povo: Sukirikionó e Xumonó. Naquela obra, o autor cita várias versões da origem mitológica dos Terena, tentando esclarecer acerca destas duas metades. A variedade de versões é também citada por Bittencourte Ladeira (2000), argumentando que as versões se caracterizam em função dos momentos vividos pelos grupos que narram sua origem. Fazem uso de um relato oral do senhor Antonio Lulu Kaliketé, registrado por Herbert Baldus, em 1947, conforme segue:

“Diz que antigamente não havia gente. Bem-te-vi. *vítuka*², descobriu onde havia gente debaixo do brejo. Bem-te-vi marcou o lugar aos *Orekajuvakái* que eram dois homens e estes tiraram a gente do buraco.

Antigamente, *Orekajuvakái* era um só e quando moço a sua mãe ficou brava, pois *Orekajuvakái* não queria ir junto com ela à roça. Foi à roça, tirou foice e cortou com ela *Orekajuvakái* em dois pedaços. O pedaço da cintura para cima ficou gente, e a outra metade também. Antes de tirar a gente do buraco *Orekajuvakái* mandaram tirar fogo, *iukú*³. Pensaram quem vai tirar fogo. Foi o tico-tico, *xavokóg*⁴. Ele foi e não achou fogo. Depois foi o coelho, *kanóu*⁵, e tomou o gogo dos seus donos, os *Tokeóre*⁶. O *konóu* chegou onde estava os *Orekajuvakái* e foram fazendo grande fogueira. Gente levantou os braços e *Orekajuvakái* tirou do buraco. Toda gente era nu e tinha frio e *Orekajuvakái* chamaram para ficar perto do fogo. Era gente de toda raça.

Orekajuvakái sempre pensaram como fazer falar esta gente. Mandaram-na entrar em fileira um atrás do outro. *Orekajuvakái* chamaram lobinho, *okué*⁷, para fazer rir a gente. Lobinho fez macacada, mordeu no próprio rabo, mas não conseguiu fazer rir. *Orekajuvakái* chamaram sapinho, aquele vermelho, *kalaláke*⁸. Este andou como sempre anda e a gente começou a dar risada. Sapinho passou ida e volta ao longo da fila três vezes. Aí a gente começou a falar e dar risada. *Orekajuvakái* ouviram que cada um da gente falou diferente do outro. Aí separaram cada um a um lado. Eram gente de toda raça. Como o mundo era pequeno, *Orekajuvakái* aumentou o mundo para o pessoal caber. *Orekajuvakái* deu uns carocinhos de feijão e milho e deu mandioca também e ensinou como se planta. Deu também semente de algodão e ensinou como tecer faixa. Ensinou fazer arco e flecha, ranchinho, roçar e plantar.”. (BITTENCOURT E LADEIRA, 2000, p. 23)

Uma outra versão, narrada por Oliveira (2002) conta que no meio de um lugar, no pantanal a margem ocidental do Rio Paraguai, onde era habitado só por Xamakoko e alguns Kadiwéu, havia um maço de capim. Com isso gente moça tirou todos os Terena que estavam debaixo da terra. Estavam tremendo de frio. A narrativa conta que uma velha esqueceu seu Hupaié (fuso) e por isso quis voltar para apanhar o seu Hupaié e ficando tampada por um dos irmãos gêmeos terena (Pitanoé). Por isso metade dos Terena ainda ficaram por lá.

Enfim, são várias as versões sobre a origem do povo Terena, entretanto, tomamos como importante a que mais circula entre os Terena na atualidade: a decidida por um grupo de

² Vítuka: Bem- te- vi. (ave, *Pitangus sulphuratus*).

³ *Iukú/ yúku*, significa fogo.

⁴ *Xavokog*: Tico-tico.

⁵ *Kanóu/ konôum*: coelho.

⁶ *Tokeóre/ Tókoe*: Galinha da angola.

⁷ *Okué/ Ókue*: Lobinho.

⁸ *Kalaláke*: Sapo vermelho.

professores. No município de Miranda-MS, segundo informe de Bittencourt e Ladeira (2000), alguns professores terena da Aldeia Cachoeirinha se reuniram e decidiram registrar uma versão do Mito de Origem Terena, pois, entenderam que era importante fazer esse registro como parte de valorização da sua identidade cultural.

De acordo com tal narrativa, Yaukae estava caminhando quando ouviu um pássaro cantando. Esse pássaro era o Bem-te-vi. Quando chegou perto do passarinho viu um buraco com feixe de capim. Ao abrir o feixe de capim encontrou várias pessoas, eram os Terena. Quando tentou se comunicar não houve sucesso, e então, teve a ideia de convocar alguns animais. Porém, alguns animais não tiveram comunicação. Oreka, só obteve sucesso quando convocou o sapo. Quando o sapo se apresentou, todos que estavam no buraco deram gargalhadas, e foi dessa forma que começaram a se comunicar, e disseram que estavam com frio.

Enfim, seja qual a versão adotada, o Povo Terena tem uma sofrida história de pressão e dispersão em função de muitos processos históricos e sociais ocorridos em sua trajetória de existência como Povo.

1.2 Povo Terena: dos Chaco ao Brasil; dos Chaco à defesa do Brasil

Bittencourt e Ladeira (2000) lembram que os mais antigos, entre os Terena, costumam denominar seu local originário de Êxiva. De acordo com Sebastião (2016,) o povo Terena é originário do subgrupo Guaná, pertencente ao tronco linguístico Aruak, sendo habitante tradicional de parte de territórios da América do Sul. Originalmente, de acordo com Souza (2009), os Guaná habitavam a região do Chaco Paraguai e, a partir de 1673, mudaram-se para a Província do Itati, cujo local ficava ao norte do trópico do Rio Paraguai.

Souza (2009) se ampara em Carvalho (1979) para esclarecer que a região dos Chaco era habitada exclusivamente por treze nações indígenas que ainda não estavam sob domínio colonial, apesar de cercadas por províncias espanholas. Entre essas nações estavam a nação Guaná, a qual reunia vários povos, um deles eram os Terena. Embora abarcados todos como grupo Guaná, os povos que os compunha eram cultural e linguisticamente diversos. Dos povos que habitavam os Chaco, é possível destacar-se, conforme os autores acima mencionados, os Guaraní, com uma população de 40 a 50 mil pessoas, os Mbayá, com 3 a 4 mil indivíduos

divididos em várias tribos, e os Guaná, que eram mais pacíficos e dóceis, com cerca de 300 mil membros.

Os Mbayá eram conhecidos pela sua característica de bons guerreiros, hábeis caçadores montados em seus cavalos, sendo que tal condição dava-lhes vantagem nos combates sobre outros povos que não possuíam essas habilidades e armas específicas. Os Terena, como bons agricultores, eram frequentemente alvo dos Mbayá/Guaicuru, que buscavam suprir suas necessidades alimentares com os produtos agrícolas dos demais povos que tinham a agricultura como sua prática de existência.

Para evitar ataques frequentes, ainda seguindo Souza (2009), os Terena optaram por entregar pacificamente os produtos agrícolas aos Mbayá/Guaicuru, o que resultou em uma relação de subserviência: os Guaicuru eram os suseranos e os Terena seus vassallos cultivadores, como esclarece a autora. Os conflitos na região foram comuns devido à superioridade militar dos Guaicuru, que utilizavam cavalos, em comparação com as tribos pedestres e agrícolas. Entretanto, da forma como se arranjaram, viviam em relativa paz no convívio. É possível compreender que “A aliança entre Guaná e Guaicuru foi possível por serem povos com um modo de vida diferente. Os Guanás eram hábeis agricultores que viviam das roças próximas às suas aldeias e os Guaicuru, vivendo da caça e da pesca controlavam vastos territórios.”. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 36).

Com a chegada dos europeus colonizadores e caçadores de riquezas minerais, a história de boas relações, inicialmente com os colonizadores, começou a mudar, pois, os não indígenas iam chegando, ocupando territórios e expulsando os povos originários do lugar.

Os brancos chegaram ao Êxiva navegando pelo rio Paraguai, vindos do porto de Buenos Aires. Vieram atraídos pelas lendas sobre a riqueza das minas de ouro e prata na região dos Andes, onde a mais rica das minas de prata era Potosí, no atual país chamado Bolívia. Esse era o caminho mais curto para chegar até a região das minas. Sabendo disso, eles organizaram muitas expedições para lá. Assim, a partir do século XVI começou a história do contato entre os povos indígenas, primeiros habitantes e senhores dessas terras, e os europeus. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 37-38)

Primeiro foram os espanhóis, depois os portugueses; vinham atrás de ouro e prata, abundantes no Êxiva e, aos poucos, foram abrindo vilas para moradia, trazendo costumes diferentes e ferramentas que mudaram sensivelmente a natureza do lugar. Na verdade, havia disputas, conflitos e mortes entre portugueses e espanhóis em disputas violentas pelos minerais

do lugar. Claro que, com a proximidade que viviam, os indígenas acabavam sendo afetados por estes conflitos. (BITTENCOURT e LADEIRA)

Considero importante para este trabalho que visa fortalecer a cultura tradicional dos Terena, trazer um excerto coletado por Bittencourt e Ladeira (2000) de entrevista com João Martins, da Aldeia Cachoeirinha, que narra suas lembranças do que lhe contavam seus avós acerca daqueles tempos de sofrimento do Êxiva.

Minha avó, meu avô são do Êxiva. Eles usaram uma taquara bem grande para atravessar o rio... pelo nome 'taquaruçu' ela é conhecida pelos purutuyé. Eles trançavam com cipó (hymomó) para fazer uma canoa para atravessar o rio Paraguai (huveonokaxionó – rio dos paraguaios) quando vieram para o Cachoeirinha. (p. 39)

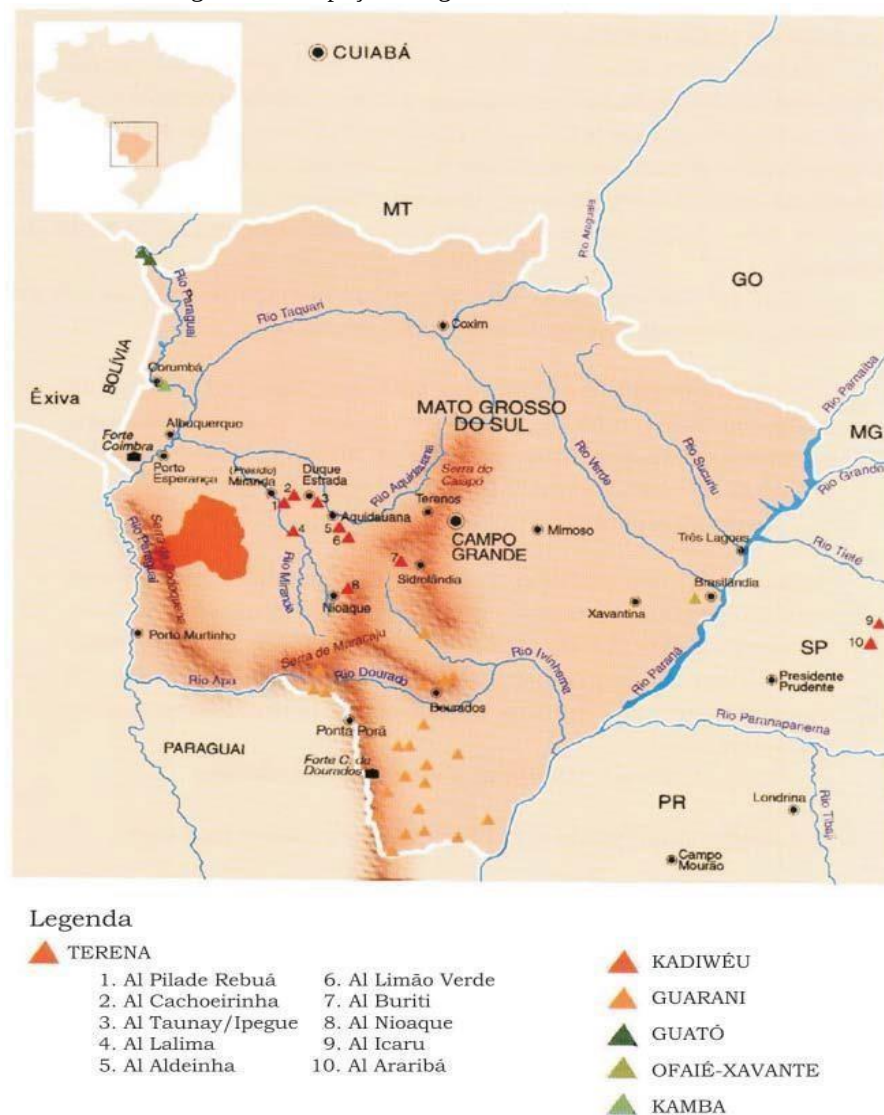
Ou seja, tais lembranças narram e dão a entender situações de pressão a tal ponto que levavam os indígenas a deixar seu lugar originário, sagrado.

Foi em meados de 1791 que os Guaicuru, cansados de exploração e invasão de seu território, declararam sua hostilidade contra os espanhóis e foram perseguidos e empurrados até o rio Miranda, onde se estabeleceram por volta de 1796, formando uma tendência de aldeamentos na área de Mato Grosso. Nesse período, eles se aliaram aos portugueses contra os espanhóis, garantindo a ocupação territorial brasileira na fronteira. Por serem vizinhos e sofrendo as mesmas pressões que os Guaicuru, os Terena também participaram destas campanhas e, do mesmo modo, foram sendo empurrados para outros territórios.

Na época em que os Terena deixaram o Êxiva, a região de Miranda era desabitada. Eles foram os primeiros a ocupar a área. A ocupação da região pelos portugueses começou depois da descoberta de ouro na região de Cuiabá em Mato Grosso no século XVIII. Várias povoações foram fundadas pelos portugueses nessa época: Cuiabá (1727); Albuquerque e Vila Maria (1778). (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 41)

A ocupação foi acontecendo em território, na época, não possuía habitação de outros povos, assim, os Terena foram se espalhando em terras que conseguiam viver e plantar seus alimentos, conforme sua tradição de vida.

Figura 2 – Ocupação Indígena em Mato Grosso do Sul



Fonte: Pereira e Nascimento, 2013, p. 298

1.3 A pressão de colonizadores por terra: empurrando Terenas para fora de seu território

Tendo em vista o período do Império, entre 1822 e 1889, o governo imperial passou a autorizar as expedições de estudiosos estrangeiros para explorar o território do país, quando se começou a ter notícias registradas, e divulgadas ao mundo, sobre plantas, terra, e cultura de povos em terras brasileiras, assim que Langsdorff, entre os anos de 1825 e 1829, percorreu os territórios habitados pelos Terena e deu publicidade aos seus modos de vida. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000)

Com o ato político da Independência, o território como ficou conhecido como Brasil e, sua população, na época, tratou de conviver dos modos mais pacíficos possíveis nos ritmos que já vinham sendo colônias de Portugal. Nos territórios onde viviam mais espanhóis exploradores, formaram os países da Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, após independência da Espanha. Paraguai, na época, conforme Bittencourt e Ladeira (2000) não se contentou com o que lhe fora reservado como território, pois, era considerado como espaço de maior poder político e influência da região. Assim, passou a disputar maior direito à navegação pelo Rio Paraguai, já que não tinha acesso e divisa territorial com costa marítima.

Usando como desculpa um certo apoio do governo brasileiro à destituição do governo do Uruguai, aliado do Paraguai, no ano de 1864, Solano López, governador do Paraguai resolve invadir as fronteiras do Brasil e Argentina. Na verdade, como aponta Bittencourt e Ladeira (2000), era só uma desculpa para “tomar” território que permitisse ao Paraguai ter fronteira como mar, palco principal de navegações e importante acesso de comércio com a Europa. Em tal contexto, “O Brasil, a Argentina e o Uruguai uniram-se e formaram a Tríplice Aliança para combater os paraguaios. A Tríplice Aliança recebeu armas dos ingleses, que desejavam ter negócios no Paraguai depois que Solano Lopez fosse vencido.”. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 56). É nesse contexto que o governo brasileiro recruta negros escravos e indígenas que viviam em território brasileiro, como os Terena, que lutaram bravamente na produção de alimentos para fornecer às tropas em combate, além de ir à frente dos combates diretos.

Os embates, tendo em vista o direito à navegação e territórios adjacentes às margens do Rio Paraguai, justamente ocorriam em terras ocupadas pelos Terena. Assim, ao final da Guerra do Paraguai, por volta de 1870, os Terena viram seu território ser ocupado por muitos invasores, combatentes remanescentes da guerra que ali decidiram permanecer e ocupar aquelas terras. Pior que isso, o governo brasileiro incentivou a ocupação das terras, fronteiriças com Paraguai, com intenção de ocupação para defesa de fronteira. Desta forma, os Terena passaram a ser acudados por ocupantes não indígenas que vinham para a região, ocupando terras com suas criações de gado e ocupando a terra com suas plantações. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000)

Alguns Terena resistiram e foram à luta, defendendo o território que consideravam seu; outros, porém, sem ver chances de vida tranquila, acabaram por prestar serviço aos fazendeiros não indígenas. Mas, a convivência era muito difícil, pois envolvia muito querer por terra; muito querer por eliminar os Terena do lugar. Bittencourt e Ladeira (2000, p. 78) trazem importante

depoimento explicitando uma das situações nas quais os fazendeiros, da época, impunham culpa aos Terena como forma de justificar sua exploração.

Os conflitos entre os Terena e os fazendeiros eram constantes. Havia muita exploração dos proprietários brancos sobre o trabalho dos Terena. Um exemplo dos conflitos foi que ocorreu por volta de 1890. Dois fazendeiros brigavam entre si na região de Miranda. A fazenda Santana, que era disputada pelos dois fazendeiros foi saqueada por um deles. Mas, o proprietário resolveu por a culpa nos Terena da região de Cachoeirinha. Por causa dessa acusação, os Terena foram obrigados a trabalhar de graça para o dono da fazenda. O povo de Cachoeirinha se revoltou contra esse fazendeiro e muitas famílias deixaram a aldeia, buscando refúgio em Bananal e na serra do Maracaju. Este período da história do povo Terena é conhecido.

Não há dúvida que, após a Guerra do Paraguai, com a contribuição diferencial dos Terena para o Brasil vencer o Paraguai na tal disputa, nosso povo não foi reconhecido, ao contrário, foi traído com o incentivo à ocupação do seu território tradicionalmente ocupado. Mais difícil é compreender que, após tamanha dificuldade para se firmar num território tradicionalmente ocupado, meu povo foi vendo suas terras serem divididas e ocupadas pelos não indígenas com aval do governo brasileiro.

Em suma, no Brasil, em geral, em que pese toda sua história de defesa aos preceitos do Estado Brasileiro, os Terena são conhecidos e denominados como um subgrupo mais amplo: Guaná, o que é reforçado por Sebastião (2016), amparado por Ferreira (2002), ao caracterizar “Guaná” como uma designação genérica utilizada para abarcar diversos povos originários, do tronco Aruak, habitantes da região do Chaco paraguaio, incluindo a presença dos Terena.

Hoje em dia, nós, Terena, vivemos em territórios fragmentados, cercados por propriedades rurais e distribuídos por vários municípios no estado de Mato Grosso do Sul: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo, além de famílias vivendo nos municípios de Porto Murtinho (na Terra Indígena Kadiwéu) e Dourados (na Terra Indígena Guarani). No estado de São Paulo também há famílias Terena que lá habitam a Terra Indígena Araribá. No contexto de Dourados e São Paulo, algumas famílias Terena foram deslocadas ainda pelo antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), com o propósito de servirem como modelo para assentamentos civilizatórios de comunidades indígenas. No estado de Mato Grosso, conforme Reginaldo (2016), também se encontra famílias que fizeram migração mais recentemente, optando por se mudar para outra região distante da originária em busca de novas oportunidades e terras, se instalando na região de Peixoto de Azevedo, norte daquele Estado.

Claro que, com tamanho movimento de dispersão, o povo Terena foi cedendo seu ritmo tradicional e aderindo ao ritmo da cultura ocidental, que se compunha como maioria ao seu redor, emitindo comportamentos de exclusão, discriminação e racismo contra quem não se mostrava pertencente à maioria: “branca”. Minar a cultura tradicional dos Terena, me parece, foi a estratégia usada para “ocupar” o tempo, a cultura e o espaço tradicional Terena.

1.4 Características da cultura Terena

O Povo Terena é conhecido por sua habilidade em lidar com o mundo externo, estabelecendo boas relações de contato com outros povos, como vimos na seção anterior, onde esclarecemos sobre a dispersão do povo e a contribuição que deram na Guerra do Paraguai. Tal característica marcante acabou sendo um dos fatores que levaram ao esquecimento de muitas das suas práticas da cultura tradicional, entretanto, muito ainda se perpetua. Há que se registrar que vários pesquisadores Terena estão se importando com a retomada e registro das práticas tradicionais.

Em relação aos seus modos de alimentação, segundo Reginaldo (2016), os Terena sempre basearam sua subsistência na agricultura, caça e pesca. Vargas (2011), ao fazer interessante trabalho sobre as aldeias Terena dos séculos XX e XXI, também traz importante registro feito na época dos trabalhos do SPI, por volta do ano de 1918, destacando a dimensão da habilidade na agricultura do Povo Terena.

Os índios que habitam o “Bananal” que como sabeis são os Terena, são ordeiros, merigerados, ordenados e trabalhadores, vivem do cultivo de suas terras, onde plantam mandioca, milho. Arroz e feijão. A canna de assucar, batatas doces, bananas, abacaxis e outras fructas, e pode-se dizer, que no município de Aquidauana, são eles os maiores e melhores agricultores. [sic]. (VARGAS, 2011, p. 124)

No entanto, ao longo do tempo, as condições para sua sobrevivência tornaram-se cada vez mais desafiadoras, tendo em vista o avanço das fazendas e das áreas urbanas, acabando por reduzir substancialmente os espaços e condições para desenvolvimento destas atividades de tradição do Povo. Deste modo, ficou cada vez mais difícil conseguirem prover o sustento adequado para a comunidade conforme sua cultura. Como resultado, muitos Terena passaram a trabalhar em fazendas por salários reduzidos, enquanto outros foram obrigados a se mudar para as cidades, onde nem sempre viviam com dignidade. O território Terena em Mato Grosso

do Sul enfrentou crescentes dificuldades para garantir o sustento adequado das famílias que ali residiam próximos aos povoados ocidentais em terras cada vez mais espremidas.

É fácil compreender que, dentre os hábitos tradicionais dos Terena, a forma de alimentação também sofreu impacto, pois, em muitos casos tiveram que se render à aproximação cada vez mais incisiva com os grupos de não indígenas, tendo suas práticas agricultáveis cada vez menos em condições de serem praticadas. Os próprios modos de sobrevivência acabaram na imposição de adquirir suas alimentações em supermercados, já quando plantavam mais roças tradicionais. Mesmo assim, muitos Terena ainda mantêm algumas práticas de produzir seus pratos tradicionais.

No movimento de valorização das culturas tradicionais de indígenas brasileiros, amparados pelas legislações nacionais, estaduais e municipais, principalmente a partir da CF de 1988, alguns Terena centraram seus esforços na coleta de informações sobre os modos de alimentação tradicional do nosso povo.

Na Revista Pantaneira (2011) podemos encontrar informações sobre a alimentação tradicional dos povos indígenas, no caso do povo Terena.

Figura 3 - Comida tradicional como mandioca frita, Hihi, bolo de jenipapo e bolo de fubá.



Fonte: Facebook EEI Guilhermina da Silva, 2023

As autoras Canhete e Paiva (2011), destacam bastante a utilização da mandioca, pois, é a partir dela que podemos fazer muitos alimentos, como beiju, farinha, hihi (bolo de mandioca enrolado na folha de bananeira, para que seja cozido), guisado, mandioca com carne, cozida e/ou frita, também citam o feijão miúdo e milho verde, e são cultivados e produzidos o ano inteiro e vendidos, seja na própria comunidade ou mesmo para o comércio da região.

De acordo com Júlio e Souza (2016), o padrão de comportamento social considerado apropriado na comunidade Terena passou por transformações em comparação com os relatos dos anciãos, especialmente no que se refere às normas da educação tradicional. Os autores relatam que é notável o tipo de ensino aos filhos em relação ao desenvolvimento de habilidades de caça, uma vez que ao longo do tempo, a atividade de caça foi sendo extinta e, atualmente, os animais destinados à alimentação são criados em cativeiros, como gado, porcos e aves.

Se considerarmos a habilidade da pesca, esta também está sendo deixada de lado pelos mais velhos que não têm mais o hábito de ensinar os mais jovens; há que se registrar, porém, o fato de que os córregos estão progressivamente secando, o que impede a realização deste tipo de atividade em algumas comunidades. As matas nativas, a fauna e a flora eram abundantes, entretanto, deram lugar a pastagens.

As cerimônias tradicionais, como casamentos realizados em redes, agora ocorrem predominantemente em igrejas católicas e/ou evangélicas, embora ainda possam acontecer as ocasiões especiais, como no dia de comemoração dos povos indígenas, se assim as famílias entenderem como importante este tipo de cerimônia tradicional.

Novamente acompanhando Reginaldo (2016), hoje em dia, esses tipos de celebrações ainda perduram, mas com algumas variações notáveis. Um exemplo disso é a separação das danças entre mulheres e homens, pois a dança das mulheres destaca movimentos graciosos e delicados, frequentemente acompanhados por contas e batidas de tambor. Já a dança dos homens tende a ter movimentos mais vigorosos e atléticos, envolvendo movimentos rítmicos e energéticos; as danças frequentemente são acompanhadas por instrumentos musicais tradicionais, como flautas e chocalhos, podendo incluir representações de atividades de caça, guerra ou celebrações rituais. Constata-se, também, alteração nas vestimentas, de forma que as roupas usadas atualmente já não se assemelham às usadas no passado. Ainda ressalta, a autora, que as vestimentas festivas das mulheres terena costumavam ser confeccionadas a partir de um tecido conhecido como “chitinha”, atualmente, quase não mais usado. As próprias mulheres eram responsáveis por fazer suas roupas, que incluíam blusas, saias, vestidos e outros itens.

Esses tecidos eram cuidadosamente recortados para se adequar às medidas necessárias. Já os homens costumavam vestir-se com penas de ema, que eram usadas tanto na confecção das saias quanto na criação dos cocares, pois nos tempos antigos, havia uma grande quantidade de aves, tornando fácil para o povo Terena obter penas dessas aves, que também eram apreciados como alimento. Quanto aos acessórios, os homens utilizam cocares como os melhores enfeites.

Figura 4 – Dança tradicional com dança das mulheres Terena, com vestimentas confeccionadas com juta



Fonte: Facebook /Évelin Hekeré, 2023

Nascimento e Medeiros (2021) relatam que a vestimenta tradicional é confeccionada com juta (tipo de tecido), embora também seja possível utilizar algodão cru ou sementes. Geralmente, para as mulheres, são criadas um top (tipo de bustiê ou blusa) e uma saia. A decoração das roupas é realizada com tintas de tecido nas cores: vermelha, preto e branco, como podemos observar na imagem da Figura 5.

Os desenhos que se assemelham a triângulos abertos representam as ocas ou habitações das famílias indígenas. Os círculos concêntricos, também presentes nas vestimentas, simbolizam uma aliança, uma união contínua e inquebrável entre os povos na promoção da paz. O vermelho representa o sangue derramado em conflitos, o preto denota guerra e luto pelas perdas nos conflitos, enquanto o branco simboliza a paz.

Figura 5 – Dança tradicional com dança das mulheres Terena, com vestimentas confeccionadas com algodão



Fonte: Facebook/Gina Farias, 2023

As mulheres adornam-se com colares de sementes, brincos feitos de penas, tiaras e cocares de penas coloridas em diversos tamanhos, além de braceletes e tornozeleiras.

A dança das mulheres é conhecida como *Siputrena (putuputu)*, como afirma Reginaldo(2016), ressaltando ainda que elas dançam em pares, unindo seus braços, e para a comunidade, essa dança simboliza a alegria que se sente quando os guerreiros retornavam após uma batalha. Mesmo que atualmente os Terena não estejam mais envolvidos em conflitos com outros grupos, as pessoas continuam realizando essa dança como uma maneira de preservar e valorizar a cultura de seu próprio povo. Dessa forma, é manifestado o desejo de assegurar que essa prática cultural antiga permaneça viva na memória de todos os Terena.

Já a vestimenta dos homens é confeccionada a partir dos brotos da palmeira do buriti, que consiste em uma saia; apenas os brotos do buriti são colhidos, e em seguida, o talo é removido. O talo é transformado em tiras, que são posteriormente costuradas com barbante para formar a saia. O comprimento desse barbante varia de acordo com o tamanho da cintura da pessoa que utilizará a saia. Além disso, os homens Terena também usam cocares, colares feitos de sementes e a taquara, que é necessária para executar as danças tradicionais.

Figura 6 – Dança dos homens Terena



Fonte: Facebook/Évelin Hekeré, 2023

Reginaldo (2016) continua esclarecendo que a dança dos homens é chamada de *Hiokexeti Kipae* (passo da ema), cuja dança tem diversas fases e, cada fase simboliza um tipo de celebração: a chegada dos guerreiros; a partida dos guerreiros; a comemoração das conquistas dos guerreiros. É uma dança muito importante pois ainda hoje representa a preparação dos homens para possíveis conflitos, sendo o momento em que eles devem permanecer vigilantes e prontos para ação. A dança ocorre em um círculo, com passos largos, e é acompanhada pelo batimento das taquaras.

Outro tipo de costume que podemos encontrar entre nós, Terena, é a produção de cerâmicas. Conforme Bittencourt e Ladeira (2000, p.11) os Terena, historicamente, demonstram uma organização interna distintiva, sendo reconhecidos também por suas habilidades tradicionais no trato e produção de peças de cerâmica. Chaves, Alves e Matias (2019) ressaltam que as atividades com cerâmica é condição de dedicação das mulheres. Explicam, os autores, que o processo de fabricação começa com a coleta da matéria-prima, a argila, também conhecida como barro, e que são necessários três tipos diferentes de barro nesse processo: o primeiro, chamado de barro escuro, é utilizado para dar forma e compor o corpo das peças cerâmicas; o segundo, conhecido como barro vermelho, é responsável por conferir a cor característica; e o terceiro, o barro branco, é empregado na ornamentação das peças com padrões florais, pontos e combinações variadas.

Figura 7 - Cerâmica produzida pela artesã Dilaine Sebastião.



Fonte: Facebook/Dina ArtsTerena, 2023

Diante da análise sobre a cultura e tradições do povo Terena, torna-se evidente o esforço contínuo de preservação e resgate de suas práticas ancestrais, mesmo diante dos desafios impostos pela modernidade e pela perda gradual de espaço para a vivência dessas tradições. Ainda que muitos aspectos tenham sido afetados, como a forma de subsistência baseada na agricultura, caça e pesca, e a transformação de cerimônias tradicionais, é notável o empenho de professores e membros da comunidade da Aldeinha em manter viva a memória e a prática desses costumes. A adaptação às novas realidades, como a substituição de materiais nas vestimentas e a modificação de danças, demonstra a resiliência do povo Terena em face das mudanças, ao mesmo tempo em que reafirma o compromisso em preservar e valorizar sua identidade cultural. Assim, a busca pela manutenção das tradições ancestrais não apenas fortalece a coesão interna da comunidade, mas também contribui para a riqueza e diversidade do patrimônio cultural do Brasil.

CAPÍTULO 2 - ALDEIA ALDEINHA: UM CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

Ao acessarmos o portal oficial do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, lá encontramos registros manifestando sobre a importância dos povos milenares que habitaram osolo onde, ainda no século XVI, exploradores europeus quebraram a tranquilidade daqueles povos e assentaram pequenos acampamentos, mais tarde formando vilas, à beira de rios navegáveis, para seu descanso nas longas viagens entre o litoral brasileiro e as fontes riquíssimas de minerais preciosos. (<https://www.ms.gov.br/pagina/sobre-o-ms2281>, 2023)

Proposto no ano de 1977 para desmembrar-se do então Estado de Mato Grosso, foi criado efetivamente no ano de 1979, como Estado de Mato Grosso do Sul compondo-se, atualmente, de 79 municípios, os quais abarcam uma população de 2.809.394 habitantes (IBGE2020), tendo Campo Grande como a sua capital. O Município de Anastácio, localizado às margens do Rio Aquidauana, dista cerca de 130 Km da Capital do Estado, contando com uma população estimada de 25.237 habitantes, conforme censo realizado pelo IBGE (2020).

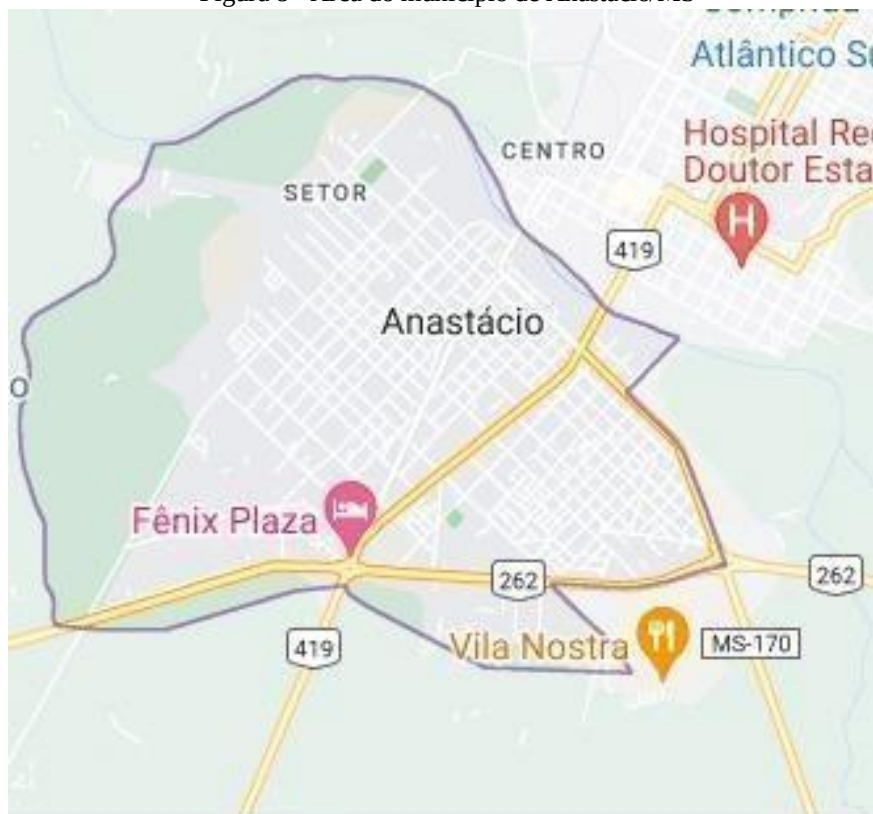
É impossível referir-se à formação do Estado de Mato Grosso do Sul, sem deixar de lembrar, como já apontamos acima, da ocupação das terras pelos grupos que formavam o PovoGuaná, que, segundo Bittencourt e Ladeira (2000), “Atualmente todas estas nações quecompunham os Guaná estão agrupadas sob a denominação de Terena (*Eтеленoe*), apesar de muitos dos velhos saberem se são descendentes dos Layana ou Kinikinaua (*Equiniquinao*).”. (p. 36)

Diferente do portal oficial do governo do Estado de Mato Grosso do Sul, o portal oficialda Prefeitura Municipal de Anastácio, ao traçar uma linha histórica da origem da cidade não faz qualquer referência ao Povo Terena. Como já vimos neste espaço de escrita, foi a família de Dona Umbelina Jorge que primeiro ocupou as terras que mais tarde se tornaria o município.Moura (2018) faz uma boa discussão acerca deste tipo de “esquecimento” e “invisibilidade” sobre a participação dos Terena na origem da cidade de Anastácio que, reforça a autora, tinha a denominação de “Aldeinha” antes de ser amplamente povoado o lugar e, mais tarde, se tornarmunicípio. Segue, a autora, afirmando que, “Em suma, um exame mais cuidadoso das fontes documentais e da etnografia terena revela que os pioneiros europeus não foram os primeiros e tampouco estavam sozinhos” (BASQUES, 2018, p. 915).

De qualquer modo, eu como professora Terena, não irei dar foco à protagonismo não indígena e, considerando as histórias que ouço dos anciãos da minha comunidade, reafirmo que

a cidade de Anastácio nasce a partir de local denominado “Aldeinha”, para onde a família de Dona Umbelina Jorge migrou e formou o lugar.

Figura 8 - Área do município de Anastácio/MS



Fonte: Google Maps, 2023

Segundo os dados da SESAI/DSEI em 2014, informa Rohdt (2023), haviam 400 pessoas vivendo na área da Terra Indígena Aldeia Aldeinha, formando as 140 famílias que ali organizam suas vidas. A Aldeia Aldeinha está localizada no município de Anastácio à margem esquerda do rio Aquidauana, a 127 Km da Capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

O município de Anastácio, legalmente, se caracteriza por uma área de 2 949,206 km², destes, 4,552 km² ocupado por pessoas e atividades que caracterizam a área urbana. Considerando o total da área urbana da cidade de Anastácio, somente cinco quadras são ocupadas e formam a Terra Indígena Aldeia Aldeinha, totalizando uma área de praticamente 4 hectares. É preciso não esquecer que “[...] os Terena da Aldeinha ocupavam área sabidamente mais ampla do que aquela que atualmente ocupam e utilizavam espaços contíguos para o sepultamento de seus familiares, para o cultivo de suas roças e para as atividades de pesca, caça e coleta.”. (BASQUES, 2018, p. 916)

Ao acessarmos a página do *google maps* se tem clareza das dimensões atuais da Aldeia Aldeinha, que muito se distancia do lugar fundado e ocupado pela família de dona Umbelina Jorge, conforme podemos observar e refletir a partir da imagem abaixo.

Figura 9 - Em destaque a Área da Aldeia Aldeinha.



Fonte: Google Earth, 2024.

Então, temos uma aldeia urbana, pois, com o tempo ocorreu grande migração de pessoas para o lugar, aumentando e avançando o crescimento da cidade, da população anastaciana, envolvendo o local que se formou a Aldeia Aldeinha, lá pelos anos de 1933. Com isso, as culturas não indígenas têm prejudicado muito a cultura indígena, com a assimilação cultural, pois o contato com a cultura ocidental muitas vezes leva à assimilação dos valores, costumes e modos de vida ocidentais. Esta condição tem resultado no esquecimento gradual de fatores que caracterizam a identidade cultural terena, tendo em vista os efeitos socioeconômicos com a introdução de formas capitalistas de economia e a integração nos sistemas econômicos dominantes; isso traz desigualdades, como o impacto na Saúde e Bem-estar com a introdução

de alimentos processados e mudanças nos padrões alimentares tradicionais. Um dos fatores muito importante que vem se perdendo é o uso da língua tradicional, a língua terena.

A imensa maioria das crianças, jovens e até mesmo os adultos, não utilizam fluentemente a língua terena no seu dia a dia, tendo apenas o professor de língua terena e mais quatro anciões fluentes no uso da língua vivendo na aldeia. Ou seja, a língua ancestral está circunscrita aos limites da educação escolar e a poucos falantes.

Nesta comunidade, existem tanto uma Associação de Moradores da Aldeinha quanto uma Associação de Indígenas desaldeados (AMIA Tixane Artesã). A divisão dessas Associações pode ser compreendida da seguinte forma: A Associação dos aldeados é composta pelos membros da comunidade que residem na Aldeinha, já a Associação dos Desaldeados é composta por membros da comunidade Terena que migraram para as áreas urbanas da cidade, que residem afastados da Aldeinha. Essa divisão é frequentemente explorada por motivos políticos, tanto em campanhas eleitorais para cargos públicos no Brasil quanto em eleições internas da comunidade, como a escolha do Cacique e vice Cacique e o conselho tribal. E então, a partir dessa escolha do Cacique, vice cacique e conselheiros, também é escolhido o Diretor

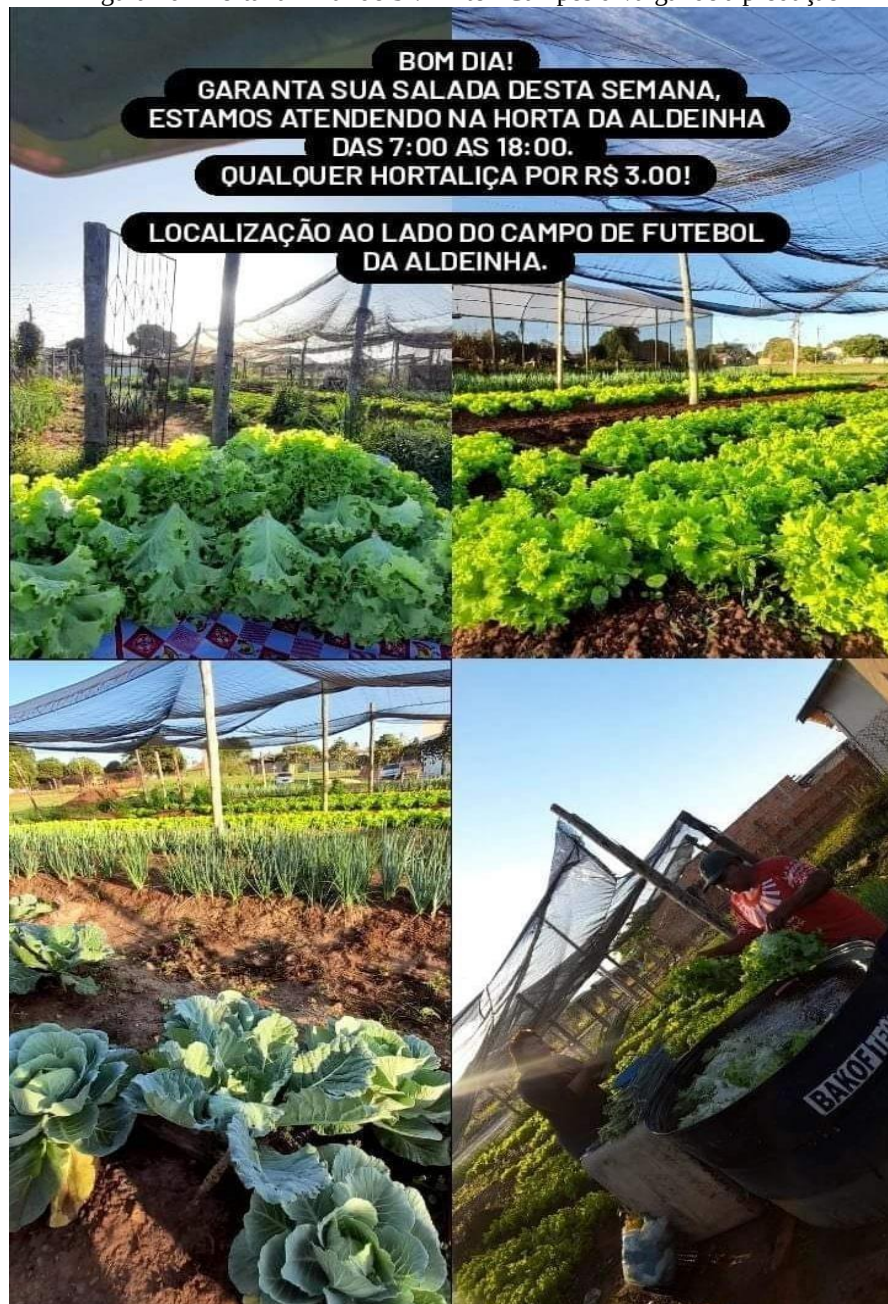
(a) da escola.

Também podemos perceber, segundo minha experiência, que os costumes tradicionais acabaram se afastando no dia a dia da vida das pessoas Terena do lugar. Um exemplo disso é a língua tradicional, como já mencionei, embora haja aulas de língua terena disponíveis no ambiente escolar, o uso na vida familiar está em declínio. As crianças aprendem a língua terena na escola, porém, enfrentam dificuldades para praticá-la em casa, pois se os pais ou responsáveis pela criança têm um domínio limitado da língua terena ou não a utilizam regularmente, isso pode influenciar a exposição e o uso do idioma pela criança. É sabido que o ambiente linguístico em casa desempenha um papel crucial no desenvolvimento e na manutenção das habilidades linguísticas das crianças. (PEREIRA, 2011).

Assim também vemos que o hábito culinário, como a produção do Beiju, *Hihi*, bolo de jenipapo, pesca e preparo de peixe para assar em folhas de bananeira, não são mais praticados dentro das casas como faziam as famílias antigamente. Com o aumento da população não indígena ao redor da aldeia, concordando com Schneider (2018, p.53), é facilmente possível a incorporação de alguns costumes que não faziam parte da sua cultura étnica, como o consumo de refrigerante, chimarrão, o tereré, além da ingestão de cuca e cachorro-quente, etc. No entanto, apesar dessas influências e da adaptação dos costumes em relação às tradições culinárias, algumas famílias da Aldeia Aldeinha continuam, mesmo com menor frequência,

praticando alguns hábitos sem perder a sua identidade como comunidade étnica, exercendo a agricultura familiar, produzindo os bolos de mandioca e até mesmo buscam peixe no Rio Aquidauana ou em outros rios, que na maioria das vezes são fritos e não assados como antigamente. Há vários exemplos da atividade de agricultura como forma de subsistência, como o senhor Milton Campos e sua família, que, como seus ancestrais, faz uso da agricultura como sua prática de sobrevivência, adaptando o cultivo de verduras, mas, insistindo na habilidade ancestral dos Terena com a lida da terra.

Figura 10 - Horta familiar do Sr. Milton Campos divulgando a produção



Fonte: Facebook Marinez Rodrigues Campos, 2024

Na Aldeinha o conjunto de residências de famílias são inter-relacionadas por parentesco, e nesse conjunto de residências, após o primeiro casamento, o casal mora na casa dos sogros dos homens até construir ou alugar uma nova residência. Antigamente essa nova casa era sempre ao lado da casa dos sogros dos homens, porém pelo avanço da urbanização da cidade e pelo pequeno perímetro da aldeia não possui mais terrenos para construir novas casas, por isso a maioria constrói ou aluga longe dos pais ou sogros. Nas casas da aldeia mora sempre uma família nuclear e em outras casas moram os avós, pais e filhos dessa mesma família. Nas casas dos avós (os troncos), sempre são realizadas as grandes refeições ou festas, isso ainda permanece até os dias atuais. As casas são de alvenaria, tendo cômodos bem definidos, como banheiros, cozinha, quartos, com fornecimento de energia elétrica, água encanada e saneamento básico. As construções das casas seguem o modelo ocidental comum, sem detalhes que possam destacar traços da cultura tradicional.

Como estrutura de funcionamento público, a Aldeia Aldeinha conta com a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva e também conta com a equipe que compõe a Estratégia de Saúde da família-ESF Umbelina, bem estruturadas para seu bom funcionamento e atendimento das pessoas da comunidade. Atualmente, a ESF atende indígenas aldeados, indígenas desaldeados e os não indígenas que moram no bairro da Vila Umbelina. De segunda a quinta o atendimento é para todos, e na sexta-feira o atendimento é voltado somente para os indígenas, sejam eles aldeados ou não. E mesmo que haja um dia voltado para o atendimento indígena, os saberes da cultura tradicional não estão presentes no posto de saúde, ou seja, o atendimento da saúde segue os saberes e práticas da medicina tradicional ocidental.

Em algumas terras indígenas Terena, a unidade social mais inclusiva dotada pela política própria, possui um cacique e um conselho tribal que responde pelas ações dentro das aldeias. Na Aldeia Aldeinha a primeira organização de liderança ocorreu em 1982, tendo como líder o senhor Isaias Delgado, e com isso veio a criação do conselho tribal e a necessidade de revitalizar os costumes terena. Atualmente, o cacique da Aldeia é o senhor Vanderson Pereira que ainda possui seus conselheiros tribais. Antes, a liderança da aldeia era sempre representada por indivíduos do sexo masculino, porém na atual gestão do cacique Vanderson tem uma mulher como vice cacique, o que é considerado, por muitos, como um avanço ao valorizar o papel da mulher nos direcionamentos das comunidades. Há que se registrar que, para as eleições de 2020, havia a candidatura de duas mulheres, uma como vice e uma concorrendo como cacique, sendo que permaneceu a chapa vencedora na qual tinha a vice cacique. As eleições são feitas por

votação secreta onde votam todos os indígenas que tem o Registro Indígena da aldeia (RANI); votam indígenas acima de 16 anos, sendo indígenas aldeados e os desaldeados também.

Diante desses fatos podemos dizer que estamos muito entrelaçados com as práticas da sociedade ocidental, assim, é possível compreender que a organização social da nossa Aldeia tem sempre que dialogar com os não indígenas, seja com os políticos para as reivindicações do que é necessário para o bem vier da comunidade, como também dialogar com os mais jovens, já que a escola na aldeia atende alunos não indígenas e isso faz com que os mais jovens procurem se interessar mais pela cultura ocidental. Deste modo, se faz necessário um trabalho das organizações sociais dos Terena para que os jovens se interessem pelas práticas da cultura tradicional do nosso povo.

Tanto a organização social e a política são de suma importância, pois é através disso que a Aldeia mantém seus laços e sua história, e por meio de uma educação que respeita o modo de ser indígena.

Como vimos, a Aldeia Aldeia tem uma rotina bem próxima aos costumes e rotinas ocidentais, assim, para interesse deste trabalho, a seguir trataremos da questão linguística da Aldeia Aldeia.

CAPÍTULO 3 - CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS DA ALDEIA ALDEINHA

Sendo eu pesquisadora, também pertencente ao povo Terena, nascida e atualmente morando no município de Aquidauana-MS (separada de Anastácio apenas pelo rio), mas sendo professora da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, busquei fazer uma proposta didático pedagógica para o trabalho da disciplina de Língua Materna Terena na escola da Aldeia Aldeinha. Na minha família somente minha bisavó e seus filhos Emilio Paulo e Dalete Silva (*inmemórian*), falavam ou entendiam a língua terena. Ela conta em suas conversas que não ensinou os demais por conta de sobrevivência. Talvez era por medo dos seus outros filhos, netos, bisnetos e tataranetos que sofreriam com o crescimento da cidade em torno da aldeia e, se desenvolvessem somente a língua terena, teriam perseguições e dificultaria sua vida com a outra sociedade da cidade. Tal como ela, muitos anciãos deixaram de ensinar a língua terena para seus filhos e netos; foram dando maior valor para a língua portuguesa, pois a cidade crescia mais e mais a seu redor: a língua portuguesa acabava sendo uma necessidade de sobrevivência.

Hoje vemos que foi um erro em pensar dessa maneira, pois, assim como meus tios, primos, irmãos e eu, também jovens na comunidade na mesma situação que nossa família, não tem uso da língua de nossos ancestrais: não sabemos a língua terena. Assim como as crianças dessa geração, eu também tive contato com a língua ancestral somente na escola. Com o ensino básico, aprendemos algumas palavras soltas, como nomes de animais, números e cores. Por mais que sempre existiu professores que falavam ou falavam fluentemente na língua terena, o ensino sempre foi dessa maneira: palavras soltas, sem significado na construção de frases e diálogos, ou seja, sem sentido.

Isso levou-me a querer realizar este trabalho, para que as crianças do presente e do futuro possam aprender, já que elas possuem uma facilidade mais rápida de aprender e reconhecer o uso da língua terena como um elemento de suma importância na vida cotidiana, não deixando somente a modernidade ocidental ocupar o seu dia-a-dia.

Os autores Aronaldo Júlio e Claudete Cameschi de Souza, no artigo intitulado “Língua Terena: contribuições para sua documentação” (2016), relatam sobre as práticas da atualidade movida pela tecnologia dos não indígenas ter adentrado com tamanha força na comunidade e fazendo com que a língua terena ficasse em segundo plano, dilacerada, trazendo interferências no uso da língua. Quando cito aqui, a palavra tecnologia, não está significando apenas o uso de equipamentos (como celular e computador, por exemplo), mas, a tecnologia diária, do modo de fazer as coisas. Os autores ainda citam (p. 3) “Queremos a modernidade da sociedade

hegemônica e a ela pertencer, mas precisamos olhar o passado e sua significação para nós no sentido de preservar, revitalizar e pró-vitalizar nossa cultura, identidade e língua.”.

E é por esse motivo que as escolas indígenas adotaram as aulas da disciplina de Língua Materna, compondo a oferta curricular, pois a maioria dos habitantes de algumas aldeias (como é o caso da Aldeia Aldeinha), somente os anciões falam a língua terena; em nosso caso, os jovens não falam a língua terena, deixando a escola com esse papel de trabalhar a língua como forma de revitalizar o uso da língua ancestral. Desta forma, a língua terena teria que ser desenvolvida dentro do âmbito familiar e não somente no âmbito escolar, pois, no âmbito escolar, o aluno já tem a tecnologia do ensino da língua portuguesa, até mesmo com a realidade de constante contato com a sociedade ocidental.

Também podemos destacar a questão sobre a condição de desigualdade que acabou por acontecer entre as línguas indígenas e as línguas coloniais, ocasionando racismo e discriminação em relação a sujeitos que não usam adequadamente a língua nacional. Esta situação, sem dúvidas, é um dos motivos que fazem com que as línguas indígenas deixem de serem usadas em muitas comunidades de povos tradicionais. Em pesquisa realizada em uma das comunidades Terena, mais especificamente no âmbito da Escola Sullivan Silvestre Oliveira

- Tumune Kalivono, no ano de 2017, entendeu que “O idioma nativo vem sendo aos poucos esquecidos pelas novas gerações, que não veem utilidade para o aprendizado da língua na atualidade.”., referindo a não utilização da língua tradicional de seu povo entre os Terena (CUSTÓDIO; NASCIMENTO, 2017, p 3).

Não podemos deixar de lembrar que a língua materna é um processo por onde o sujeito entra na corrente comunicativa de uma comunidade, pois a língua materna é a marca de identidade cultural “o que os tornam únicos aos olhos do outro”. (MACÊDO; SILVA; LAMARÃO, 2019, p 1).

No que diz respeito a língua terena, em algumas aldeias o seu uso é diferente. O exemplo disso é o modo de como se fala na Aldeia Cachoeirinha que é diferente do modo como se fala na Aldeia Buriti. O uso na Aldeia Buriti é mais restrito aos anciões, e já na Aldeia Cachoeirinha há casos de jovens que possuem dificuldade em falar a língua portuguesa. Então, podemos observar que o povo Terena é estreitamente bilíngue em algumas comunidades, o que não é o caso da aldeia Aldeinha. (MARQUES, 2021).

Sara Reginaldo (2016) relata que com a necessidade de sobrevivência muitos dos Terena deixaram de praticar a própria língua terena, e assim foram crescendo somente usando a

língua portuguesa. E ressalva ainda que não somente a língua foi deixada de lado, mas como ojeito de viver, as crenças, resumidamente toda a tradição dos nossos antepassados foi se deixando. A autora ainda acrescenta que nos tempos atuais muitos Terena estão lutando para valorização da própria identidade.

Denise Silva (2013), em seu trabalho “Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilingue Terena-português”, faz interpretações de dados linguísticos da Aldeia Cachoeirinha, para realizar uma proposta de dicionário. Tal trabalho contribui sobremaneira para que o desejo de aprender a língua seja despertado nos professores e assim darem continuidade ao seu trabalho com a língua ancestral em sala de aula. A autora destaca que o uso da língua é o elemento fundamental na construção identitária do povo e uma forma de resistência. Contribuindo com as propostas de trabalho com a língua terena em sala de aula, Franchys Marizeth e Claudete Cameschi ressaltam que é “fundamental um curso de formação de professores indígenas que propicie o conhecimento da estrutura ortográfica e gramatical da língua indígena para o processo de ensino-aprendizagem eficaz, assim como acontece no processo da estrutura de língua portuguesa.”. (FERREIRA, Franchys Marizeth, N. S.; Souza, Claudete Camische de. 2018, p. 8).

Pereira (2013), faz uma crítica ao próprio povo sobre a questão da manutenção de línguas maternas entre povos indígenas, afirmando que além da influência da sociedade circundante, no caso, o próprio indígena Terena, as próprias pessoas têm sua parte de responsabilidade ao mudar de cidade em cidade. Neste aspecto argumenta que muitas vezes os Terena mudam-se de lugar para lugar sem valorizar a sua terra de origem, em busca de uma nova perspectiva de vida. Isso pode resultar na perda da transmissão de sua cultura e da memória de sua identidade às gerações futuras, conduzindo assim os esforços para preservar suas raízes culturais.

Em sua pesquisa, Pereira (2013) utilizou questionários para realizar o levantamento de dados para mapear a língua terena na Aldeia Aldeinha. Ainda continua dizendo que embora a aldeia tenha uma escola indígena com uma disciplina dedicada à Língua Terena, a maioria dos habitantes não a utiliza regularmente, seja para falar ou escrever. Houve queixas, segundo relato de seu trabalho, em relação à falta de um professor qualificado para lecionar essa disciplina. Dos cinquenta entrevistados, a autora encontrou dezesseis pessoas que falam ou escrevem a língua terena, vinte e oito não o fazem de maneira regular, e seis pessoas o fazem esporadicamente. E, a despeito do fato de que a maioria das pessoas possui conhecimento do

idioma terena, a maioria não o utiliza em seu cotidiano. Entre as 50 pessoas entrevistadas, 49 expressam seu apreço pela língua terena, enquanto apenas uma pessoa afirmou não gostar.

E ainda de acordo com Pereira (2013), dos entrevistados, 23 pessoas enfatizaram a importância da língua ancestral, 13 manifestaram preferência pelas danças tradicionais praticadas durante a Semana Indígena, e 14 optaram pelos jogos tradicionais realizados durante o evento. No grupo de 50 pessoas entrevistadas, sete deles eram os membros mais idosos da Aldeia, e mantinham a fluência na língua terena. Isso reflete que a maioria dos habitantes não utiliza mais a língua terena. São principalmente os governantes da aldeia que conservam o conhecimento dessa língua e fazem esforços para transmitir às crianças da Aldeinha.

A autora ainda perguntou sobre qual forma o entrevistado entende que seria melhor para recuperar a língua terena, e vinte e três indivíduos expressaram a opinião de que deveria haver um aumento no número de aulas na escola indígena, enquanto catorze acreditam que o ensino deveria ocorrer no ambiente familiar. Doze pessoas afirmaram que é importante motivar a juventude da Aldeia a aprender a língua terena, e uma pessoa sugeriu considerar outras abordagens para o ensino.

A escola é a alternativa mais recomendada pelos moradores da Aldeia Aldeinha como meio de revitalizar o uso da língua terena. No entanto, é relevante lembrar que essa escola também atende crianças não indígenas, o que implicaria que elas também deveriam aprender a língua terena. E a segunda opção mais mencionada é o ensino da língua pelas próprias famílias.

Tendo isto exposto, é de se compreender a importância do trabalho inicialmente escolar valorizando o uso da língua terena na rotina de sala de aula, e, com o tempo, se estender o uso da língua ancestral no cotidiano da comunidade. Sendo assim, importa tratar e esclarecer um pouco sobre a Escola Estadual Indígena Guilhermina Silva, que vem desenvolvendo trabalhos no sentido de valorizar a cultura terena bem como a língua ancestral.

3.1 A escola da aldeia

Segundo informações dadas pelo Projeto Político Pedagógico-PPP da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, a história da Escola está intrinsecamente relacionada à história do povoamento local. Diante dos desafios que as crianças enfrentavam ao frequentar escolas fora da Aldeia, como a distância que tinham que percorrer até a escola, o afastamento da família,

a diferença de modos de vida, os valores e saberes diferentes do que se valorizava na cultura tradicional da família, etc., a comunidade percebeu a necessidade de ter uma escola e promovera educação escolar na própria região que as crianças residiam. O Sr. Pedro Jorge era o segundocacique e, juntamente com o vice-cacique, Sr. Daniel de Almeida, as lideranças lutaram para construir uma escola no espaço da aldeia Aldeinha, mesmo não recebendo muito apoio dos políticos. Fizeram muitas reuniões para reivindicar a construção de uma escola na aldeia, mas, os órgãos governamentais não davam a atenção, porque era uma comunidade pequena e, talvez, nem tivessem interesse de ofertar educação escolar específica para os indígenas da região da Aldeinha.

Foi somente em 1991 que o Sr. Elias Nimbú e suas lideranças dirigiram-se até a FUNAI, em Campo Grande, onde buscaram suprimentos escolares em um caminhão caçamba para, enfim, organizar uma escola na Aldeinha. No dia 11 de março de 1992, uma sala de educação pré-escolar foi inaugurada, funcionando nas instalações do barracão da Igreja Assembleia de Deus, localizada na residência do Sr. Daniel Jorge.

No ano de 1993, com o apoio do delegado da FUNAI, Raimundo Nonato Rosa, a comunidade conseguiu conquistar os primeiros benefícios para melhores condições de vida da comunidade: a criação do Posto Indígena e a Inauguração da Escola Municipal “Ventura Jorge”. Esta escola recebeu esse nome em homenagem ao morador mais antigo da Aldeia Aldeinha e atendia os estudantes da pré-escola e da 1ª série. Devido ao aumento da demanda, em 1994, tornou-se necessário um espaço maior, então, a escola mudou-se para o prédio da Igreja Luterana do Brasil, localizada fora da aldeia.

Com ações da comunidade, em 1998, a comunidade escolar retornou à Aldeia Aldeinha, pois lá foi construído prédio com duas salas de aula, fruto de próprios esforços comunitários durante a gestão do cacique Félix. No mesmo ano, com a eleição do cacique Flávio Pereira Martins, a comunidade, com o apoio da liderança, concluiu o projeto de construção da escola. A partir desse momento, a escola tornou-se uma extensão da Escola Municipal Jardim Independência, tendo parceria com a Prefeitura Municipal de Anastácio no pagamento de água, luz, funcionários e materiais escolares.

Em 2001, durante a reeleição do cacique Flávio Pereira, iniciou-se o projeto conjunto para a construção de uma escola Indígena, em colaboração com a Associação de Moradores, para atender aos anseios da comunidade, buscando uma educação mais voltada para a realidade dos Terena que viviam na Aldeia Aldeinha.

No ano de 2002, devido à condição precária do prédio escolar, foi tomada a decisão de demolir as duas salas que a escola possuía. Como resultado, a escola retornou suas atividades nas instalações da Igreja Evangélica Cristã-Uniões. No ano seguinte, em 2003, começou-se a construção de uma escola com estrutura de madeira, mas a comunidade rejeitou esse projeto. Em vez disso, foi encaminhado um novo projeto ao Governo do Estado, para que a escola atendesse os anseios da comunidade, estudantes e funcionários, reivindicando salas de aula, quadra esportiva, secretaria, cadeiras e mesas novas.

Finalmente, em 2004, iniciou-se efetivamente a construção da escola com a estrutura atual, atendendo aos desejos da comunidade. Esta nova estrutura incluía quatro salas de aulas, uma sala de professores adjacente à secretaria, uma cozinha com despensa, um refeitório, dois banheiros para os estudantes e uma quadra esportiva.

Figura 11 - Fachada da Frente da Escola Guilhermina da Silva



Fonte: Facebook EEI Guilhermina da Silva, 2023

Tratando-se de questões oficiais, a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva foi oficialmente criada pelo Decreto 11.780, em 17 de janeiro de 2005, o qual foi publicado no Diário Oficial-DO nº 6.409 de 18/01/2005. A escola foi, então, inaugurada em 19 de abril de 2005.

Figura 12 - Estudantes fazendo uso da Quadra Esportiva da Escola



Fonte: Facebook da EEI Guilhermina da Silva, 2023

A escolha do nome oficial da Escola aconteceu por sorteio, já que vários nomes de anciãos foram propostos para serem homenageados, assim, a comunidade indicou nomes de cinco anciãos que tiveram papel de grande importância na história da comunidade. O resultado do sorteio indicou que a escola fosse nomeada como Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.

A escola atualmente oferece Educação Básica na modalidade de Educação Escolar Indígena, atendendo alunos nas seguintes etapas: Ensino Fundamental Anos Iniciais, com aulas no período vespertino; Ensino Fundamental Anos Finais, juntamente com o 1º e 2º anos do Ensino Médio, no período matutino; 3º ano do Ensino Médio e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA Conectando Saberes Indígenas), com aulas no período noturno.

No ano de 2021, a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva passou por uma reforma estrutural e teve uma quadra de esportes coberta construída a pedido do atual cacique Vanderson Silva Freitas e da liderança tribal. Com essa melhoria foi possível atender às necessidades dos estudantes de ter um espaço adequado para prática esportiva e práticas recreativas. Com essas melhorias, a escola iniciou um novo capítulo em sua história, buscando tornar um espaço para a comunidade indígena como ambiente formador de cidadãos críticos e conscientes para a sociedade.

O PPP ainda ressalta que a incorporação e oferta da disciplina de Língua Terena, bem como disciplina sobre as questões indígenas, pois são temas fundamentais para a comunidade que deseja valorizar a cultura tradicional Terena. As coordenadoras e os professores estão empenhados na integração dos saberes tradicionais às abordagens de ensino conforme o currículo de referência do Estado de Mato Grosso do Sul. No entanto, esse currículo é atualizado para incorporar os conhecimentos e experiências da comunidade da Aldeia Aldeinha, onde a oralidade desempenha um papel significativo no processo de aprender e ensinar.

Tendo em vista a vontade da comunidade em retomar atividades que venham a valorizar a cultura tradicional Terena, a escola tem o projeto intitulado “Abril Indígena - *Hana’iti Kaxe’na Kopenoti- Kali Ipuxovokuti* (Grande dia Indígena - Aldeia Aldeinha), como consta no Projeto Político Pedagógico (2021), pois considera-se essencial o conhecimento da cultura tradicional da comunidade indígena local e suas práticas sociais para planejar e realizar atividades em colaboração com as lideranças tribais. O projeto tem o objetivo de trabalhar atividades como a prática de esportes tradicionais, apresentações de danças, pinturas corporais, grafismo, exposições dos trabalhos dos estudantes e palestras ministradas por anciãos que compartilham seus conhecimentos tradicionais.

Figura 13 - Anciã terena narrando histórias da cultura tradicional para estudantes



Fonte: Facebook EEI Guilhermina da Silva, 2023

O projeto convida anciãos para relatarem suas experiências de vida conforme os costumes tradicionais do Povo Terena e relatam sobre as danças, as vestimentas, a alimentação tradicional e também narram suas histórias e as que ouviam de seus pais e avós sobre os tempos de antigamente, quando ainda não tinham muito contato com os não indígenas.

A partir da participação dos anciãos, conforme planejamento do projeto, os alunos da escola fazem pesquisas, entrevistas, recolhem fotografias, etc, e executam as atividades tradicionais dos Terena: aprendem alguns cantos, aprendem as danças e aprendem a confeccionar as roupas o mais próximo possível de como era antigamente. Também confeccionam cocares para os homens e colares, braceletes e enfeites para as mulheres.

O grafismo e as pinturas corporais também são abordados pelo projeto, assim, anciãos são convidados para falar sobre o significado das pinturas e ensinam os alunos os traços e as cores. Os alimentos tradicionais também têm seu espaço garantido nas atividades do projeto, então, as anciãs são convidadas para vir até a escola e ensinar sobre os alimentos da cultura tradicional do nosso povo.

Figura 14 - Card de divulgação das atividades do Projeto “Abril indígena” de 2023



Fonte: Facebook EEI Guilhermina da Silva, 2023

Durante a Semana dos Povos Indígenas, no mês de abril, a escola promove uma exposição de tudo que é produzido pelos alunos em relação à cultura tradicional. Esta exposição funciona como se fosse uma feira de ciências, quando a comunidade toda de Anastácio é convidada para participar e acompanhar as atividades. Os alunos são preparados para apresentar e explicar sobre sua cultura tradicional.

Figura 15 - Miss Terenoe e professoras expondo vestimentas tradicionais do povo Terena



Fonte: Facebook EEI Guilhermina da Silva, 2023

Figura 16 - Estudantes apresentando e explicando sobre alimentos tradicionais terena



Fonte: Facebook EEI Guilhermina da Silva, 2023

A escola também executa, conforme consta no PPP, o projeto da Horta Comunitária Indígena, que tem como objetivo oferecer aos estudantes da Escola a oportunidade de construir conhecimentos práticos sobre as questões de cultivo de alimentos, e, quando possível, estas atividades podem ser utilizadas em sala de aula, como parte prática relacionada aos conhecimentos escolares.

Figura 17 - Estudantes na horta comunitária



Imagem: Estudantes na horta comunitária, 2023

Figura 18 - Estudantes na horta comunitária



Fonte: Facebook EEI Guilhermina da Silva, 2023

O objetivo deste projeto, é o cultivo de uma horta familiar comunitária na Aldeia Aldeinha, de forma totalmente natural, sem o uso de agrotóxicos. Esses produtos são disponibilizados a preços acessíveis para as famílias da comunidade e também doados para a merenda escolar. Não podemos esquecer que o povo Terena, tradicionalmente, se caracteriza como bons agricultores.

Enfim, ao recorrermos ao Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena Guilhermina Silva percebemos o comprometimento da escola para com a valorização da cultura tradicional do povo Terena. De alguma forma, todo este trabalho aqui relatado acaba tratando da língua tradicional, pois, ao tratar de grafismos, de vestimentas, dos alimentos, das danças, os anciãos acabam por falar as palavras na língua tradicional terena.

CAPÍTULO 4 – DESAFIOS E PERSPECTIVAS LEGAIS PARA FORTALECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA

Ao tomarmos o RCNEI (1998), notamos que tal documento ressalta a valorização e o respeito pelos direitos dos povos indígenas, considerando-se os direitos garantidos a partir da Constituição de 1988, de modo que é considerável as mudanças ocorridas em comparação com tempos no passado, quando indígenas brasileiros foram subjugados à cultura hegemônica. A multiplicidade de cultura, a vastidão de saberes, conhecimentos e tradições, muitas vezes desconsideradas pela sociedade dominante e pelas estruturas de autoridade, hoje são devidamente reconhecidas e valorizadas, criando um espaço propício para a acessibilidade da diversidade e do pluralismo. Vale reforçar que: “O Brasil foi, gradativamente, descobrindo as diferenças culturais que sobreviveram após quase quinhentos anos de tentativas de aculturação e assimilação desses povos. Hoje, é certo que eles não são apenas uma referência no nosso passado, mas que farão parte do nosso futuro.”. (RCNEI, 1998, p. 31).

A Constituição Federal de 1988 inaugurou um novo marco jurídico para a regulamentação das relações entre o Estado e as sociedades indígenas contemporâneas, representando um rompimento com uma tradição que perdurou por quase cinco séculos de políticas integracionistas e assimilacionistas. A citada Constituição Federal reconhece aos povos indígenas o direito de preservar suas expressões culturais singulares. No seu Título VI, intitulado como “Da Ordem Social”, há um capítulo dedicado aos indígenas, no qual se estabelece o reconhecimento de sua estrutura social, práticas culturais, línguas e tradições, bem como os direitos originários sobre as terras que historicamente ocupam, incumbindo à União a demarcação, proteção e o respeito de todos os seus bens. Com a vigência deste texto constitucional, abre-se um horizonte de fortalecimento e reafirmação dos valores culturais, línguas, tradições e crenças dos povos indígenas, mas também contribuir de maneira eficaz para a consolidação e valorização de suas culturas e línguas.

Ainda citando a Constituição de 1988, no seu Artigo 22, inciso XIV, estabelece que a União tem competência exclusiva para legislar a respeito das populações indígenas. O artigo 210 dá contornos de garantia às comunidades indígenas do direito de utilizar suas línguas maternas e métodos de aprendizagens próprios em se tratando da educação escolar, além de reconhecer o direito ao ensino bilíngue em suas escolas. O Artigo 215 estipula como obrigações do Estado o reconhecimento e promoção da preservação das expressões culturais das comunidades indígenas. Desse modo, a escola se torna um meio de enaltecer os

conhecimentos e os modos de produção e renovação cultural próprios, os quais devem servir como base para a compreensão dos valores e das normas de outras culturas.

De acordo com o RCNEI (1998, p.32) o reconhecimento dos direitos educacionais específicos dos povos indígenas foi reafirmado pelo Decreto Nº 1.904/96, que estabelece o Programa Nacional de Direitos Humanos. Neste documento, é estabelecido como meta de curto prazo a elaboração e execução de uma Política voltada para a proteção e promoção dos direitos das populações indígenas, em substituição a abordagens assimilacionistas e assistencialistas. Isso implica garantir às comunidades indígenas uma educação escolar adaptada, que respeite seu contexto sociocultural.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em seu Título VIII – Das Disposições Gerais, os Artigos 78 e 79, tratam exclusivamente da Educação Escolar Indígena. O Artigo 78 estipula que o Sistema de Ensino da União, em colaboração com as agências federais responsáveis pelo apoio à cultura e assistência aos povos indígenas, será responsável por criar programas abrangentes de ensino e pesquisa. Estes visam oferecer educação escolar bilingue e intercultural aos povos indígenas, com o propósito de estabelecer um Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, com o intuito de possibilitar aos indígenas, suas comunidades e povos, a revitalização de suas narrativas históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a promoção de suas línguas e conhecimentos científicos. Já o Artigo 79 estipula que as incumbências iniciais da União devem ser compartilhadas com os demais sistemas de ensino, ou seja, oferta compartilhada com estados e municípios. Ele também especifica os procedimentos para a oferta da Educação Escolar Indígena, enfatizando que os planos serão desenvolvidos com a participação das comunidades indígenas. Além disso, no mesmo artigo, fica claro que os programas têm como metas: reforçar as práticas socioculturais e o uso da língua materna em cada comunidade indígena.

Nos comentários sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, destaca claramente as obrigações e particularidades da educação escolar indígena, enfatizando sua distinção das demais escolas pelo bilinguismo e pela interculturalidade. Ela também permite que as escolas indígenas determinem seu próprio projeto pedagógico, incluindo seus objetivos e métodos para alcançá-los. Em relação ao currículo, a lei destaca a importância de considerar as características locais e regionais, assim como a cultura e a economia, para atender aos objetivos do ensino fundamental. Para garantir uma educação diferenciada, não basta apenas ensinar os conteúdos nas línguas nativas, e é fundamental incluir conteúdos específicos de culturas indígenas e adotar métodos de ensino que respeitem suas tradições. Além disso, a

elaboração do currículo deve ser um processo contínuo, realizado em colaboração estreita com a comunidade indígena atendida pela escola, seguindo suas orientações.

De acordo com a Convenção da OIT (Organização Internacional do Trabalho), a convenção de número 107, conhecida como convenção sobre os Povos Indígenas e Tribais, visa proteger as instituições, pessoas, bens e trabalho das comunidades indígenas, registrando seu direito à alfabetização em suas línguas maternas. Também exige que os Estados signatários ajam contra qualquer preconceito por parte da população nacional que possa prejudicar os povos indígenas, as decisões sobre o seu desenvolvimento. Na década de 1980, ela foi revisada e preservada pela Convenção número 169, que reconhece o direito dos povos indígenas de determinar suas próprias prioridades de desenvolvimento e de participar dos planos governamentais que os afetam. Essa nova Convenção respeita a diversidade étnico-cultural dos povos indígenas em todas as suas formas. No contexto da educação, a Convenção nº 169 permite a participação das comunidades indígenas na formulação e implementação de programas educacionais, no estabelecimento de suas próprias instituições educacionais, e no direito de alfabetizar suas crianças em suas línguas nativas e na língua oficial do país.

Tendo isso exposto, creio ter deixado claro a importância que assume a questão da escolarização formal quando se trata de língua materna e língua majoritária, esta, por sua vez, constante de forma incisiva e massiva nos currículos e propostas escolares oficiais, em que pesa legislação nacional já mencionada neste capítulo. Isso nos leva a refletir que, por mais que haja garantias legais, as instâncias oficiais ainda não estão adequadamente preparadas para a oferta de disciplinas de língua materna indígenas, seja por falta de professores habilitados ou mesmo por falta de preparo das próprias secretarias estaduais e municipais.

Somos todos falantes de uma determinada “língua” e, por ser tão natural o uso da língua em nossa rotina, não costumamos questionar ou mesmo refletir sobre a questão do termo “língua materna” ou “segunda língua”, embora seja, neste segundo caso, comum usarmos o termo “língua estrangeira”, seja por conta da escola (que traz nos seus currículos noções de uma dada língua estrangeira) ou mesmo por termos contato com músicas e filmes, por exemplo, originários de outros países.

No caso deste estudo, é imperativo tratar deste assunto já que o povo Terena tem uma tradição ancestral com sua língua materna e que, por sua trajetória de contato com a sociedade ocidental, acabou por “adotar” a língua portuguesa como língua de uso diário em várias comunidades em que vivem. Deste modo, no caso da comunidade terena da Aldeia Aldeinha, a língua portuguesa tem se constituído como língua materna, já que a maioria de seus membros

não usam a língua ancestral dos Terena. Esta última afirmativa é feita em função da consideração de conceituação que trata língua materna como a que se aprende no seio familiar.

Por razões de afirmação e valorização da identidade étnico cultural, em geral, as escolas indígenas brasileiras mantêm e executam projetos de trabalho didático pedagógico, em especial, com a língua materna, os quais buscam se assentar na ancestralidade do povo respectivo, fazendo, assim, valer os direitos assegurados pela CF/88, em relação a educação escolar específica e diferenciada, como já aponte em seção anterior. Tais trabalhos, lógico, envolvem, também, a retomada das práticas tradicionais da sua cultura tradicional, trazendo a vivência de práticas da cultura identitária do povo. É preciso reforçar a importância do trabalho e o protagonismo pedagógico para com a língua materna. Neste sentido, vale construir uma breve discussão sobre o conceito de língua materna e suas relações de outros modos de compreensão de “língua” conforme seu uso e importância na comunidade que a usa.

Não há dúvidas que a língua falada é instrumento essencial de trânsito tranquilo, de relações e formas de expressão entre pessoas de uma comunidade; é pela língua que se estabelece a aprendizagem de todas as normas e regras de uma sociedade bem como toda e qualquer forma de relações interpessoais. Acompanhando Cardona (2006), Eckert e Frosi (2015, p. 2), o termo língua é entendido como “o elemento primário na vida de uma comunidade, é o instrumento fundamental da interação entre homem e homem e é impossível imaginar um grupo social que não se sirva pelo menos de uma variedade linguística nos seus intercâmbios quotidianos”. Neste aspecto, temos uma conceituação baseada nas inter-relações que se estabelecem entre indivíduos de uma dada comunidade.

Em se tratando de língua materna, com certa facilidade, encontramos tal expressão sendo conceituada como a língua que se aprende com a mãe ou no seio familiar, entretanto, a conceituação não se dá de forma tão natural e tão tranquila, sendo objeto de discussões teóricas ao longo da história acadêmica.

É possível afirmar que a língua materna é aquela que a criança aprende ao iniciar seu processo de fala, junto e convivendo com os familiares?

Se considerarmos tal conceituação, a de língua materna como aquela que se aprende com a família e considerando o caso dos Terena da Aldeia Aldeinha, nos deparamos com algumas discussões teóricas sobre a conceituação, e um dilema acabou por se constituir, pois: Seria mesmo adequado me referir como “Língua Materna” a introdução de trabalho, na escola, para a língua tradicionalmente falada pelo povo Terena, considerando que é a língua portuguesa

que a maioria dos alunos aprenderam com sua família? Como tratar de “Língua Materna” (inclusive como denominação de oferta curricular) na escola da aldeia se os Terena da Aldeia Aldeinha falam, se comunicam rotineiramente em Língua Portuguesa? Seria adequado tratar como “segunda língua”? “Língua adicional”? Seria adequado tratar como “língua ancestral”? “Língua tradicional”? O fato é que se tornou necessário trazer, meio que rapidamente, alguns apontamentos para refletir sobre tais questões.

Althenhofen (2002), ao tratar do conceito de língua materna em contexto bilíngue, faz interessante discussão teórica, trazendo importantes informações de recortes históricos sobre como o conceito de língua materna veio sendo tratado por autores ao longo dos tempos. O autor faz questão de afirmar sobre a complexidade que envolve a tentativa de conceituação e problematiza o uso da expressão “língua materna”, mesmo já naturalizado, em tempos atuais, com a compreensão de que se trata da língua falada a partir do ensinamento da família de convívio, em especial, a partir da mãe. O autor vai desenhando uma série de teses a respeito da conceituação, mas, ainda não responde nossa inquietação, já que o autor constrói questionamentos a partir de uma realidade de comunidades bilíngues e, no caso dos Terena da Aldeia Aldeinha, são monolíngues em Português.

Cruz (2012), ao tratar o caso dos Balatiponé, em situação de quase perda total de conhecimento, domínio e uso da língua materna de seus ancestrais, trata a Língua Indígena daquele povo como segunda língua (L2), tendo em vista a língua portuguesa ser a via de comunicação e aprendizagem familiar de praticamente todos os viventes na Terra Indígena em que vivem. Tal condição do povo Balatiponé, se aproxima em alguma medida com a realidade vivida pelos Terena que habitam a Aldeia Aldeinha. Entretanto, não gostaríamos de tratar a Língua Terena como segunda língua, em vista de desejarmos dar um contorno cultural, com nuances identitárias, à nossa construção de Proposta Didático Pedagógica. Então, o interesse não é dar ideia de menos valorização à Língua Terena em relação a língua portuguesa: “a primeira língua”. O uso da expressão “segunda língua” poderá acarretar um sentido sem muito protagonismo.

Também tratando de situação bilíngue, mas trazendo importantes questionamentos e rompendo com a conceituação e categorização “simplista” (como a própria autora deixa a entender) de L1 e L2, ou seja, primeira e segunda língua respectivamente, Pupp Spinassé (2006) constrói um entendimento de que o conceito e classificação de uma dada língua como Língua Materna pode sofrer variações conforme as diversas situações de uso e sua importância na dinâmica de vida do falante.

De forma geral, contudo, a caracterização de uma Língua Materna como tal só se dá se combinarmos vários fatores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais a vontade... Todos esses são aspectos decisivos para definir uma L1 como tal. (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 5)

Assim, a autora aponta para o fato de classificação em função da importância e do modo que o sujeito se relaciona com a língua. Para a autora, não é por ter sido aprendida no seio familiar que uma língua possa ser classificada eternamente, na vida do sujeito, como língua materna. Se o uso de uma dada língua (mesmo que aprendida tardiamente) faz sentido nas relações sócio afetivas do sujeito com a comunidade na qual vive; se o mesmo sujeito tem domínio pleno da língua, independentemente de ter aprendido ou não com a mãe, para a autora, essa poderá ser considerada como Língua Materna.

(...) a língua desempenha mais do que um papel de integração social e se torna uma língua diária, importante para se viver, detentora de características indenitárias, e o indivíduo a domina como um nativo –, embora tenha havido originalmente um processo de aquisição de SL, temos agora um caso de língua materna. Ou seja, o status de uma língua pode, ocasionalmente, se modificar. (PUPP SPINASSÉ, 2006, p. 5-6)

Para Karen Pupp Spinassé (2006), a aquisição da Língua Materna, ou Primeira Língua, representa um componente essencial na construção do entendimento do mundo por parte do sujeito, pois além da habilidade linguística, são internalizados também os valores pessoais e sociais. Geralmente, é a língua que adquirimos primeiro em nosso ambiente doméstico, por meio dos nossos pais, e frequentemente coincide com a língua predominante na comunidade em que vivemos. É pela língua materna, então, que se constrói a ideia de pertencimento a um dado grupo, a uma comunidade, a uma cultura.

Deste modo, sem me demorar e sem querer adentrar nas discussões teóricas a respeito da conceituação, entendemos que a língua materna do povo Terena da Aldeia Aldeinha é a língua portuguesa, não só pelo ensinamento dos códigos de comunicação aprendidos no seio familiar, mas, por fazer sentido na rotina na qual vivem. Assim, neste trabalho que apresentamos, fizemos opção em mencionar a língua a ser trabalhada em sala de aula, em contexto da disciplina de “Língua Materna” na Escola Estadual Indígena Guilhermina Silva, como “língua ancestral”. Entretanto, as discussões teóricas sobre tais conceituações poderão ser objeto de estudos futuros, tendo em vista as intenções do trabalho aqui apresentado.

É preciso lembrar que a condição linguística do povo Terena tem suas especificidades conforme a comunidade constituída, ao que Custódio e Nascimento (2017), ancorados em Reis, Rodrigues e Gomes (2016), reforçam que

A própria língua terena não é conhecida em termos de sinais escritos por grande parte do povo terena. Nos dias atuais se faz necessário ensinar a língua terena nas escolas, principalmente aquelas sob a denominação de escola indígena. O idioma nativo vem sendo aos poucos esquecido pelas novas gerações, que não veem utilidade para o aprendizado da língua na atualidade. (CUSTÓDIO e NASCIMENTO, 2017, p.5)

Ou seja, a condição de uso da língua nativa, como apontado pelos autores acima, vem sofrendo desuso, em especial, pelos jovens, e, no caso da Aldeia Aldeinha, é uma condição praticamente geral, tendo em vista a característica urbana da comunidade. Tal condição tem impacto diferencial na constituição de identidade enquanto sujeito terena, já que a língua é considerada fator preponderante para a autoidentificação do sujeito.

Considerando que a língua é a identidade de expressão e relações entre membros e, sabidamente, agindo diretamente no estabelecimento das normas e valores de um dado grupo, é possível compreender que a língua e a cultura são indissociáveis, ao que podemos concordar com Coelho e Mesquita (2013) quando afirmam que língua, identidade e cultura têm relação de imanência, são imbrincadas, indissociáveis. Neste aspecto, vale trazer Marilena Chauí que reforça tal compreensão dinâmica da língua e sua relação com a sociedade.

Há um vaivém contínuo entre as palavras e as coisas, entre elas e as significações, de tal modo que a realidade (as coisas, os fatos, as pessoas, as instituições sociais, políticas, culturais), o pensamento (as idéias ou conceitos como significações) e a linguagem (as palavras, os significantes) são inseparáveis, suscitam uns aos outros, referem-se uns aos outros e interpretam-se uns aos outros. (CHAUÍ, 2006, p. 156)

Em tal movimento de uso da língua, das relações de construção de significados e sentidos das coisas, nos processos de interpretação de mundo e de sujeitos vai se constituindo a identidade. Há que se destacar, assim, a questão do uso da língua na construção das identidades, tanto culturais como identidades individuais, lembrando que se trata de um processo de experiência e não simplesmente de relações genéticas ou mesmo consanguíneas. Não se trata simplesmente de ter nascido num determinado local geográfico ou numa determinada comunidade, mas, a identidade é construída nas relações que se estabelecem com os demais sujeitos e movimentos da cultura em que se vive, como explica Castell (2000). Nesta perspectiva, é possível reforçar com Silva (2000, p. 32) que "A linguagem, as narrativas, os

textos, os discursos não apenas descrevem ou falam sobre as coisas, ao fazer isso eles instituem coisas, inventando sua identidade". Ou seja, o papel da linguagem, das narrativas e dos discursos se efetivam como diferenciais na constituição da identidade. Neste aspecto, em se tratando das comunidades indígenas, as narrativas míticas, o uso da língua tradicional e os rituais sagrados, por exemplo, são exemplos bem pontuais de formas e elementos de construção de identidades culturais.

Deste modo, importa tecer alguns apontamentos acerca desta questão da “perda”, do “apagamento”, do “esquecimento” da língua ancestral na condição de uso de uma língua majoritária por uma dada comunidade minoritária.

4.1 Língua ancestral: fortalecimento da cultura tradicional

Muitas são as causas que concorrem para o desaparecimento de uma língua, como a idade avançada dos anciões e anciãs, a morte de seus respectivos falantes, a não transmissão intergeracional da língua, a entrada cada vez mais veloz das tecnologias nas comunidades indígenas, a invasão da língua portuguesa (o inglês também), a perda do território, o contato com outras culturas, a entrada de religiões cristãs nas comunidades indígenas, a falta de financiamento em políticas públicas voltadas para reconhecimento e valorização das línguas ancestrais, a falta de políticas públicas para a produção de materiais didáticos específicos para as escolas indígenas, entre outras questões. (CRUZ e QUINTINO, 2021, p. 44)

Ao abrir esta seção, escolhemos o excerto em epígrafe por representar, em alguma medida, a condição da população indígena brasileira no que concerne ao uso de sua língua ancestral. O caso da Aldeia Aldeinha é perfeitamente próximo das condições apresentadas pelos autores acima, já que os Terena vivenciaram e vivenciam os fatores pelos autores citados, lembrando que a Aldeia Aldeinha se caracteriza por ser uma aldeia urbana e sua população falante, em geral, da língua portuguesa. Se considerarmos o que Cruz e Quintino (2021) trazem de classificação feita pela ONU a respeito de risco de perda de línguas, entendemos que a população da aldeia Aldeinha se encontra na condição de “Definitivamente em perigo: quando as crianças não aprendem mais a língua como língua materna em casa.”. (p. 45).

Vários autores discutem as questões que envolvem o que se costuma chamar de “perda de língua materna” ao estudar e problematizar as condições de vida de populações indígenas, apontando vários fatores para o desaparecimento das línguas ancestrais, como já citamos acima com Cruz e Quintino (2021). Encontramos em Dias de Paula e Xawapare’ymi Tapirapé (2017) uma série de fatores, alguns em concordância com os autores antes citados e acrescentando outros, de caráter mais incisivamente de políticas de dominação, evidenciando o contexto de

globalização como um dos fatores decisivos e de grande ameaça para línguas de povos minoritários.

Há, assim, um poder político, econômico e ideológico que atravessa fronteiras e, ao subordinar países e povos a este domínio, determina também quais serão consideradas línguas com prestígio, quais deverão ser apreendidas por todos os povos para se comunicarem com os detentores do poder. (DIAS DE PAULA E XAWAPARE'YMI TAPIRAPÉ, 2017, p. 217)

Em geral, ao pesquisarmos os estudos já realizados com comunidades indígenas em condição de não uso rotineiro da sua língua ancestral, encontramos estes fatores já mencionados pelos autores que aqui trazemos, portanto, não se faz necessário arrolar inúmeros estudos que somente reforçam o que o movimento da história promoveu, assim, penso ser interessante fazer uma breve discussão sobre a condição linguística dos Terena, em especial, os da Aldeia Aldeinha.

4.2 A questão da “perda do uso da língua materna” entre os Terena

Ao analisarem os diferentes grupos indígenas habitantes de aldeias urbanas na cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, Xavier e Nincao (2020), constataram configurações sociolinguística intrincada, pois a população é originária de diferentes etnias, sendo algumas fluentes na sua língua indígena, enquanto outras não. Em seu estudo, as autoras notaram o uso expressivo e rotineiro da língua portuguesa, sendo a língua tradicional pouco ou quase nada usada na dinâmica diária das aldeias. Tal condição, segundo as autoras, se deve ao fato de que há a necessidade premente de empregar a língua portuguesa para ingressar no mercado de trabalho e assim suprir as demandas de subsistência na sociedade local. E com o uso da língua portuguesa, a língua terena vai se perdendo ao longo do processo, pois já não é ensinada para as gerações do presente e, se não tiver incentivo, também para as futuras gerações. Este estudo vai ao encontro do que Dias de Paula e Xawapare'ymi Tapirapé (2017) discutiram sobre o contexto da globalização como um dos fatores que incidem no desaparecimento de línguas ancestrais.

Um outro fator importante que levou os indígenas ao apagamento e praticamente abandono do uso da língua materna foi a questão territorial, pois, ao deixarem suas terras tradicionais acabaram por ter que se integrar e se misturar com outras culturas. É natural que ao longo do tempo, a sociedade passe por transformações em sua rotina, dado que a cultura é

um fenômeno dinâmico. Contudo, tais mudanças acarretam consequências negativas, como a relutância em falar a língua terena e a falta de prática da cultura indígena entre os jovens. (Pereira e Nascimento, 2013).

A condição linguística da Aldeia Aldeinha foi investigada por Pereira e Nascimento (2013), cujo estudo expressa claramente a situação crítica de existência e funcionalidade da língua originária. Os dados coletados pelas autoras foram uma das fontes de inspiração para a proposta que aqui se apresenta.

Naquele estudo, como já citado acima, as autoras entrevistaram cinquenta pessoas Terena da Aldeia Aldeinha, constatando que, dentre os entrevistados, somente seis falam fluentemente a língua tradicional, entretanto, somente de vez em quando. Tais falantes são as pessoas mais velha da aldeia que, segundo as autoras, ainda tentam ensinar a língua ancestral aos mais jovens. “Mas os indígenas jovens da Aldeinha, de certa forma, se sentem acanhados em falar a língua terena, como apontado no questionário aplicado na comunidade. Até mesmo o fato de não ter uma família falante contribuiu para que eles não falem a língua materna.”. (Pereira e Nascimento, 2013, p. 299)

Ao inquirir sobre a importância da língua materna para o fortalecimento da etnia Terena, as autoras encontraram quarenta pessoas, entre os cinquenta entrevistados, que afirmaram ser a língua materna o fator mais importante para o fortalecimento da cultura. Em que pese a maioria dos entrevistados afirmarem sobre a importância da língua materna para o fortalecimento da cultura terena, as autoras apontam a contradição das respostas, já que as famílias acabam por não ensinar a língua tradicional aos filhos. Lembrando que a pesquisa apontou, ainda, que praticamente metade dos entrevistados citam a escola como uma das responsáveis pelo retorno do uso da língua ancestral, informando também que os entrevistados indicam que a escola deve aumentar o número de aulas da disciplina de língua materna.

É preciso lembrar, no entanto, que os entrevistados apontam que o convívio com parentes de outras aldeias, que ainda usam fluentemente a língua terena, é um fator propício para a difusão da língua ancestral, bem como conversas entre pessoas da família que ainda mantém em uso a língua ancestral. Ou seja, os entrevistados apontam a participação essencial do processo de escolarização formal para valorização e fortalecimento do uso da língua ancestral, mas, também, não deixam de valorizar a socialização entre os Terena falantes como forma de melhor difundir a língua tradicional.

Assim, o trabalho que aqui se apresenta tem grande relevância, já que apresentar material pedagógico com pequenos diálogos em língua terena, retomando trechos de narrativas míticas registradas em língua terena por anciões, bem como lembranças e excertos de falas de anciãos, certamente contribuirá sobremaneira para o projeto de revitalização da cultura tradicional, em especial, retomada de uso da língua terena, nem que seja em recortes, até que se naturalize seu uso na rotina da comunidade, por mais longo que seja o processo.

Naturalmente, em questões de rigor acadêmico, este trabalho se assentou em procedimento metodológicos para ser considerado de cunho científico, assim, a seguir, esclarecemos os caminhos metodológicos adotados para que a proposta didático-pedagógica tenha se constituído como material escolar.

CAPÍTULO 5 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visto que o uso frequente da língua terena vem sendo agravado pelo ensino de língua portuguesa na escola e da urbanização, ao redor da Aldeia, e mesmo que a escola ofereça as aulas de língua terena com um professor fluente na língua, isso não tem contribuído para que todos aprendam a falar a língua.

Este trabalho tem o objetivo, mesmo que a longo prazo, que a população indígena da Aldeia Aldeinha, venha a fazer uso da língua ancestral terena, pois isso muito impacta na identidade e no sentimento de “ser um Terena”. Esse objetivo, se especifica na apresentação de uma proposta didático pedagógica para o trabalho em sala de aula da disciplina de Língua Materna na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. Para atender a este objetivo, alguns procedimentos metodológicos precisaram ser tomados. Assim, se valeu de contornos científicos para dar credibilidade e aceitação ao que é apresentado. Por isso, é importante contar com os estudos de Severino (2007), pois é um autor que esclarece muito acerca da pesquisa científica.

Para este autor, é um tipo de trabalho que

(...) refere-se ao processo de produção do próprio conhecimento científico, atividade epistemológica de apreensão do real; ao mesmo tempo, refere-se igualmente ao conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do estudante; (SEVERINO, 2007, p.1).

Sendo esta pesquisadora uma professora terena, trabalhadora na educação escolar da Aldeia Aldeinha, não seria outra abordagem comportamental de pesquisadora a mais adequada se tomar que não fosse a etnografia. Neste sentido, até por lógica de direcionamento das ações,

o trabalho realizado se constituiu como uma pesquisa participante, ainda acompanhando Mattos(2011). Vale lembrar que é um tipo de pesquisa que, segundo a qual “(...) a produção do conhecimento na pesquisa participante não se faz de modo isolado do sujeito, mas em presença e implica num compromisso efetivo com suas vivências e necessidades sociais cotidianas. (FAERMAN, 2014, p. 44)

Também consideramos como uma pesquisa exploratória, seguindo Gil (2007), cujo autor esclarece que é um tipo de pesquisa que envolve instrumentos de coleta de dado, como pesquisa bibliográfica e entrevistas, cujos instrumentos nos servimos para levantar dados e melhor compreender os estudos das temáticas que envolveram este trabalho aqui apresentado.

Em se tratando de pesquisa bibliográfica, há que se ressaltar a importância da rede mundial de comunicação, já que, muitos materiais bibliográficos que recorremos só tivemos acesso via internet.

A Internet, rede mundial de computadores, tornou-se uma indispensável fonte de pesquisa para os diversos campos de conhecimento. Isso porque representa hoje um extraordinário acervo de dados que está colocado à disposição de todos os interessados, e que pode ser acessado com extrema facilidade por todos eles, graças à sofisticação dos atuais recursos informacionais e comunicacionais acessíveis no mundo inteiro. (SEVERINO, 2007, p. 117)

Sem sombra de dúvidas, a entrevista se revelou como essencial, já que cabe aos anciãos da aldeia a oferta de saberes e suas compreensões acerca da importância da língua terena na rotina da aldeia para reforçamento identitário. A entrevista foi essencial no momento de estabelecer a sugestão dos diálogos rotineiros para serem transcritos na versão da língua terena. Neste sentido, Rosa e Arnoldi (2006), esclarecem sobre a responsabilidade do entrevistador para coleta adequada dos dados.

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo. (p17)

Tendo feito os esclarecimentos teóricos acerca do rigor metodológico, passo a relatar os passos realizados para coleta de dados para a construção deste trabalho, os quais centraram-se em entrevista com anciãos, com o professor da disciplina de Língua Materna da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva e, ainda, oficina com alunos da referida escola.

5.1 Caminhando com/na pesquisa

O primeiro momento foi o de questionar de que modo a disciplina de Língua Terena se posiciona na rotina da escola e na rotina da comunidade da Aldeia Aldeinha, quando se percebeu que os ensinamentos da disciplina, em geral, ficavam restrito ao ambiente escolar, para cumprir o ritual pedagógico da escola. Notamos que, mesmo com a oferta da disciplina, a língua terena não fazia parte da rotina dos alunos em situação social ou mesmo familiar.

Fizemos entrevista com o Professor da disciplina, senhor Jessé Joel Nimbú e perguntamos: “quais são as dificuldades que tem para ministrar a disciplina?” e o mesmo relatou:

Uma das maiores dificuldades na ministração de aula de Língua Materna é o pouco tempo destinado a essa disciplina. Sendo que do 6º ao 9º ano, das series finais é uma aula por turma de 50 minutos. Tempo não suficiente para trabalhar o Ensino da Língua. E outro ponto é a falta de Material didático, sendo que na maioria das vezes sou eu mesmo que elaboro meus conteúdos e atividades. Um ponto negativo também é a questão de nossos estudantes indígenas que tem pouco interesse em aprender a língua terena, uns por vergonha, outros pelo fato de a nossa comunidade estar localizada em perímetro urbano. Vale ressaltar que não foi nós que fomos para cidade, a cidade que chegou até nós.

Assim, ficou mais do que claro a necessidade premente de propor um material didático pedagógico para o trabalho em sala de aula com a disciplina de Língua Materna. Se constituiu, então, a proposta de material propondo leitura, escrita, pintura e tradução para a língua terena. Podendo ser utilizando não somente para as aulas de língua terena, mas como em outras disciplinas também.

Após levantamento e estudo bibliográfico, foi sendo feita a escrita do trabalho, de forma que se privilegiou o histórico dos Terena, o histórico da Aldeia Aldeinha, alguns apontamentos teóricos sobre a legislação escolar e se empreendeu a escrita após muita reflexão a respeito da expressão “língua materna” em contexto da proposta do material didático pedagógico. Há que se registrar que o levantamento sobre o mito de origem dos Terena foi bem trabalhoso, pois há várias versões escritas e só foi encontrado um material com escrita do mito de origem registrado em língua terena. Outro material que usamos, de grande importância foi uma proposta de dicionário da língua Terena/Língua portuguesa.

A partir do registro do Mito de Origem, se propôs a realização de uma oficina com os alunos da escola para a contação do mito. A oficina aconteceu no mês de fevereiro do ano de 2024, nas dependências da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva. Fizemos convite a

alguns anciãos para se fazerem presentes e eles produzirem a contação do mito de origem segundo a versão que conhecem, mas, nenhum ancião se dispôs a participar e, aqui, não cabe discutir as razões desta negativa, pois só pertencem a eles.

Deste modo, a própria autora desta proposta, como professora da referida escola e se baseando na versão adota atualmente, a proposta pelos professores da Aldeia Cachoeirinha, convidamos os alunos para a Oficina.

Inicialmente, a professora deu as boas vindas aos participantes e passou a narrar o mito, fazendo uso de gestuais e barulhos emitidos pelos animais que figuram como personagens da história ancestral. Notou-se bastante atenção por parte das crianças, que riam e se assustavam conforme as passagens da história.

Após a contação do mito de origem, a professora respondeu alguns questionamentos dos alunos e, em seguida propôs a confecção de desenhos livres pelos alunos, a partir do que ficou significativo para os mesmos. A professora distribuiu material, como papéis folha A-4, lápis, borracha, lápis de cor, lápis cêra, canetinhas hidrocor que puderam ser usadas conforme desejados autores dos desenhos. Assim, todos foram para os trabalhos de produção dos desenhos, conforme acompanhamos na Figura 19.

Figura 19 - Contação do Mito de Origem para as crianças.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

A Figura 20 é um exemplo de como as crianças compreenderam algumas das passagens narradas pelo Mito de Origem Terena

Figura 20 – Representações em forma de desenhos sobre o Mito de Origem



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Figura 21- Crianças elaborando os desenhos inspirados no Mito de Origem



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

A coleta dos desenhos, teve a participação de apenas 5 crianças, de 8 a 13 anos, que criaram desenhos representando aspectos culturais e das narrativas do mito que foi contada. Com organização de sessões de desenhos em grupo, incentivando a expressão criativa tendo registro fotográfico e escaneados os desenhos para colocar no material didático.

Figura 22- Produção de desenhos dos alunos



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Em se tratando da proposta de compor diálogos rotineiros para figurar no material didático pedagógico a construção dos mesmos teve a participação ativa das crianças; elas relataram sobre as atividades cotidianas da comunidade, especialmente aquelas envolvendo brincadeiras e atividades escolares.

Os desenhos produzidos na Oficina de contação do Mito de Origem foram essenciais para a composição da Proposta didático metodológica para uso na disciplina de Língua Materna ofertada na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.

Esse método foi escolhido com base na necessidade de compreender os desafios específicos enfrentados pela comunidade na preservação da língua materna. Cada método abordou diferentes aspectos da linguagem e da cultura, proporcionando uma visão abrangente e multifacetada da situação linguística na aldeia. A contação do Mito de Origem permitiu com que essas crianças obtivessem o conhecimento tradicional e que possam identificar características linguísticas da língua terena. O método utilizado contribuiu para uma

compreensão holística da situação e para o desenvolvimento de estratégias eficazes de preservação da tradição e cultura dos Povos Terena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é crucial reconhecer o contexto complexo enfrentado pelos povos indígenas, como os Terena, em relação à preservação e revitalização de sua língua terena e cultura. O processo de colonização e modernização trouxe desafios significativos, levando muitos indivíduos a abandonar sua língua ancestral em favor do português, visto como uma necessidade de sobrevivência em meio à crescente influência da sociedade não indígena.

A perda, ou apagamento ou, ainda, o esquecimento da língua terena não é apenas uma questão linguística, mas também uma perda de identidade cultural tradicional e conexão com as tradições ancestrais. A língua materna é um elemento vital na construção da identidade de um povo, e sua preservação é fundamental para a continuidade e fortalecimento da cultura indígena. Com o uso da língua, vem a valorização das tradições ancestrais do nosso povo.

O trabalho realizado pela Escola Estadual Indígena Guilhermina Silva é louvável, pois busca valorizar a cultura terena e promover o ensino da língua tradicional. No entanto, é necessário um esforço conjunto da comunidade, das famílias e das instituições educacionais para garantir o sucesso desse empreendimento.

É evidente a importância de abordagens pedagógicas que vão além do ensino de palavras soltas, buscando proporcionar uma compreensão mais profunda e significativa da língua terena, incluindo sua estrutura gramatical e seu uso em contextos reais de comunicação. Além disso, é fundamental promover o envolvimento das famílias na transmissão da língua e na valorização das tradições culturais.

É encorajador ver que muitos membros da comunidade reconhecem a importância da língua terena e estão engajados em encontrar maneiras de revitalizá-la. A escola desempenha um papel central nesse processo, mas é necessário um esforço coletivo e contínuo para garantir que a língua e a cultura terena sejam preservadas para as gerações futuras.

A partir das reflexões trazidas, fica evidente que a língua materna desempenha um papel central na construção da identidade cultural e na transmissão de conhecimentos ancestrais. A preservação da língua materna não se restringe apenas ao seu uso como meio de comunicação, mas abarca também a sua valorização como veículo de transmissão de saberes e tradições. A língua ancestral é um elemento vital para a manutenção da memória coletiva e para a perpetuação dos conhecimentos acumulados ao longo de gerações.

É fundamental reconhecer que a língua materna não se limita apenas àquela aprendida no seio familiar, mas engloba uma série de aspectos relacionados ao uso e à importância que a língua tem na vida cotidiana e nas relações sociais de uma comunidade. Nesse sentido, mesmo que a língua portuguesa seja amplamente utilizada pelos Terena da Aldeia Aldeinha, é importante considerar a língua terena como parte essencial de sua identidade étnico- cultural.

Diante disso, é necessário desenvolver políticas e práticas educacionais que valorizem e fortaleçam a língua materna das comunidades indígenas. Isso inclui a implementação de programas de ensino bilíngue e intercultural, que reconheçam a importância tanto da língua tradicional quanto da língua oficial, e que promovam o respeito e a valorização da diversidade linguística e cultural.

A análise profunda da situação da língua ancestral e da cultura tradicional entre os povos indígenas, especificamente os Terena da Aldeia Aldeinha, destaca os desafios significativos que enfrentam. A perda da língua materna e o enfraquecimento da cultura tradicional são consequências de uma série de fatores complexos, que vão desde questões sociopolíticas até mudanças no estilo de vida das comunidades.

A influência da globalização, a urbanização e a pressão para integrar-se à sociedade dominante levaram muitas comunidades indígenas a abandonar gradualmente sua língua ancestral em favor da língua dominante, como o português. A falta de políticas públicas eficazes para promover o reconhecimento e a valorização das línguas ancestrais também contribui para essa situação preocupante.

O trabalho apresentado, que propõe materiais didáticos e estratégias de ensino para promover o uso da língua terena, é um passo importante na direção certa. Ele reconhece a importância da educação e da comunidade na preservação da língua e cultura indígenas e busca enfrentar os desafios específicos enfrentados pela comunidade terena da Aldeia Aldeinha.

No entanto, é de suma importância que esses esforços sejam apoiados por políticas públicas mais abrangentes e por um compromisso contínuo com a preservação da diversidade linguística e cultural do Brasil. Entendo que tal apoio de políticas públicas devem envolver, principalmente, a impressão e distribuição do material didático pedagógico. Entendo que o material didático pedagógico não pode ficar a cargo da “criatividade” e criação de possibilidades somente do professor: é preciso políticas pública de publicação e distribuição de material para todos os alunos envolvidos no processo de aprendizagem e uso da língua terena.

Somente através de uma abordagem colaborativa e holística, que envolva o governo, as comunidades indígenas e a sociedade em geral, podemos garantir um futuro vibrante e diversificado para as línguas e culturas indígenas do país.

É crucial enfrentar os desafios impostos pelo processo de assimilação cultural e pela crescente influência da língua majoritária. O esquecimento e o desuso da língua materna representam uma perda irreparável para a comunidade, resultando na diluição de sua identidade e na fragilização de sua cultura.

CONSULTORES NATIVOS

Évelin Tatiane da Silva Pereira. Moradora da Aldeia Aldeinha, Professora Doutora e também liderança da aldeia.

Felicina Paulo. Anciã e moradora da Aldeia Aldeinha.

Francislaine Chaves. Moradora da Aldeia Aldeinha, professora e secretária da Associação da aldeia.

Jessé Joel Nimbú. Morador da Aldeia Aldeinha, professor e também Conselheiro tribal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão- português).** In: Martius- Staden- Jahrbuch, São Paulo, n.49, p.141- 161, 2002. [ISSN 1677. 051X]
- BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo terena.** São Paulo: USP/ Ministério da Educação, Maio/ 2000.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional da Saúde. **Relatório Anual**, 2010.
- CHAMORO, Graciela; COMBES, Isabela. **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2013.
- COELHO, Lidianne Perreira; MESQUITA, **Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes.** In Entreletras, Araguaína/ TO, v.4, n.1, p.24- 34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 – online)
- CRUZ, Mônica Cidele da; QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Práticas comunitárias de revitalização linguística em aldeias indígenas de Mato Grosso.** (RE)vitalizar línguas minorizadas e/ou ameaçadas: teorias, metodologias, pesquisas e experiências / organização – Patrícia Goulart Tondineli. – Porto Velho, RO: Coleção Pós- Graduação da UNIR – EDUFRO, 2021. p.44. ISBN: 978-65-87539-61-4.
- CUSTÓDIO, Y. M. A.; NASCIMENTO, V. A. **Língua, identidade e cultura: considerações sobre o ensino da língua terena na Escola Sulivan Silvestre Oliveira- Tumuke Kalivono.** Congresso Internacional de Direitos humanos. 14 a 16 de agosto de 2017. UCDB/UFMS.
- ECKERT, K.; FROSI, V. M. **Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave. Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 9, n. 1, p. 198–216, 2015. DOI: 10.14393/DL17-v9n1a2015-10.
- EE INDÍGENA GUILHERMINA DA SILVA. **Projeto Político Pedagógico.** Anastácio-MS.
- FARMANN, Lindamar Alves. **A Pesquisa Participante: Suas Contribuições no Âmbito das Ciências Sociais.** REVISTA CIÊNCIAS HUMANAS - UNITAU • Volume 7, número 1, p. 41-56, jan-jun/2014 • Taubaté-SP - Brasil.
- FARIAS, E. B.; MEDEIROS, H. Q. **O povo terena e a Educação Escolar indígena diferencia e bilíngue em Mato Grosso do Sul.** Notandum 43 jan- abr. 2017- CEMorOC- Feusp/ IJI- Univ. do Porto DOI <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.43.4>.
- FERREIRA, Franchys Marizethe N. S.; SOUZA, Claudete Cameschi de. **A importância e desafio do ensino bilingue na Educação Escolar Indígena, 2018.**
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Diversidade linguística indígena: estratégias de preservação, salvaguarda e fortalecimento** /Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). –Brasília : IPHAN, 2020.
- JÚLIO, A.; SOUZA, C. C. **Língua terena: contribuições para sua documentação.** Acadêmico do curso de licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, da UFMS, Campus de Aquidauana. Departamento de Letras- UFMS, 2016.
- MACÊDO, A. S.; SILVA, C. A. B.; LAMARÃO, N. G. **A situação linguística na comunidade indígena livramento em Roraima.** VI Congresso Nacional de Educação, 2019.

MARQUES, K. O. V.; OLIVEIRA, C. P.; TEIXEIRA, L. R. **Considerações sobre variação linguística na língua terena**. Raído, Dorados, MS/ ISSN 1984- 4018/ v. 15/ n.39/ p.80- 100/ set/ dez 2021.

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PAULA, Eunice Dias de; TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare'ymi. **Revitalização de línguas indígenas no Brasil: o caso dos Apyãwa**. Revista Linguística/ Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p.215- 230. ISSN 2238-975X1.

PEREIRA, E. T. S.; NASCIMENTO, E. C. M. **Mapeamento da língua terena na Aldeia Aldeinha município de Anastácio, MS**. Interações, Campo Grande, v.14, n.2, p.297- 306, jul/ dez 2013.

REGINALDO, Sara. **Aspectos da cultura material e imaterial do Povo Terena da Aldeia Kopenoty-MS**. 2016. UNEMAT- Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour. Barra do Bugres.

ROHDT, Reinaldo Paulo & VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. Formação histórica da aldeia aldeinha (povo Terena) no Município de Anastácio-MS, In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Jan/Julho, Vol. I, n.11, pgs. 98- 113, 2016. ISSN 2525- 670X.

SEBASTIÃO, Lindomar Lili. **A diáspora Guaná (Terena) no pós-guerra da tríplice aliança e os reflexos em seus territórios no estado de Mato Grosso do Sul**. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 16, n. 30, p. 89-110, jan./jun. 2016.

SILVA, D. **Estudo Lexicográficos da Língua Terena: proposta de um dicionário bilíngue Terena- Português**. 2013, 293f. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: **Os Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, Sandra Cristina de. **ALDEINHA: MAS ONDE É MESMO A ALDEIA? ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TERRITORIALIDADE**. Programa de Estudo Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Católica de São Paulo. 2009

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos Língua Materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil**. In Revista Contingentia, Vol. 1, novembro 2006. p.01-10. ISSN 1980-7589

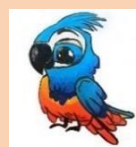
XAVIER, G. V. C.; NINCAO, O. S. **O processo diglósico entre as Línguas Terena e portuguesa nas comunidades indígenas terena de Campo Grande- MS**. In Revista Primeira Escrita, Set/Março, Vol 7, n.1, pgs. 33-41, 2020. ISSN 2359-0335.

ANEXOS

ANEXO A – PROPOSTA DIDÁTICO PEDAGÓGICA PARA ENSINO DA LÍNGUA TRADICIONAL TERENA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO ARLOS ALBERTO REYES
MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. "RENÊ BARBOUR"
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA
INTERCULTURAL - PPGECH



O MITO DE ORIGEM TERENA E OUTRAS HISTÓRIAS



FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT
Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

Soares, Samarah Rohdt.

O mito de origem Terena e outras histórias / Samarah Rohdt
Soares. - Barra do Bugres, 2024.

43 f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto
Reyes Maldonado", Ensino em Contexto Indígena
Intercultural/BBG-PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado
Profissional, Campus Universitário De Barra Do Bugres
"Deputado Renê Barbour".

Orientadora: Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Mito. 2. Povo Terena. 3. Aldeia Aldeinha. I. Paes,
Maria Helena Rodrigues, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 376.74(817.2)

SUMÁRIO

	Apresentação	p. 85
CAP. 1	Mito de origem do Povo Terena	p. 88
1.1	Turí ne terenoehiko;;;;;	p. 89
1.2	Mito de origem – Versão de Herbert Baldus	p. 90
1.3	Mito de Origem – Versão de professores da Aldeia Cachoeirinha, Miranda-MS	p. 91
1.4	Mito de origem do Povo Terena- Versão contada para professores pelo ancião Guilherme Felipe Valério, morador da Terra Indígena de Dourados/MS	p. 92
	EXERCÍCIOS	p. 93
CAP. 2	Um pouco sobre nós	p. 95
2.1	A pressão de colonizadores por terra: empurrando Terenas para fora de seu território	p. 97
	EXERCÍCIOS	p. 98
CAP. 3	Aldeia Aldeinha: um contexto histórico e cultural	p. 100
	EXERCÍCIOS	p. 104
CAP. 4	Características da cultura Terena	p. 106
	EXERCÍCIOS	p. 110
	Diálogos e exercícios na Língua Terena	p. 114
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 119

APRESENTAÇÃO

Temos o prazer de apresentar este material didático pedagógico para contribuir com as aulas da disciplina de Língua Terena da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, na Aldeia Aldeinha. A referida Aldeia, do Povo Terena, localiza-se na cidade de Anastácio, no Estado de Mato Grosso do Sul e, caracteriza-se como uma aldeia urbana, cercada e, por que não dizer “pressionada” por uma grande população não indígena.

Como o leitor irá acompanhar, no decorrer deste material, a Aldeia Aldeinha tem sua história marcada pela figura de dona Umbelina Jorge, que ainda, por volta de 1933, chegou ao lugar e fundou uma comunidade Terena, na época, ocupando uma área de 32 hectares. Mas, por se tratar de uma localização estratégica à beira do Rio Aquidauana, os não indígenas foram chegando e ocupando o lugar, empurrando os Terena cada vez para áreas menores, de forma que, atualmente, a Terra Indígena Aldeia Aldeinha ocupa somente quatro hectares.

Por se tratar de aldeia urbana, e pelas relações que se estabelecem com a sociedade ocidental, os Terena da Aldeia Aldeinha acabaram por adotar a língua portuguesa como a língua mais usada na sua rotina. Além deste tipo de “apagamento” da língua Terena, nós, Terena, da Aldeia Aldeinha também pouco manifestam seus rituais tradicionais. Então, poucos são os falantes da língua tradicional Terena, bem como, poucos conhecem as histórias míticas, os rituais e os alimentos da cultura ancestral Terena.

A escola tem trabalhado com diversas atividades para valorização da cultura e da língua Terena, como este trabalho esclarece ao longo de sua escrita. Assim, a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva está comprometida com a cultura tradicional dos Terena, de forma que em seu Projeto Político Pedagógico prevê atividades anuais que buscam as formas mais tradicionais da dinâmica de vida do nosso povo.

Entre as atividades de valorização da cultura tradicional, a escola oferta a disciplina de Língua Materna/Terena, a qual tem o objetivo de tornar mais viva sua utilização na rotina dos estudantes, de forma que este uso se estenda fora dos limites escolares. Considerando o pouco uso da língua Terena e considerando que a escola não conta com material didático pedagógico para trabalhar na citada disciplina, é que se propõe este material de contribuição com a disciplina de Língua Materna para a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.

Antes de continuarmos está escrita, faço questão de registrar a importância dos alunos da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva que participaram da Oficina de Contação do Mito de Origem que ocorreu no mês de fevereiro de dois mil e vinte e quatro. Os desenhos produzidos por eles embelezam e enriquecem esta proposta de trabalho com a língua Terena.

Não há como deixar de mencionar a diferencial participação da senhora Ginayde Farias, que com muito boa vontade e paciência contribuiu para a tradução dos diálogos em língua portuguesa passando-os para a língua Terena.

Este material foi proposto como parte de atividades do curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural-PPGECII, ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Como resultado deste curso, produzi a Dissertação intitulada “Ensino de língua terena na escola da Aldeia Aldeinha-MS: uma proposta didático pedagógica”, a qual, na verdade, faz um relato de todo processo de pesquisa e ação que resultaram na apresentação desta proposta didático pedagógica.

Neste material você irá encontrar, no Capítulo I, intitulado “Mito de Origem do Povo Terena”, informações a respeito das várias versões que encontramos do Mito de Origem do nosso Povo. Creio que a justificativa de iniciar este trabalho com esta temática centra-se em um dos objetivos centrais deste trabalho, qual seja o de valorizar a cultura tradicional terena. Acredito que quanto mais se tem contato com estas informações, mais elas irão se configurando como importante na história de cada um. Destacamos, neste capítulo, uma das versões do Mito de Origem escrita em língua Terena.

Não há como tratar da língua de um povo sem, ao menos, colocar em evidência sua história e trajetória., principalmente no caso do Povo Terena, que tanto vivenciou e vivencia a dispersão de seu povo por diferentes territórios geográficos. Então, no Capítulo II, que recebeu o título de “Um pouco sobre os Terena”, este trabalho traz informações de sua trajetória desde os tempos que viviam no Êxiva, na região dos Chaco e, a partir do contato com os colonizadores europeus, iniciaram sua longa jornada de busca de novas terras para viver e produzir seu sustento baseado na agricultura. Destacamos, neste capítulo, a figura de dona Umbelina Jorge, que chefiava sua família na busca de um lugar para se assentar e viver com dignidade, futuramente, fundando o lugar que hoje é a Aldeia Aldeinha.

E, por falar em Aldeia Aldeinha, o Capítulo III, intitulado “Aldeia Aldeinha: um contexto histórico e cultural” vem traçando uma linha histórica sobre a fundação do lugar e como se constitui como Terra Indígena, pressionada pela população ocidental. Neste capítulo, encontraremos informações dando conta da luta, persistência e resistência dos Terena que, mesmo em área reduzida (considerando o início da instalação da aldeia), ainda busca, em alguma medida, se diferenciar da população do seu entorno.

Complementando as informações do Capítulo anterior, o Capítulo IV, que trata das “Características da cultura Terena”, traz as informações de práticas da cultura tradicional que os Terena da Aldeia Aldeinha ainda dão evidência e procuram praticar, mesmo que

esporadicamente ou, ainda, como atividades de projeto escolar. Assim, este capítulo traz informações sobre danças, vestimentas e alimentos tradicionais, por exemplo.

Vocês irão encontrar, ao final de cada capítulo uma série de sugestões de exercícios para trabalho com a língua tradicional Terena. Claro, é bom lembrar que todo este material, embora voltado para o trabalho com língua terena, pode ser usado em todas as disciplinas, dependendo unicamente da criatividade do professor ou professora. Assim, este material poderá ser chamado para trabalhar com as disciplinas de História, Geografia, Ciências Biológicas, Meio Ambiente, Matemática, etc.

Antes de encerrarmos este texto de apresentação, quero registrar a importância de um trabalho desenvolvido por Denise Silva, que em 2013, pela UNESP (Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) de Araraquara-SP, apresentou sua Tese de Doutorado intitulada “Estudo Lexicográficos da Língua Terena: proposta de um dicionário bilíngue Terena- Português.”. Trata-se de importante trabalho com a língua terena que poderá ser um rico material de apoio tanto para professores que trabalham com a língua tradicional na escola, quanto para qualquer Terena interessado na língua ancestral de seu povo. Vale registrar que, deste material, fiz uso de alguns pontos, como o abecedário e algumas frases que acabam tendo relação com o texto que trago para esta proposta didático metodológica.

Tomando por base o trabalho de Silva (2013), notamos uma diferença básica se considerarmos o abecedário da língua portuguesa, assim, é notável a diferença entre os dois, de modo que algumas letras que figuram no abecedário da língua portuguesa não aparecem no abecedário da língua terena.

A, MB, ND, E, NG, H, I, NJ, K, L, M, N, O, P, R, S, T, U, V, X, Y, Z.

Assim, a seguir, você iniciará sua aventura com informações sobre o Povo Terena, sua trajetória histórica, bem como informações sobre a Aldeia Aldeinha e alguns dos costumes tradicionais culturais do nosso povo. Reforço: ao final de cada Capítulo, você será convidado a executar algumas atividades, as quais estão voltadas para o trabalho com a língua tradicional Terena.

BOM TRABALHO!!!!

CAPÍTULO I - MITO DE ORIGEM DO POVO TERENA

Este Capítulo se dedica ao registro de diferentes versões do Mito de Origem do Povo Terena. Tivemos certa dificuldade em localizar fontes que registram tal narrativa, em especial, o registro escrito em língua materna. Em se tratando de pessoas da comunidade, a maioria não conhece o Mito de Origem, o que é compreensível, considerando trajetória de tamanha dispersão e envolvimento com a sociedade ocidental, de forma que as histórias tradicionais acabem sendo perdidas com o tempo.

Em busca virtual pelas bibliotecas das Universidades, bem como em sites na internet, encontramos alguns trabalhos publicados que trazem o registro do Mito de Origem, em sua maioria, a opção é pelo uso da versão proposta por professores Terena da cidade de Miranda-MS, como registra Bittencourt e Ladeira (2000). Tais autores trazem ainda a versão de narrativa registrada por Herbert Baldus, no ano de 1947.

É possível afirmar que há várias versões sobre a origem dos Terena, como podemos acompanhar em Oliveira (1968) ao explicar a “Divisão Dual” do nosso povo: Sukirikionó e Xumonó. Naquela obra, o autor cita várias versões da origem mitológica dos Terena, tentando esclarecer acerca destas duas metades.

Enfim, após cuidadosa pesquisa bibliográfica, encontramos o Mito de Origem do Povo Terena escrito em língua materna, cuja versão escolhemos para abrir. Trata-se de um trabalho realizado no âmbito do projeto “Saberes Indígenas na Escola”, na cidade de Dourados-MS, pelo qual o ancião Guilherme Felipe Valério, morador da Terra Indígena de Dourados, foi convidado a narrar o Mito de Origem para os professores em atividade de Formação Continuada. Tal trabalho resultou na publicação do livro “Turí ne terenoehiko”, no ano de 2018, pela Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, com cujo trabalho abrimos a apresentação das versões do Mito de Origem que dispomos atualmente.

1.1 TURÍ NE TEREÑOEHÍKO

Hara kôe né véxetina, apenóvo pohúti hóyeno kóehati Yurikuyuvakae, ákoti ênoo Yoko há'a, yonôti yara kuvéu mêum. Yané kuveuke hanaiti hoikuti enómaka hó'openohíko, koane apemaka hanaiti xuvé tikóti ovohexoku ne vítuka ixomoyea enéo.

- Nonjopi, nonjopi, nonjopi!! Kamoané Yurikuyuvakae ahi'okovane ne xuve tikóti, iná noexo vítuka, ixomoyea êneo koanemaka komomoyea xoko uhóro, yané puhí koene pohúti tûti xâne uhorokuke. Pi'apeke kaxé eneoponimáka né vítuka, xokoyoye ne hanaiti xuve tikoti. Yané pihopinoanemaka ne Yurikuyuvakae komomoponea, noxoné piâti tutiye puhí kôti. Yané mopo'apeke kaxé aukopinovamaka ne Yurikuyuvakae kamoane ne hó'openohiko eneokexea.

- Nonjopi, nonjopi, nonjopi!! Iná ahíokinova. Iná Noxo enô tuti xânehíko, yane kixoane ipíhihikanoé, yané ivákaákoane ako'óyea exa emôutihiko. Ihaxikone kali hovovô, yané taliki, taliki koéne ne hovovô nonekukehíko ne xanehíko, turixonovéhiko uhé'eyeá koane koyuhókexea.

Ina kixoahíko, Yurikuyuvakae:

- Undi ihae mêrum, kene itínoe ihae poké'e, inzaxopitinoe Tereno'e. Uké'exoa yuhoixea itaikoaniko éxea ra mêum.

1.2 Mito de origem – Versão de Herbert Baldus

“Diz que antigamente não havia gente. Bem-te-vi. *vítuka*, descobriu onde havia gente debaixo do brejo. Bem-te-vi marcou o lugar aos *Orekajuvakái* que eram dois homens e estes tiraram a gente do buraco.

Antigamente, *Orekajuvakái* era um só e quando moço a sua mãe ficou brava, pois *Orekajuvakái* não queria ir junto com ela à roça. Foi à roça, tirou oice e cortou com ela *Orekajuvakái* em dois pedaços. O pedaço da cintura para cima ficou gente, e a outra metade também.

Antes de tirar a gente do buraco *Orekajuvakái* mandaram tirar fogo, *iukú*. Pensaram quem vai tirar fogo. Foi o tico-tico, *xavokóg*. Ele foi e não achou fogo. Depois foi o coelho, *kanóu*, e tomou o gogo dos seus donos, os *Tokeóre*.

O *konóu* chegou onde estava os *Orekajuvakái* e foram fazendo grande fogueira. Gente levantou os braços e *Orekajuvakái* tirou do buraco. Toda gente era nu e tinha frio e *Orekajuvakái* chamaram para ficar perto do fogo. Era gente de toda raça.

Orekajuvakái sempre pensaram corno fazer falar esta gente. Mandaram-na entrar em fileira um atrás do outro. *Orekajuvakái* chamaram lobinho, *okué*, para fazer rir a gente. Lobinho fez macacada, mordeu no próprio rabo, mas não conseguiu fazer rir. *Orekajuvakái* chamaram sapinho, aquele vermelho, *kalaláke*. Este andou como sempre anda e a gente começou a dar risada. Sapinho passou ida e volta ao longo da fila três vezes. Aí a gente começou a falar e dar risada.

Orekajuvakái ouviram que cada um da gente falou diferente do outro. Aí separaram cada um a um lado. Eram gente de toda raça. Como o mundo era pequeno, *Orekajuvakái* aumentou o mundo para o pessoal caber.

Orekajuvakái deu uns carocinhos de feijão e milho e deu mandioca também e ensinou como se planta. Deu também semente de algodão e ensinou como tecer faixa. Ensinou fazer arco e flecha, ranchinho, roçar e plantar.”. (BITTENCOURT E LADEIRA, 2000, p. 23)

ALÍCIA

1.3 Mito de Origem – Versão de professores da Aldeia Canhoeirinha, Miranda-MS

“A criação do povo Terena

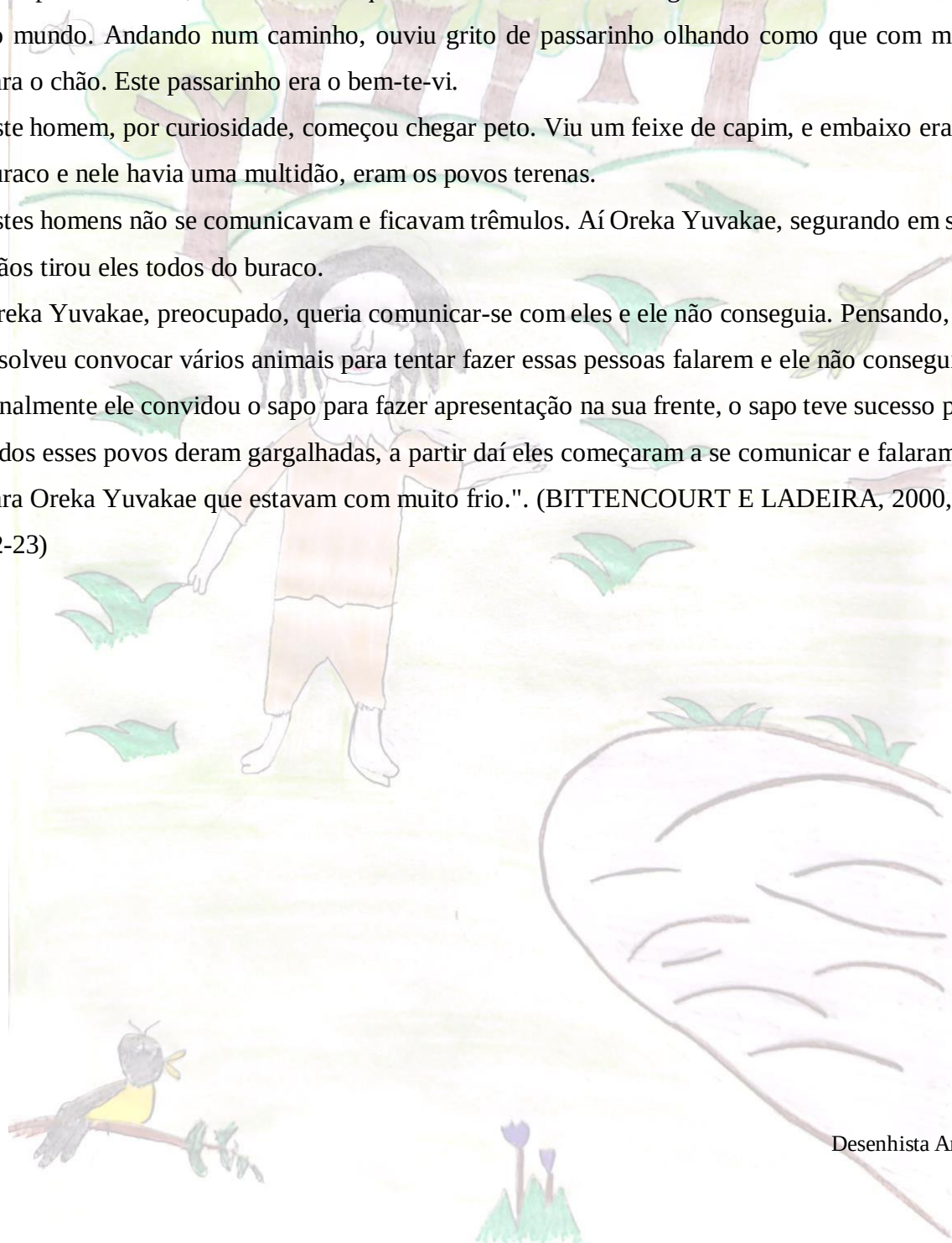
Havia um homem chamado Oreka Yuvakae. Este homem ninguém sabia da sua origem, não tinha pai e nem mãe, era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouviu grito de passarinho olhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi.

Este homem, por curiosidade, começou chegar perto. Viu um feixe de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos terenas.

Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Aí Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos tirou eles todos do buraco.

Oreka Yuvakae, preocupado, queria comunicar-se com eles e ele não conseguia. Pensando, ele resolveu convocar vários animais para tentar fazer essas pessoas falarem e ele não conseguia.

Finalmente ele convidou o sapo para fazer apresentação na sua frente, o sapo teve sucesso pois todos esses povos deram gargalhadas, a partir daí eles começaram a se comunicar e falaram para Oreka Yuvakae que estavam com muito frio.”. (BITTENCOURT E LADEIRA, 2000, p. 22-23)



Desenhista Arthur

1.4 Mito de origem do Povo Terena- Versão contada para professores pelo ancião Guilherme Felipe Valério, morador da Terra Indígena de Dourados/MS.

No início havia um homem chamado Yurikuyuvakae, sem pai e nem mãe, que caminhava solitário pelo mundo.

Em uma floresta, onde havia muitos pássaros e outros animais, em uma grande árvore, um bem-te-vi cantava assim: “bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi!”.

O homem entendia o significado: “bem-te-vi”.

Então, foi se aproximando da árvore e viu que o pássaro cantava olhando para o chão. Foi quando ele avistou uma cabeça saindo de um buraco na terra. O bem-te-vi continuava a cantar e já era o segundo dia de caminhada quando o homem avistou a segunda cabeça.

No terceiro dia, aproximou-se da árvore, e o pássaro cantava novamente:

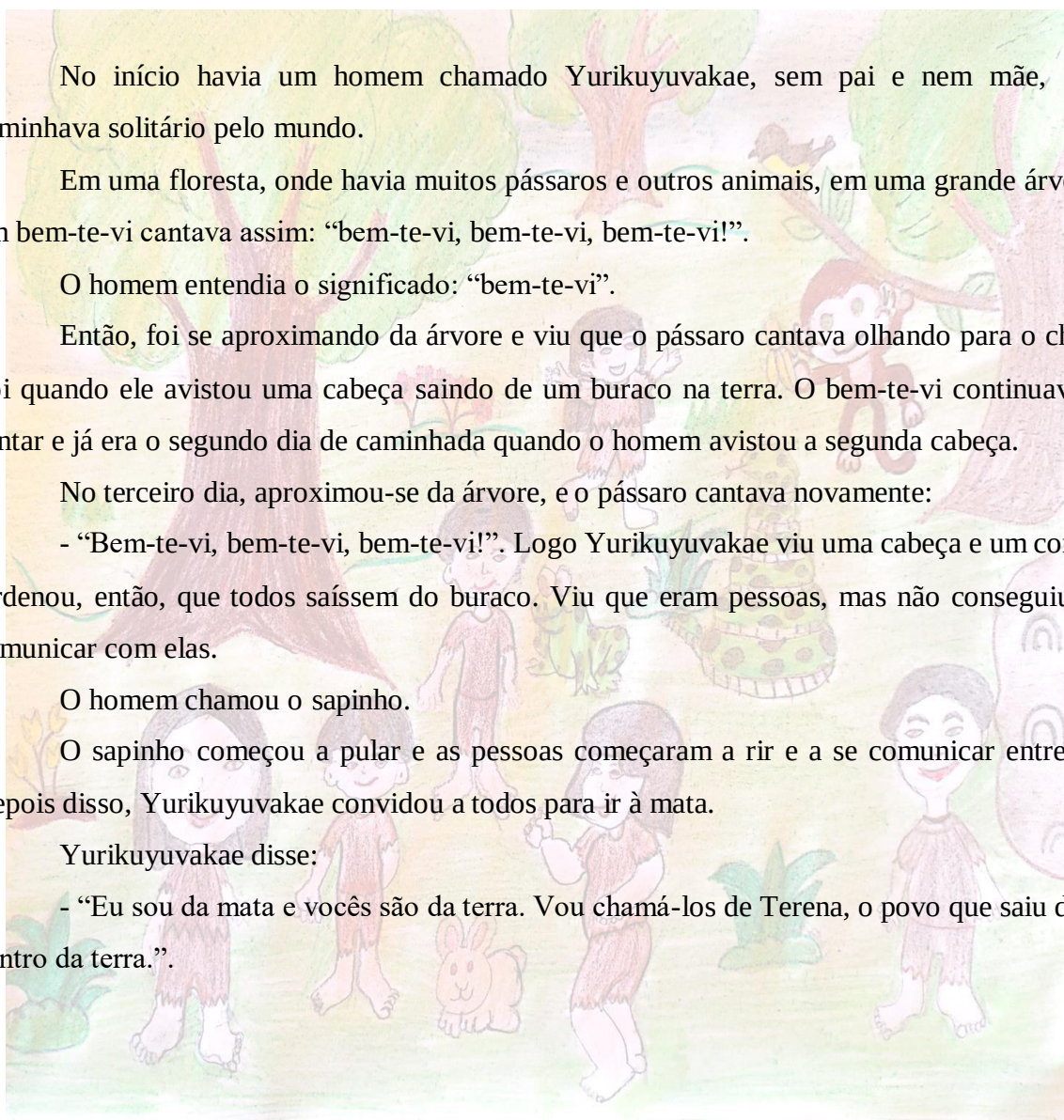
- “Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi!”. Logo Yurikuyuvakae viu uma cabeça e um corpo. Ordenou, então, que todos saíssem do buraco. Viu que eram pessoas, mas não conseguiu se comunicar com elas.

O homem chamou o sapinho.

O sapinho começou a pular e as pessoas começaram a rir e a se comunicar entre si. Depois disso, Yurikuyuvakae convidou a todos para ir à mata.

Yurikuyuvakae disse:

- “Eu sou da mata e vocês são da terra. Vou chamá-los de Terena, o povo que saiu de dentro da terra.”.



EXERCÍCIOS

Como vimos, há várias versões sobre o Mito de Origem do Povo Terena. Evidentemente, além destes aqui registrados, há outras formas de narrar a origem do nosso povo.

Então, pergunte para seu pai, sua mãe, seus avós se conhecem o Mito de Origem dos Terena. Peça que narrem para você a versão que conhecem e faça o seu registro.

No retorno para a sala de aula, discuta com seus colegas e professor/professora sobre as diferentes versões da narrativa e tentem compreender as razões para tantas diferenças no modo de narrar o Mito de Origem.

1. Após realizar a leitura e discussão sobre o Mito de Origem do Povo Terena, faça as atividades de interpretação textual:

A) Quem era Yurikuyuvakae?

B) Como Yurikuyuvakae se comunicou com as pessoas que estavam dentro do buraco?

C) Para você, o que o comportamento do bem-te-vi simboliza na história?

2. Use a sua imaginação e realize um desenho sobre o Mito do Povo Terena.

3. Com a ajuda do(a) professor(a) escreva o nome na língua Terena e língua Portuguesa dos seguintes animais e aves:



Fonte: Arthur, 2023



Fonte: Heloisa, 2023



Fonte: Heloisa, 2023



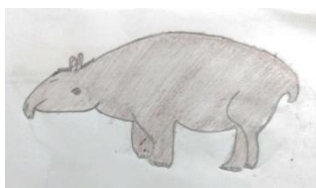
Fonte: Heloisa, 2023



Fonte: Arthur, 2023



Fonte: Miguel, 2023



Fonte: Miguel, 2023



Fonte: Alícia, 2023



Fonte: Miguel, 2023

CAPÍTULO II - UM POUCO SOBRE NÓS

Nós, os Terena somos como os últimos membros de um grupo chamado Guaná, que significa "muita gente". Os Guaná eram um povo que vivia no sul da América do Sul, entre o Paraguai e o Brasil. Eles eram feitos de diferentes grupos, como os Mbaya Guaicuru e os Guarani. Depois de uma guerra, nós encontramos em um lugar seguro chamado Mato Grosso do Sul, onde vivemos agora.

Falamos uma língua chamada Aruak e vivemos em diferentes lugares, como Anastácio, Aquidauana, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Nioaque, Rochedo e Sidrolândia. Alguns também vivem em Porto Murtinho, Dourados e até em São Paulo. Alguns grupos Terena se mudaram para o Estado de Mato Grosso, na região norte, onde conseguiram suas próprias terras, como nos conta Sara Reginaldo, uma Terena que vive atualmente na Aldeia Kopenoty, em Peixoto de Azevedo/MT.

Souza (2009) usa as informações de Carvalho (1979) para explicar que a região do Chaco era habitada por treze nações indígenas que ainda não estavam sob o controle dos colonizadores, embora estivessem cercadas por províncias espanholas. Entre essas nações, havia os Guaná, que eram compostos por diferentes povos, um deles sendo nós, os Terena. Mesmo sendo todos chamados de Guaná, cada povo tinha sua própria cultura e língua. Dentre os povos que viviam no Chaco, os autores mencionados acima destacam os Guarani, com uma população de 40 a 50 mil pessoas, os Mbayá, com 3 a 4 mil indivíduos divididos em várias tribos, e os Guaná, que eram mais tranquilos e amigáveis, com cerca de 300 mil membros.

Os Mbayá eram conhecidos por serem bons guerreiros, excelentes caçadores que montavam em cavalos. Isso os tornava fortes em batalha, já que tinham habilidades e armas especiais que outros povos não tinham. Nós, os Terena, por outro lado, eram ótimos agricultores. Os Mbayá/Guaicuru muitas vezes nos atacavam para conseguir comida, porque nós plantávamos muitos alimentos.

Para evitar de sermos atacados o tempo todo, nós decidimos dar pacificamente comida aos Mbayá/Guaicuru. Isso fez com que os Mbayá/Guaicuru fossem como chefes e, como ajudantes que cuidavam das plantações. Às vezes, haviam brigas na região porque os Mbayá/Guaicuru eram mais fortes militarmente, já que usavam cavalos, enquanto outros grupos eram mais fracos e se dedicavam à agricultura. Mesmo assim, eles acabaram vivendo em paz juntos.

Então, a amizade entre os Guaná e os Guaicuru aconteceu porque eles tinham estilos de vida diferentes. Os Guaná eram bons agricultores que cultivavam perto de suas aldeias,

enquanto os Guaicuru viviam da caça e da pesca em grandes territórios.

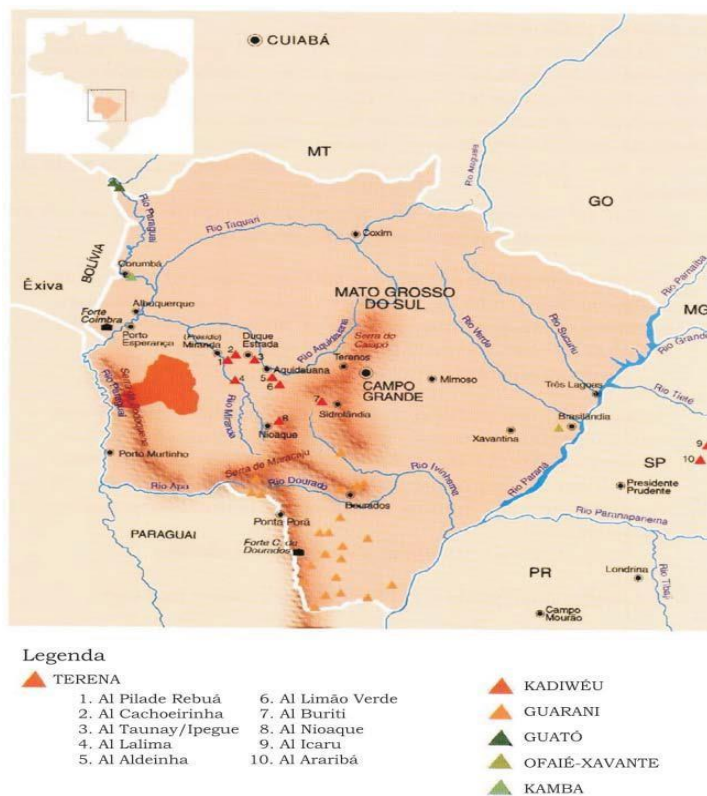
Quando os europeus chegaram aqui, a nossa história mudou. No começo, até parecia que íamos se dar bem com os colonizadores, mas a coisa mudou. Os não indígenas vieram ocupando as terras e expulsando os nossos povos nativos. Primeiro vieram os espanhóis, depois os portugueses, todos atrás de ouro e prata que encontraram por aqui. Eles foram construindo suas vilas e trazendo coisas novas que mudaram tudo.

Esses colonizadores brigavam muito entre si por causa dessas riquezas, e os nós acabávamos sendo afetados por essas brigas também. Nossos antepassados sofreram bastante com isso.

Lá por volta de 1791, os Guaicuru, que eram nossos vizinhos ficaram cansados de serem explorados e expulsos de suas terras pelos espanhóis. Eles brigaram contra os espanhóis e foram empurrados até o rio Miranda, onde se estabeleceram em 1796. Eles se juntaram aos portugueses para lutar contra os espanhóis e ajudaram a manter o Brasil na fronteira. Nós, também tivemos participação nessas lutas e fomos sendo obrigados a sair de nossas terras.

Naquela época, as terras estavam vazias, ninguém morava nelas. Então, nós fomos encontrando lugares onde podíamos viver e plantar nossas comidas, do jeito que sempre fizemos.

Figura 1 – Ocupação Indígena em Mato Grosso do Sul



Fonte: Pereira e Nascimento, 2013, p. 29

2.1 A pressão de colonizadores por terra: empurrando Terenas para fora de seu território

Durante o tempo do Império, entre 1822 e 1889, o governo autorizou pessoas de outros países a explorar o Brasil. Um desses exploradores foi Langsdorff, que entre 1825 e 1829 visitou nossas terras e contou ao mundo como vivíamos.

Quando o Brasil se tornou independente, em 1822, as pessoas tentaram viver em paz, seguindo os mesmos jeitos que Portugal tinha ensinado. Enquanto isso, onde hoje são países como Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, onde havia mais espanhóis, eles também estavam se tornando independentes da Espanha. O Paraguai, especialmente, queria mais território e acesso ao mar para poder fazer mais comércio com outros países.

Em 1864, o governador do Paraguai, Solano López, inventou uma desculpa para invadir o Brasil e a Argentina, querendo pegar territórios para ter acesso ao mar. O Brasil, a Argentina e o Uruguai se juntaram para lutar contra o Paraguai. Durante essa guerra, o governo brasileiro pediu ajuda aos negros escravos e aos indígenas, como nós, os Terena, para lutar e produzir comida para os soldados. Eles lutaram bravamente nessa guerra.

Depois da Guerra do Paraguai, por volta de 1870, nossos antepassados viram muitas pessoas ocuparem nossas terras. Essas pessoas tinham lutado na guerra e decidiram ficar por ali mesmo. O governo brasileiro até incentivou essa ocupação para proteger as fronteiras.

Nós tivemos que enfrentar muitas dificuldades. Alguns lutaram para proteger suas terras, mas outros acabaram trabalhando para os fazendeiros que não eram indígenas. A convivência era muito difícil porque todos queriam as nossas terras.

Os fazendeiros, naquela época, até culpavam-nos por coisas que não tínhamos feito, só para poderem nos explorarmos. É triste ver que, mesmo depois de ajudarem o Brasil na guerra, nossos antepassados não foram reconhecidos e viram suas terras serem tomadas por outras pessoas, com apoio do governo brasileiro.

Com todas essas mudanças, muitos de nós fomos perdendo um pouco de nossa cultura tradicional e começamos a seguir mais a cultura ocidental, que era a maioria ao nosso redor. Isso fez com que algumas pessoas nos tratassem de forma ruim só porque éramos diferentes, o que é muito triste. Parece que tentaram fazer isso para ocupar nosso tempo, nossa cultura e nosso espaço tradicional.

EXERCÍCIOS

Após este breve relato sobre os Terena e, em especial, culminando na formação da Aldeia Aldeinha, vamos fazer alguns exercícios sobre estes temas?

- 1- Converse com sua família e tente compreender a origem de seu pai e sua mãe. Nasceram já na Aldeia Aldeinha? Vieram de outra área? Tem parentesco com Dona Umbelina? Escreva um breve texto sobre sua origem
- 2- Pergunte a seu pai, sua mãe e seus avós se conheceram dona Umbelina ou se sabem sua história e importância para a formação da Aldeia Aldeinha. Escreva sobre as informações das memórias que coletou sobre Dona Umbelina.
- 3- Discuta com seus colegas, em sala de aula, sobre o que pensam sobre as razões da Aldeia Aldeinha possuir somente 4 hectares, se, no passado, a família de Dona Umbelina tinha garantido cerca de 32 hectares para estabelecer uma área Terena.
- 4- Ao ler o texto sobre os Terena e a formação da Aldeia Aldeinha, notamos que há vários registros de palavras na Língua Terena. Destaque tais palavras, escreva-as em língua Terena e seu significado em língua portuguesa.

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

- 5- Como a participação dos Terena na Guerra do Paraguai influenciou sua identidade cultural e territorialidade?
- 6- Quais foram os principais momentos históricos que definiram a identidade dos Terena, de acordo com o texto?

- 7- Quais são os principais fatores que desenvolveram para o aumento da população e das famílias que vivem na Aldeia Aldeinha nas últimas décadas, e como isso afetou sua dinâmica interna e suas relações com o entorno urbano?

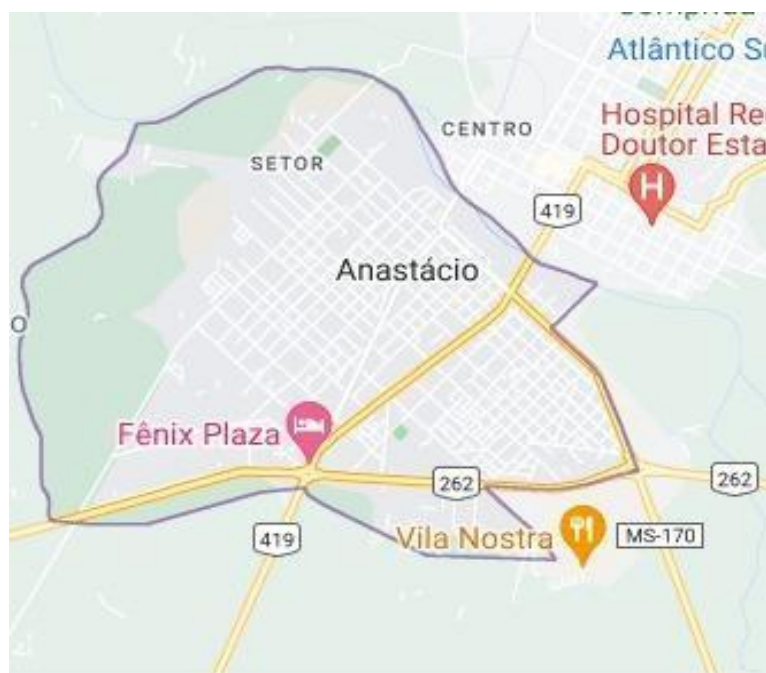
CAPÍTULO III - ALDEIA ALDEINHA: UM CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

Quando visitamos o site oficial do governo do Estado de Mato Grosso do Sul, aprendemos sobre como o estado foi criado e como as pessoas antigas viviam aqui. Antigamente, no século XVI, exploradores europeus chegaram e começaram a construir acampamentos perto dos rios para descansar durante suas viagens entre o litoral e as minas de ouro. Em 1979, o Estado de Mato Grosso do Sul foi criado, e hoje tem 79 cidades com mais de 2 milhões de pessoas. A capital é Campo Grande. (<https://www.ms.gov.br/pagina/sobre-o-ms2281>, 2023)

Mas, quando olhamos para a história de Anastácio no site da prefeitura, não vemos nada sobre nós, os Terena, o povo indígena que vivia aqui. A história conta sobre a família da Dona Umbelina Jorge, que foi uma das primeiras a morar aqui. Mas outros estudos mostram que os primeiros moradores não foram só os europeus.

Como professora Terena, eu sei que é importante lembrar da história da nossa comunidade. Não vamos esquecer que Anastácio começou como uma "Aldeinha", onde a família de Dona Umbelina Jorge se mudou e fez o lugar crescer.

Figura 2 - Área do município de Anastácio/MS



Fonte: Google Maps, 2023

Atualmente hoje, possuem 400 pessoas vivendo na Terra Indígena Aldeia Aldeinha, formando 140 famílias. Ela fica no município de Anastácio, perto do rio Aquidauana, a 127 km

da capital, Campo Grande.

Anastácio tem uma área grande, mas a nossa Aldeia é bem pequenininha, ocupando só cinco quadras, mais ou menos 4 hectares. Antes, ocupávamos uma área maior, onde fazíamos várias coisas importantes, como plantar, pescar e caçar.

Se olharmos no Google Maps, vemos que a nossa Aldeia Aldeinha mudou muito desde que foi fundada pela família de Dona Umbelina Jorge, lá em 1933. Hoje em dia, é uma aldeia urbana, porque muitas pessoas se mudaram para lá e a cidade foi crescendo.

Figura 3 - Em destaque a Área da Aldeia Aldeinha.



Fonte: Google Earth, 2024.

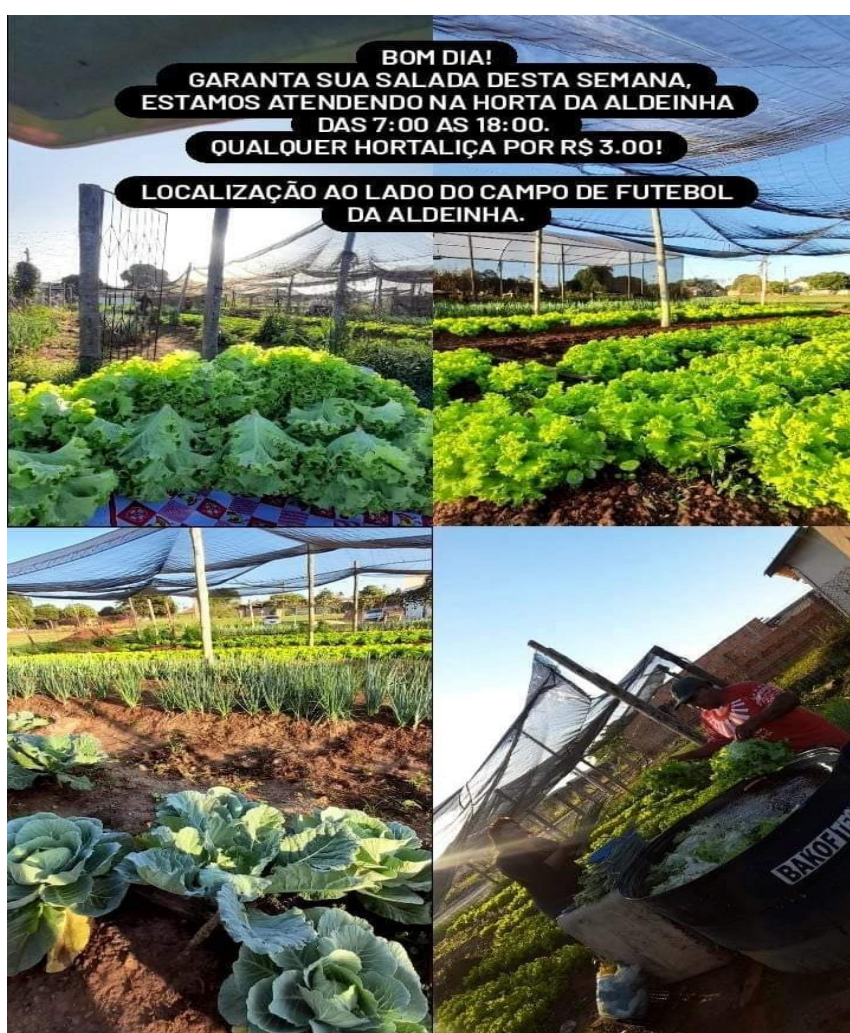
Infelizmente, a nossa cultura tem sido prejudicada pelo contato com a cultura ocidental. Às vezes, as pessoas acabam esquecendo nossa língua e nossos costumes tradicionais. Na nossa aldeia, muitas crianças, jovens e até adultos não falam muito bem a língua terena no dia a dia. Deixando somente o professor de língua terena e alguns anciões na aldeia falarem, isso quer dizer que só usamos a língua terena na escola e poucas vezes em casa.

Antigamente, na nossa aldeia, as famílias faziam comidas tradicionais, como beiju, hihi e bolo de jenipapo. Também pescavam e preparavam peixe para assar em folhas de bananeira.

Mas agora, com mais pessoas de fora da aldeia, começamos a comer coisas diferentes, como refrigerante, chimarrão e tereré, e até cuca e cachorro-quente.

Mas mesmo com essas mudanças, algumas famílias ainda mantêm nossas tradições. Elas continuam plantando e fazendo bolos de mandioca, e ainda pescam no rio Aquidauana. Mas, a maioria frita o peixe em vez de assar como antes. Com toda a mudança de costumes tradicionais, em relação aos alimentos, ainda podemos ver famílias praticando a agricultura, como a família do senhor Milton Campos, que cultiva verduras como nossos antepassados faziam.

Figura 4 - Horta familiar do Sr. Milton Campos divulgando a produção



Fonte: Facebook Marinez Rodrigues Campos, 2024

Na aldeia, as casas das famílias são todas pertinho uma da outra, e geralmente, quando os filhos se casam, eles moram perto dos pais ou sogros. Mas com a cidade crescendo, às vezes não tem mais espaço para construir novas casas, então muitos constroem longe dos pais. As casas na aldeia são feitas de tijolos, possuem banheiro, cozinha, quartos e têm água e luz como

nas cidades. Mas elas não têm muitos detalhes que mostrem nossa cultura tradicional.

Na aldeia, temos também um líder chamado cacique, que junto com o conselho tribal, ajuda a tomar decisões importantes. Antes, só homens podiam ser líderes, mas agora até mulheres podem ser líderes ou vice-líderes, o que é muito legal porque mostra que as mulheres também podem ajudar a liderar.

Na aldeia, é muito importante como a gente se organiza e escolhe nossos líderes, porque assim conseguimos manter nossa história e tradições. E na escola, é legal aprender sobre como é ser indígena.

No próximo capítulo vamos falar sobre como é a nossa língua na aldeia.



EXERCÍCIOS

1. Quais foram os principais eventos históricos que influenciaram a dispersão e as transformações culturais do povo Terena ao longo do tempo?
2. Localize e pinte no mapa do Brasil as áreas de ocupação tradicional do povo Terena, destacando as regiões onde se encontram suas principais aldeias e reservas indígenas.



Fonte: <https://www.infoescola.com/geografia/mapa-do-brasil/>

3. **Identifique no texto fornecido os trechos que apresentam informações sobre as práticas culturais, costumes e tradições do povo Terena. Liste pelo menos três e transcreva para a língua Terena.**

4. **Se uma área de reserva indígena Terena possui 19.500 hectares, e deseja-se dividir essa área igualmente entre 7 aldeias, quantas hectares cada aldeia receberá?**

5. **Sabendo que o território original dos Terena foi reduzido ao longo do tempo, se uma aldeia inicialmente ocupava 40 hectares de terra e agora possui 4 hectares, qual foi a redução percentual no tamanho da aldeia?**

CAPÍTULO IV- CARACTERÍSTICAS DA CULTURA TERENA

Nosso povo Terena sempre foi bom em se relacionar com outras pessoas, como vimos antes, quando falamos sobre como ajudamos na guerra. Mas, por causa disso, acabamos esquecendo algumas de nossas tradições. Ainda assim, muitas delas continuam vivas. Alguns parentes pesquisadores Terena estão trabalhando para manter essas tradições vivas.

Nossos antepassados costumavam se alimentar da agricultura, caça e pesca. Mas, com o tempo, ficou mais difícil fazer isso porque mais fazendas e cidades foram se espalhando, ocupando o espaço deles. Muitos tiveram que trabalhar em fazendas por pouco dinheiro, e outros tiveram que ir morar nas cidades, onde nem sempre tinham uma vida boa.

Com tudo isso acontecendo, a forma como eles se alimentava também mudou. Eles não podiam mais plantar como antes, então começaram a comprar comida nos supermercados. Alguns de nós estão se esforçando para aprender e preservar como era a comida tradicional do nosso povo. Estudam sobre isso e compartilham o que descobrem. Por exemplo, na Revista Pantaneira, tem informações sobre a comida tradicional do nosso povo Terena.

Usávamos muito a mandioca para fazer vários alimentos, como beiju, farinha e bolo de mandioca. Antes nossos antepassados cultivavam feijão e milho, que vendiam o ano todo, mas as coisas mudaram ao longo do tempo. Antes, os mais velhos ensinavam os mais novos a caçar e pescar, mas hoje em dia, muitos animais desapareceram e os rios estão secando, então não é mais tão fácil pescar. As florestas foram substituídas por pastagens.

Figura 5 - Comida tradicional como mandioca frita, Hihi, bolo de jenipapo e bolo de fubá.



Fonte: Facebook EEI Guilhermina da Silva, 2023

Antes, nossos antepassados costumavam fazer cerimônias importantes, como casamentos, de uma certa maneira. Por exemplo, os casamentos eram feitos em redes, mas agora muitos acontecem em igrejas católicas ou evangélicas. Porém, às vezes, em dias especiais, como o dia dos povos indígenas, algumas famílias ainda escolhem fazer suas cerimônias tradicionais.

Hoje em dia, essas celebrações ainda acontecem, mas de forma um pouco diferente. Por exemplo, as danças são separadas entre mulheres e homens. As mulheres dançam de um jeito gracioso e delicado, enquanto os homens dançam com movimentos mais fortes e atléticos. Eles usam roupas diferentes também. As mulheres costumavam fazer suas roupas com um tecido chamado "chitinha", e os homens usavam penas de ema para fazer suas roupas e cocares. Agora, eles usam roupas feitas com um tecido chamado juta, e a decoração delas tem significados especiais. Por exemplo, desenhos que parecem triângulos abertos representam as casas das famílias indígenas, e círculos concêntricos representam a união e a paz entre os povos. As cores das roupas também têm significados: o vermelho representa o sangue derramado em conflitos, o preto representa a guerra e o luto, e o branco representa a paz. As mulheres Terena adoram se enfeitar com colares feitos de sementes, brincos de penas bonitas, tiaras e cocares de penas coloridas de todos os tamanhos. Elas também usam braceletes e tornozeleiras para ficarem ainda mais bonitas.

Figura 6 – Dança tradicional com dança das mulheres Terena, com vestimentas confeccionadas com juta



Fonte: Facebook /Évelin Hekeré, 2023

Quando as mulheres dançam, é como se estivessem contando uma história com seus

movimentos. Uma dança chamada Siputrena (putuputu) é muito especial para elas. Elas dançam juntas, segurando os braços uma da outra, e essa dança representa a alegria que sentiam quando os guerreiros voltavam para casa após uma batalha. Mesmo que hoje em dia nossos guerreiros não estejam mais em guerra, ainda dançamos para manter viva a cultura e a tradição do nosso povo.

Os homens Terena vestem roupas feitas de uma planta chamada buriti. Eles pegam os brotos dessa planta e os transformam em saias. Depois de retirar o caule, eles cortam tiras que são costuradas com barbante para formar a saia. O tamanho do barbante depende do tamanho da cintura de quem vai usar a saia. Além disso, os homens também usam cocares, colares feitos de sementes e uma espécie de vara chamada taquara, que é usada nas danças tradicionais. A dança dos homens é chamada Hiokexeti Kipae (passo da ema). Essa dança é muito especial porque tem diferentes partes, cada uma representando uma coisa: a chegada dos guerreiros, a despedida dos guerreiros e a comemoração das vitórias dos guerreiros. Eles dançam em um círculo grande, dando passos largos, e batem nas taquaras enquanto dançam.

Figura 7 – Dança dos homens Terena



Fonte: Facebook/Évelin Hekeré, 2023

Outra coisa legal é que muitos dos nossos parentes sabem fazer cerâmicas, que na maioria das vezes mulheres são as responsáveis por fazer as cerâmicas. Elas começam pegando a argila, que é como uma massa de modelar. Existem três tipos diferentes de argila: uma escura, uma vermelha e uma branca. Cada uma é usada para fazer uma parte diferente da cerâmica, como dar forma, dar cor e fazer os detalhes bonitos. Mesmo com todas as mudanças que

aconteceram ao longo do tempo, como parar de caçar e pescar tanto e mudar as cerimônias antigas, nós ainda lutamos para manter nossas tradições vivas. E por mais que adaptamos nossas danças e roupas para nos encaixarmos na vida de hoje, fazemos de tudo para continuar valorizando e lembrando da nossa cultura. Isso ajuda a manter a comunidade unida e também enriquece a diversidade cultural do Brasil.

Figura 8 - Cerâmica produzida pela artesã Dilaine Sebastião.



Fonte: Facebook/Dina ArtsTerena, 2023

EXERCÍCIOS

1. Ligue as cores com seus respectivos nomes na Língua Terena.



HONONO'ITI



HIYA'ITI



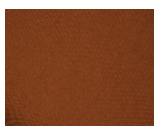
HARARA'ITI



HARARARAHITI



HAHA'ITI



HONO'ITI

2. Faça a tradução das palavras abaixo e em seguida realize o caça-palavras.

Purutuyé		Kalivono	
Siputrema/Putuputu		Ipuxovoku	
Hiokexeti Kipae		Xuve	
Nakati		Akane	
Arunoe		Etakati	
Evo'i		Hituri	

X	U	V	E	A	Q	T	H	I	K	A	Í	V	L	I	W	Y	B	E	Ç	É	X	A	F	I
O	K	A	N	Q	U	R	A	Z	Ó	T	U	W	A	P	Y	F	Î	X	A	N	Z	T	H	M
D	Ç	É	H	B	O	N	D	A	L	Á	P	A	T	U	P	U	T	U	H	Y	B	S	Ú	G
Î	N	Á	T	Ê	C	O	N	S	C	Y	N	W	E	X	S	L	E	Y	Ç	O	S	R	E	S
K	G	V	U	I	Y	P	O	H	B	E	I	L	I	O	R	E	S	M	G	J	D	R	I	U
O	Z	L	O	T	V	N	A	C	G	E	Q	X	É	V	Q	C	E	P	H	I	L	P	W	O
S	A	C	I	G	O	R	E	Í	L	A	G	Z	D	O	P	A	B	D	E	M	U	O	A	L
Í	G	G	F	V	U	M	D	J	J	X	P	I	H	K	R	I	Ç	V	U	T	E	Q	W	Y
R	C	Ó	I	A	L	N	H	J	I	K	N	B	K	U	H	E	N	T	R	L	E	C	R	U
U	E	L	T	N	I	P	T	R	O	N	C	O	O	L	B	D	I	E	S	R	L	E	E	T
H	A	D	W	O	N	A	K	A	T	I	V	U	M	M	Q	L	M	K	T	U	V	Ç	Ó	U
K	U	B	Ã	U	H	W	D	A	N	Ç	A	D	A	E	M	A	K	Q	P	W	U	P	J	R
E	Q	N	I	S	E	L	Q	V	U	J	O	D	E	Ç	C	R	I	A	N	Ç	A	Í	H	U
H	I	O	K	E	X	E	T	I	K	I	P	A	E	J	Q	Q	D	A	S	S	Q	C	E	P
A	K	A	N	E	W	I	L	F	O	P	U	D	Y	Z	U	Ç	E	V	O	I	T	G	U	O
E	T	A	K	A	T	I	R	A	V	A	R	U	N	O	E	W	Y	P	H	I	T	U	R	I

3. Ligue as figuras ao seu nome em Língua Terena.



KAKETI



IHAKU



NAKATI



XEKI XUME



HIXO

4. Descreva o processo de produção de peças de cerâmica pelos Terena, desde a coleta da matéria-prima até a finalização das peças.

Diálogos e Exercícios na Língua Terena

- Leia os diálogos e, com ajuda do(a) professor(a) faça versão para a Língua Portuguesa.

Diálogo I

Asafe: Nakeyeye, Thaemy, neixoane né inamati peyó tamuku né Gustavo?

Thaemy: Em, koati uhe'ekoti, noinjoameku Gustavo ixo'ópexoati.

Asafe: Ngaha'amaka apeyea induke kuteati

Thaemy: Nguteanemaka, koati exóti ne tamuku kopeyoa uti.

Diálogo II

Alícia: Nakeye, Sara! Kuti yómo nikemo ko'oyene?

Sara: Unati, Alícia! Híhi ómo Yoko lapâpe, kene îti?

Alícia: Lapâpena fúba ómo yoko pohuti íyeu pânana, hinga vesa'íkoati?

Sara: Em, hingá?

Diálogo III

Laura: Júlia, níkeane né lapápena xúpu?

Júlia: Êm, koati énone anzá'axo , kehá'a itátane?.

Laura: Ngahá'a, yokóseananu! Ainapo yakoe!

Júlia: Ako yuvati.

Diálogo IV

Sophia: Enô, motova ngátarakea pi'ati marakáya hiyá'iti?

Enô Sophia: Áko'o inziné, hanekone kali peyó uti, Kali marakaya hiyá'iti

Sophia: Yokóseananu, ngahá'atiko po'i kali pi'ati marakáya.

Enô Sophia: Viyaikopo, itea pí'akopo. Koane itimo porexia nîka, nexóa?

Sophia: Ainapo yakoe, êno!

Diálogo V

Carlos: Bia, ituko lapápena xúpu né êno! Koati úheti.

Bia: Anzá'axoa lapápena né xúpu, énone itúko êno xapa ayuiti

Carlos: Irópokexomaka xúpu né êno, nikápo ûti kiyoné'e káxe kiyakaxeke.

Bia: Imako uhékomea, kene né êno hôte irópokexomaka.

Carlos: Anzá'axoa né hôte.

- **Faça a ilustração dos diálogos IV E V. Use sua criatividade.**

➤ Faça a versão das palavras abaixo para a Língua Terena:

➤

Mãe: _____

Mandioca: _____

Gato: _____

Dois: _____

Comida: _____

Branco: _____

Amarelo: _____

Peixe: _____



Esta é a horta do senhor Milton Campos, na Aldeia Aldeinha. Está bonita, né?

Mas, seu Milton está com problemas, pois sua enxada se quebrou.

Note que há duas formas do senhor Milton expressar seu problema:

Inarakone ra **anزارana**. "A minha enxada quebrou".

Inarakoti ra **ahara**. "A enxada está quebrada".

Sobre a escrita da “fala” na língua terena, uma informação importante é dada por Silva (2013), explicando sobre o uso de verbos do tempo no infinitivo (isso na língua portuguesa).

No caso da língua terena, informa a autora, não há esta condição de diferenciação de verbo no tempo infinitivo, então, se entrou no acordo de que o sentido da frase, ou da conversa é que dará o sentido equivalente na língua portuguesa, e deu o seguinte exemplo:

Nikoti ra yekoteno. “O velho está comendo”

EXERCÍCIO

Faça entrevista com anciãos da sua família ou de família de amigos seus e busque o nome dos alimentos tradicionais em língua terena que eles conseguem nominar;

- a) Escreva-os em língua terena
- b) Produza um desenho com cada alimento que identificou

Considerando o exemplo acima, utilize a frase já construída na língua terena e acrescente, ao final, cada alimento que conseguiu conhecer o nome em língua materna:

Nikoti ra yekoteno _____

Nikoti ra yekoteno _____

Nikoti ra yekoteno _____

Nikoti ra yekoteno _____

Nikoti ra yekoteno _____

Nikoti ra yekoteno _____

Nikoti ra yekoteno _____

Nikoti ra yekoteno _____

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo terena**. São Paulo: USP/ Ministério da Educação, Maio/ 2000.

Comitê Editorial Cone Sul Ação Saberes Indígenas na Escola. **Turí ne terenoehiko/** Comitê Editorial Cone Sul Ação Saberes Indígenas na Escola. – Dourados, Ms: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2018.

FERREIRA, Franchys Marizethe N. S.; SOUZA, Claudete Cameschi de. **A importância e desafio do ensino bilíngue na Educação Escolar Indígena, 2018.**

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PEREIRA, E. T. S.; NASCIMENTO, E. C. M. **Mapeamento da língua terena na Aldeia Aldeinha município de Anastácio, MS**. Interações, Campo Grande, v.14, n.2, p.297- 306, jul/dez 2013.

REGINALDO, Sara. **Aspectos da cultura material e imaterial do Povo Terena da Aldeia Kopenoty-MS**. 2016. UNEMAT- Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbours. Barra do Bugres.

ROHDT, Reinaldo Paulo & VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. Formação histórica da aldeia aldeinha (povo Terena) no Município de Anastácio-MS, In **Revista de Comunicação Científica** – RCC, Jan/Julho, Vol. I, n.11, pgs. 98- 113, 2016. ISSN 2525- 670X.

SOUZA, Sandra Cristina de. **ALDEINHA: MAS ONDE É MESMO A ALDEIA? ORGANIZAÇÃO SOCIAL E TERRITORIALIDADE**. Programa de Estudo Pós Graduados em Ciências Sociais. Universidade Católica de São Paulo. 2009